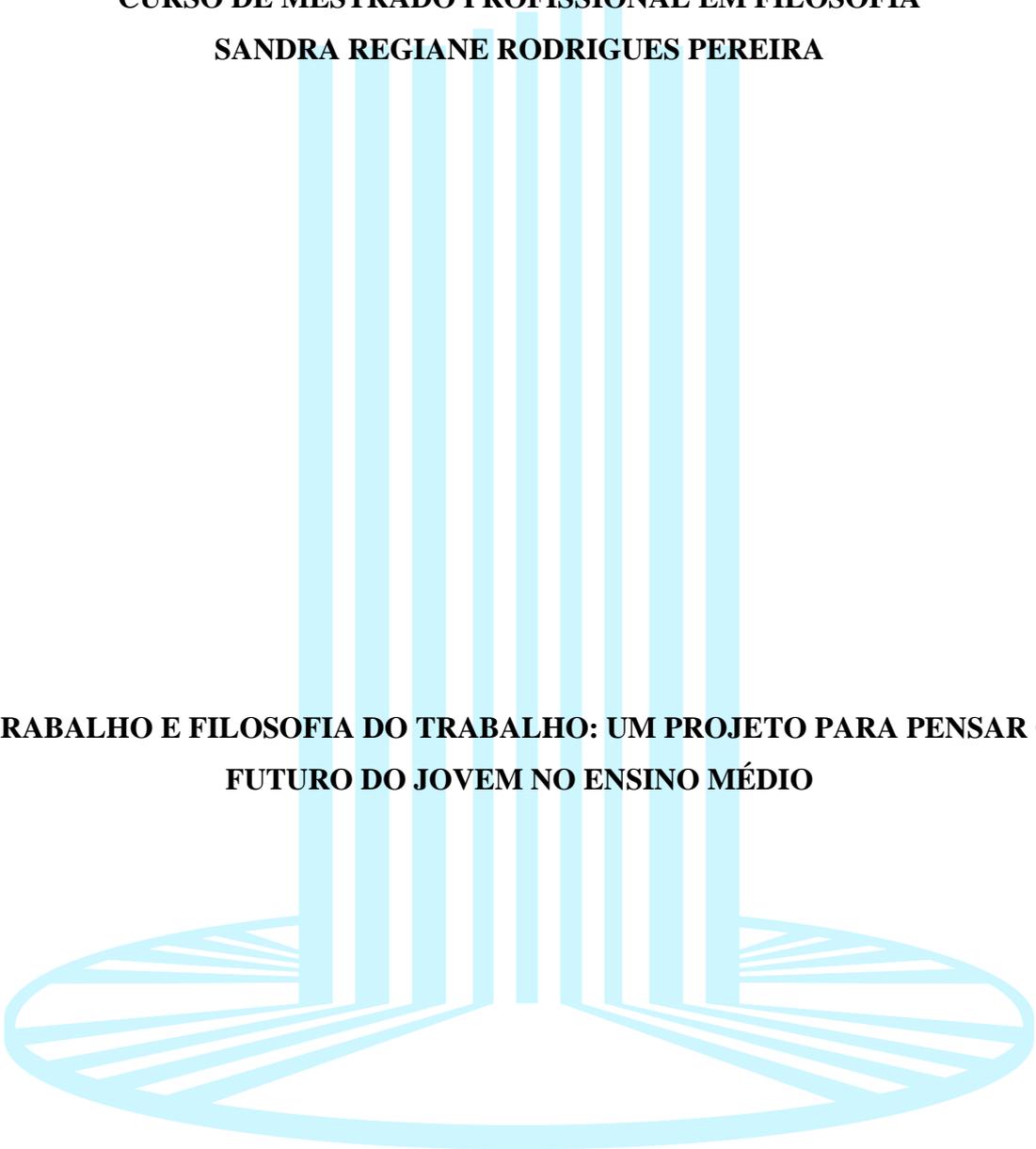


**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA
SANDRA REGIANE RODRIGUES PEREIRA**

**TRABALHO E FILOSOFIA DO TRABALHO: UM PROJETO PARA PENSAR O
FUTURO DO JOVEM NO ENSINO MÉDIO**

A large, light blue graphic of the UFMS logo, consisting of a circular base with radiating lines and a central column of vertical lines, is positioned behind the text.

UFMS

Campo Grande

2021

SANDRA REGIANE RODRIGUES PEREIRA

**TRABALHO E FILOSOFIA DO TRABALHO: UM PROJETO PARA PENSAR O
FUTURO DO JOVEM NO ENSINO MÉDIO**

Dissertação apresentada à banca examinadora do programa de Mestrado Profissional em Filosofia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) como exigência parcial para a obtenção do título de mestre em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. RICARDO PEREIRA DE MELO

Campo Grande

2021

*Dedico este projeto, entre leituras e escritas às
minhas razões de viver: Angelo Matheus,
Luíza Fernanda, Amanda Lafaiane e Laura
Cristina.*

AGRADECIMENTOS

Estudar em um país que tão pouco valoriza a educação e pensar que esse esforço não terá um retorno financeiro é complicado. Acredito que quem o faz, é por sentir que está no caminho correto, não sei se profissional, ou de vida mesmo.

Muitos foram os motivos para não continuar, motivos que me apertam o coração e marejam os olhos. Não desisti... Rumo ao final tenho apenas agradecimentos.

Aos meus filhos, Angelo Matheus, Luíza Fernanda, Amanda Lafaiane e Laura Cristina, perdoem-me pelos filmes não assistidos, pelos “rolês” não realizados; mas saibam que vocês são minhas inspirações a nunca desistir de tudo que inicio, pois sei que exemplos falam mais que palavras.

Ao meu esposo Angelo, que me levou e buscou inúmeras vezes, repetindo que “o não você já tem... Tenta o sim”, válido para a vida.

Aos meus pais, Ana Helena e Olivino, que mesmo sem instrução elevada sempre me incentivaram a estudar, sábios por natureza.

Aos meus irmãos, Rogério e Vânia pelo simples fato de me amarem como sou.

Às amigas Camila e Maria Teresa, pelo apoio necessário no momento certo.

Aos professores doutores que tiveram muita paciência para me instruir e orientar; aos colegas de turma que contribuíram nessa construção. Aos que desistiram, um até logo, afinal somos professores e nos cruzamos pelas salas de aula, sejam reais ou virtuais; aos que concluíram parabéns, mais uma etapa...

Ao meu orientador professor Dr. Ricardo Pereira de Melo, agradeço pelo direcionamento e pelo incentivo em participar de eventos que jamais sonharia se não fosse esse universo do mestrado.

À vida que me proporcionou esse aprendizado! Gratidão, apenas...

Devemos estar persuadidos que o verdadeiro tem a natureza de eclodir quando chega o seu tempo, e só quando esse tempo chega-se manifesta; por isso nunca se revela cedo demais nem encontra um público despreparado (HEGEL, 2002, p. 70)

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo relatar a pesquisa filosófica realizada a partir das aulas de Filosofia sobre a importância do trabalho à luz do pensamento hegeliano, e verificar as possibilidades de análise da relação do mundo do trabalho e os jovens estudantes do terceiro ano do ensino médio, no que tange aos seus aspectos sobre o trabalho na educação do homem dentro da filosofia do trabalho. O refletir filosófico da concepção do trabalho para os seres humanos permite a visualização da passagem do que é material para a compreensão de si mesmo e do outro. Na obra *Fenomenologia do Espírito*, Hegel expõe sistematicamente como a consciência se apresenta na sociedade moderna e como o espírito livre expressa o seu saber, exteriorizando-o na cultura material e imaterial na constante formação na própria história da humanidade. Para compreender o trabalho na complexidade da sociedade contemporânea globalizada, é necessário entender o trabalho e sua essência fundamental para a existência humana, uma vez que, quando o homem modifica a natureza, transforma a si mesmo. Na referida obra o filósofo apresenta a parábola do Senhor e do Escravo, em que duas consciências buscam o reconhecimento da consciência-de-si e caminham para o reconhecimento da consciência-para-si. O trabalho então, é entendido como a mediação que supera o individualismo e registra refletidamente sua característica naquilo que era apenas natureza, traduzindo essa intencionalidade em cultura (*Bildung*). Nessa visão civilizatória do processo de humanização do ser, as autonomias são preservadas a partir da valorização do trabalho, da produção coletiva. A partir do trabalho o homem é capaz de projetar-se, idealizando objetos, ou seja, o trabalho possui uma finalidade. Logo, o trabalho age sobre a natureza das coisas e na natureza das relações entre os sujeitos, e, ao mesmo tempo em que o ser humano se autoproduz pelo trabalho surgem contradições que perpassam esse processo. O processo de ensino e aprendizagem filosófico que ocorreu dentro de sala, externou-se a partir de eventos promovidos pela instituição escolar e ofertados para a comunidade interna (estudantes do ensino médio, professores, funcionários e pais dos estudantes) e comunidade externa (convidados, professores e estudantes de outras redes de ensino). Assim, com o intuito de entendimento dessa relação trabalho e o mundos dos homens, finaliza-se com pesquisa quantitativa-qualitativa a partir da qual pode-se inferir acerca da práxis humana, que abrange alguns aspectos da vida em sociedade.

Palavras-chave: Trabalho. Filosofia do Trabalho. Hegel. Mediação. Reconhecimento.

ABSTRACT

The present work aims to report a philosophical research carried out from philosophy classes on the importance of work in the light of Hegelian thought, and to verify the possibilities of analyzing the relationship between the world of work and young students in the third year of high school, regarding its aspects about work in the education of man within the philosophy of work. The philosophical reflection of the conception of work for human beings allows the visualization of the passage of what is material to the understanding of oneself and the other. In the work *Phenomenology of Spirit*, Hegel systematically exposes how a conscience presents itself in modern society and how the free spirit expresses its saber, exteriorizing it in material and immaterial culture in constant formation in the history of humanity. To understand work in the complexity of contemporary globalized society, it is necessary to understand work and its fundamental essence for human existence, since, when man modifies nature, he transforms himself. In correcting the work, the philosopher presents a parable of the Master and the Slave, in which two consciences seek the recognition of self-consciousness and walk towards the recognition of self-consciousness. The work, then, is understood as the mediation that overcomes individualism and reflectively registers its characteristic in what was just nature, translating this intentionality into culture (*Bildung*). In this civilizing vision of the process of humanization of being, autonomies are preserved from the valorization of work, of collective production. From work, man is able to project himself, idealizing objects, that is, work has a labyrinth. Therefore, work acts on the nature of things and on the nature of relationships between subjects, and at the same time that the human being self-produces through work, contradictions arise that permeate this process. The process of philosophical teaching and learning that took place inside the classroom emerged from events promoted by the school institution and offered to the internal community (high school students, teachers, employees and parents of students) and the external community (choice, teachers and students from other educational networks). Thus, in order to understand this relationship between work and the worlds of men, it ends with a quantitative-qualitative research from which it can be inferred about human praxis, which covers some aspects of life in society.

Keywords: Work. Philosophy of Work. Hegel. Mediation. Recognition.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. O TRABALHO EM HEGEL	13
2.1 A QUESTÃO DO TRABALHO E DIREITO NO JOVEM HEGEL	16
2.2 A DIALÉTICA DO SENHOR E DO ESCRAVO NA FENOMENOLOGIA	26
2.3 DIALÉTICA E RECONHECIMENTO NOS CONCEITOS DE EDUCAÇÃO E DE TRABALHO A PARTIR DE HEGEL	37
3. A PASSAGEM DA ESCOLA PARA A SOCIEDADE CIVIL.....	48
3.1 ETAPA 1 DO PROJETO REFERENTE AO ANO DE 2020.....	49
3.1.1 AULA 1	49
3.1.2 AULA 2	56
3.1.3 AULA 3	57
3.1.4 AULA 4	57
3.1.5 EVENTO “DIÁLOGOS DEMOCRÁTICOS”	58
3.2 ETAPA 2 DO PROJETO REFERENTE AO ANO DE 2021.....	66
3.2.1 AULA 1	67
3.2.2 AULA 2	67
3.2.3. A PALESTRA	68
3.3 QUESTIONÁRIO.....	70
3.3.1 METODOLOGIA DE APLICAÇÃO	70
3.3.2 TABULAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	76
4. CONTRIBUIÇÕES A PARTIR DA PERSPECTIVA HEGELIANA PARA A REFLEXÃO DA FILOSOFIA DO TRABALHO NO ENSINO MÉDIO	89
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	93
ANEXO A: PRODUÇÕES DOS ALUNOS REFERENTE AS AULAS 2 e 4 DE 2020.....	97
ANEXO B: PROJETO ENVIADO À CRE 10 E À SED EM 2020	99
ANEXO C: MODELO DE TERMO DE AUTORIZAÇÃO DO USO DE IMAGENS	105
ANEXO D: ARTES PRODUZIDAS PARA DIVULGAÇÃO DO EVENTO EM 2020.....	106
ANEXO E: PRODUTOS PEDAGÓGICOS DOS ESTUDANTES APÓS O EVENTO EM 2020	111
ANEXO F: PROJETO ENVIADO AO CRE 10 E SED EM 2021.....	114
ANEXO G: QUESTIONÁRIO PARA COLETA DE DADOS	118

1. INTRODUÇÃO

A história do mundo está unida ao trabalho efetuado pelos diferentes povos em diferentes contextos históricos. Todavia, o conceito de trabalho é estudado na educação formal, apenas nos componentes curriculares de História e Sociologia¹, e a reflexão filosófica sobre a filosofia do trabalho configura-se por vezes, deficiente de análise. Ressalta-se que a filosofia do trabalho aqui abordada, faz-se intrínseca à perspectiva hegeliana, a partir da qual o trabalho é o meio de desenvolvimento do indivíduo, culminando na realização do ser humano. Quanto ao campo de reflexão, essa questão é situada à deriva no campo do ensino, destinando-se apenas ao âmbito histórico e/ou sociológico.

A reflexão filosófica no cotidiano do estudante do ensino médio, projeta-se numa tentativa de compreender o mundo do estudante. A educação filosófica permite ao discente verificar a perplexidade diante do mundo que está exposto e a possibilidade de vislumbrá-lo enquanto um lugar melhor. Assim, o presente estudo tem como objetivo descrever uma pesquisa filosófica, no qual as aulas de Filosofia possibilitaram o pensar filosófico do trabalho como “fazer de todos”², além da compreensão do pensar a Filosofia em sala de aula, e como esta pode contribuir à reflexão do estudante no ensino médio para o mundo do trabalho e para além dele, a partir dos escritos de Hegel.

Pode-se ligar o contexto histórico do jovem ao contexto social ao qual pertence. Assim é imprescindível a valorização da subjetividade humana que tenta conhecer sua realidade e reconhecer o outro. Esta observação passiva vai aos poucos, caminhando para o entendimento que a consciência faz e passa a agir sobre o mundo.

A presente pesquisa detém como esfera norteadora de investigação, a função que o trabalho exerce no cotidiano dos estudantes do ensino médio, e como essa relação é apercebida por eles. Nesse sentido, visa-se verificar a correlação entre trabalho, liberdade, necessidade, consciência, reconhecimento e linguagem.

Acreditamos que as aulas de Filosofia pautadas em valores éticos de responsabilidade, respeito, alteridade e reconhecimento tendem a desenvolver a consciência-de-si, e reconhecimento do outro – de nós – no mundo. A partir da leitura de Hegel, apresentamos esse caminho descrito na *Fenomenologia do Espírito*, e o desenho que se faz numa lógica do

¹ A Lei nº 11.684/08 altera o art. 36 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e afirma-se a inclusão das disciplinas de Filosofia e Sociologia em caráter obrigatório nos currículos do ensino médio.

² Santos (1993, p. 52-56) estabelece que o fazer de um é o fazer de todos tendo em vista a perspectiva da divisão social do trabalho. Como produto do fazer, tem-se a mercadoria, produto universal da esfera do mercado.

reconhecimento, para além da ideia de dominação sobre o outro, objetivando a emancipação humana.

A *Fenomenologia do Espírito* de Hegel é uma obra publicada em 1807 que busca o entendimento do mundo moderno– em um contexto pós-revolução francesa -, a partir de uma visão acerca do homem livre e o trabalho, representado na parábola do Senhor e do Escravo, disposta no quarto capítulo da obra de Hegel. Nosso escrito se desenvolve em torno desta dialética³ senhor-escravo. Inicialmente, no capítulo dois, explicita-se o trabalho sobre Hegel, nos escritos do jovem Hegel. Na seção 2.1, o autor, ainda que enquanto entusiasta da antiguidade grega, apercebe que com o advento da modernidade, dispõe-se a cisão entre absoluto e reflexão, teoria e prática, e homem e natureza. É na juventude que Hegel faz suas primeiras análises sobre o trabalho e sua interrelação com a economia e com a política. Na seção seguinte, 2.2, procura-se analisar a Parábola do Senhor e do Escravo ilustra a reflexão acerca da dialética do trabalho como problemática filosófica.

Santos (1993, p.11) escreveu que “a dialética do senhor e do escravo pensa o trabalho como necessidade imposta na luta pelo reconhecimento: o trabalho é posto como violência e sujeição”, no entanto, perceberemos que mesmo sendo influenciado pela visão do período romântico, Hegel apresenta centralidade ao conceito de trabalho na reflexão filosófica, principalmente “quando ela se ocupa de temas cruciais como o ser humano, a liberdade, buscando tomar distância daquelas teorias que propugnam uma perda da centralidade do trabalho” (SCHÄFER, 2012, p.7), ou seja, como a cisão que o mundo moderno trouxe entre sujeito e objeto é superada pela mediação do trabalho. A partir da conceituação de trabalho inerente à reflexão filosófica, apresenta-se o trabalho pensado enquanto construto coletivo, tendo em vista a ponderação de que a ação humana sobre a natureza pode transformar a sua própria natureza.

Colocada a importância do trabalho em momentos diferentes dos escritos hegelianos, na seção 2.3 apresentamos a dialética e o reconhecimento na filosofia do trabalho, pois a dialética é inerente ao processo filosófico, na constante busca pelo reconhecimento que será efetivada através da mediação do trabalho que o sujeito se reconhece no mundo. Santos (1993, p.11) pontuou que “há dois momentos privilegiados da produção da sociabilidade: (a)

³ *Dialektik* deriva do grego *dialektiké (techné)*, que vem de *dialegethai*, “conversar”, e era originalmente a “arte de conversação” (...) Para Hegel, a dialética não envolve um diálogo entre dois pensadores ou entre um pensador e o seu objeto de estudo. É concebida como a autocrítica autônoma e o autodesenvolvimento do objeto de estudo, de, por exemplo, uma forma de CONSCIÊNCIA ou um conceito (INWOOD, 2002).

a interação social obtida através da educação e da linguagem; e (b) a interação realizada através do trabalho”.

Nesse fazer no mundo no capítulo 3 apresentamos o projeto em desenvolvimento na instituição escolar, a saber, Escola Estadual Jorge Amado no município de Chapadão do Sul, interior do Mato Grosso do Sul. O referido projeto fora iniciado dentro da sala de aula, com as aulas de Filosofia e a reflexão hegeliana sobre as relações humanas, e a importância das potências linguagem e trabalho, e extrapolou o espaço físico da escola, transformando-se num projeto interdisciplinar extraclasse, ou projeto de extensão, com sujeitos e olhares diversos em torno do mesmo tema “Trabalho e Cidadania”. Hegel (2002, p. 139, grifo nosso) escreve “com efeito, como a essência da figura individual é a vida universal, e o para si-essente é em si substância simples, então, ao pôr o outro dentro de si, suprassume essa sua *simplicidade* ou sua essência; isto é, a fraciona”, e nesse dialogar dos sujeitos, o que seria a priori um evento com palestras via *Google Meet* para a comunidade escolar, desenvolveu-se e alcançou a sociedade sul chapadense, num primeiro momento. O segundo contexto deteve-se para a comunidade interna da instituição promotora do evento e onde se desenvolveu toda a pesquisa.

No último capítulo apresentamos a reflexão dos resultados iniciais e as projeções sobre uma segunda etapa do projeto, tendo em vista analisar metodologicamente o que gerou sucessos e fracassos na caminhada da reflexão filosófica sobre a filosofia do trabalho para o último ano do ensino médio. Assim, “o que foi vislumbrado na *Fenomenologia* será efetivado a partir de instituições como a escola, nas quais ocorrerá o processo de objetivação do espírito no mundo da cultura” (NICOLAU, 2019, p. 106). Para a execução da referida pesquisa – tanto no âmbito do processo de escrita quanto na esfera voltada ao processo analítico dos dados obtidos –, verifica-se a existência de contradições que, se exploradas, permitem desdobramentos à novas problemáticas. Esse contato dialético entre contradições e resoluções se constitui como um caminho válido para a abordagem de questões verificadas a partir dos trâmites de aplicação da pesquisa e da análise dos resultados provenientes de sua execução, obtendo como produto final a percepção de como os discentes avançaram e/ou estão em processo de avanço, dialeticamente.

Destacamos que vivendo um período conturbado na história mundial em que o indivíduo não pode se fazer presente em sala de aula, tendo em vista a pandemia. Sendo assim, utilizamos as ferramentas digitais, como *Google Meet* e *Google Classroom*, no processo de ensino e de aprendizagem de Filosofia, tanto nas aulas quanto no evento de

extensão, o que possibilitou o alcance de um número maior de pessoas, além dos estudantes do ensino médio. Nesse sentido, na primeira etapa que aconteceu no ano letivo de 2020 e na etapa posterior da pesquisa (realizada em 2021 a partir de ferramentas remotas, em virtude da necessidade de adequação pedagógica em detrimento da pandemia), pudemos divulgar o pensamento hegeliano refletindo sobre o mundo sob a perspectiva da dialética do trabalho contida nas reflexões do senhor e do escravo, e também preparar o sujeito para entender a importância da linguagem e do trabalho na formação da *Bildung*⁴, ou Formação Cultural. Assim, enfatizamos a importância deste trabalho de pesquisa filosófica para auxiliar o jovem a refletir sobre o mundo do trabalho, e sobre a relevância do ensino de Filosofia na educação básica.

⁴ Acerca do termo *Bildung*, Pleines (2010, p. 11) dispõe que “Conforme ao uso da língua alemã, Hegel emprega o termo *Bildung* em sentidos vários: a ele recorre tanto nos juízos que profere sobre a natureza, sobre a sociedade e sobre a civilização (*Kultur*), como nos desenvolvimentos e configurações que delas apresenta. Tal conceito, portanto, se estende, passando pelos processos de maturação ética e espiritual [*nisus formativus*], até as formas espirituais mais elevadas da religião, da arte e da ciência, em que se manifesta o espírito de um indivíduo, de um povo ou da humanidade.

2. O TRABALHO EM HEGEL

Esse capítulo analisará a questão do trabalho em Hegel, principalmente o Sistema de vida ética e dois fragmentos de quando o filósofo atuou em Iena; partimos de seu interesse ainda na juventude que, atento ao que era repercutido em seu tempo, pensou acerca do trabalho e como esse agir permanece no espírito do mundo, que estaria em constante progresso. No período em que atuou diretamente nas universidades o filósofo inicia a apresentação de sua principal obra já na maturidade, a saber, *A Fenomenologia do Espírito*, que é objeto de estudo na segunda parte do presente capítulo, em que apresentamos a dialética do senhor e do escravo. Assim, almejamos elucidar parte do sistema logicamente organizado num esforço de aproximar a economia e filosofia.

Com o advento da modernidade, as transformações operaram significativamente na sociabilidade do ser humano provocadas pela Revolução Industrial com o advento do capitalismo e a Revolução Francesa, como expoentes da Razão no mundo. Como registrou Hegel (2002, p. 332) “nós vimos as potências e as figuras do mundo ético naufragarem na necessidade simples do destino vazio”. Para Aranha (1989, p. 174):

O advento da era das máquinas modifica profundamente as relações de produção, com o desenvolvimento do sistema fabril em grande escala e a consequente necessidade de divisão do trabalho. Ocorre também uma revolução da agricultura e nos transportes. Estradas são construídas, surgem as ferrovias e o navio a vapor. Novas fontes de energia como o petróleo e a eletricidade substituem o carvão. As cidades se tornam grandes concentrações das massas trabalhadoras. (ARANHA, 1989, p. 174).

Toda a evolução do Espírito⁵ se faz em liberdade, no encontro consigo mesmo, na dialética do reconhecimento de si e do outro. Na história da humanidade como a evolução do Espírito acontece, se e somente se, houver liberdade; as civilizações que se desenvolveram na Antiguidade, em um contexto que abarca desde a Grécia e Roma, até as orientações do Oriente Médio e Ásia, enquanto apenas um indivíduo era livre os demais eram escravizados; na Idade Média o ápice da pirâmide social – clero e nobres – o advento da Modernidade apresentaria a concepção de liberdade para todos os seres humanos, ou seja, liberdade formal e igualdade jurídica diante do Estado.

⁵ Num sentido geral, Geist (espírito) denota a mente humana e seus produtos, em contraste com a natureza e também com a idéia lógica. Assim, Enc. III = Enciclopédia das ciências filosóficas (vols. I, II e III - *Enzyklopädie der philosophischen Wissenschaften im Grundrisse*, 1817, 1827 e 1830) como um todo contém a filosofia de *Geist* (Inwood, 2002)

Ao refletir acerca do trabalho, a Filosofia, sob essa perspectiva, sempre teve que explicar as suas formas na história da humanidade desde a Antiguidade Clássica aos dias atuais. Na Grécia Antiga, o trabalho era visto como uma relação de inferioridade ou aprisionamento, declamado nas poesias como tal; enquanto na Idade Média, com o advento do cristianismo, surge a ideia de punição ou castigo, no qual era realizado pela humanidade é a sentença dada por Deus pela quebra da confiança no pecado original. Na Modernidade, ganhou feições de status, de propriedade e de posição social. O homem torna-se social e político a partir do trabalho (STREFLING, 2006). Hegel, o filósofo que embasa nosso estudo, apresentou uma linha histórica para o entendimento das consciências no mundo a partir de uma das potências para esse agir, o trabalho.

A educação no século XIX concretizou a intervenção do Estado em “estabelecer a escola elementar universal, leiga, gratuita e obrigatória.” (ARANHA, 1989, p. 175-176):

Ao lado da ampliação da escola elementar, ocorre a reorganização da escola secundária que permanece clássica e propedêutica quando destinada à elite burguesa e técnica para a formação do trabalhador diferenciado da indústria e do comércio. [...]

Ao lado da expansão da rede escolar, outra característica da educação no século XIX é a preocupação com a formação da consciência nacional e patriótica do cidadão. Aliás, enquanto até então a educação é de caráter geral e universal, passa agora a haver uma ênfase maior no caráter cívico, certamente devido às tendências nacionalistas típicas da época. As preocupações com a metodologia, que vinham se acentuando desde a Idade Moderna, tomam contornos mais científicos devido ao surgimento das ciências humanas, sobretudo da psicologia. (ARANHA, 1989, p. 175-176).

Enquanto nos séculos anteriores o foco da educação estava em “formar cidadãos críticos e conscientes para atuar no mercado de trabalho” (presente nos discursos das políticas públicas de educação), como o século XXI percebe a relação existente entre sujeito, liberdade e cidadania e tenta responder à questão: o que é de fato importante para esta geração de estudantes que adentrarão ao mercado de trabalho ao findar o ensino médio? Hegel, em sua obra *Fenomenologia do Espírito*, escrita em 1806, apresentou uma lógica inigualável: o desenvolvimento da consciência⁶, ao mesmo tempo que demonstrou a realidade do ser presente no mundo, que se constrói historicamente a partir da linguagem e do trabalho.

⁶ Conceito descrito por Hegel como conhecimento, percepção e saber. Assim, consciência significa o *saber de si para si próprio*. “A consciência que apreende essa contradição não sabe geralmente libertá-la – ou mantê-la livre – de sua unilateralidade; nem sabe reconhecer no que aparece sob a forma de luta e contradição contra si mesmo, momentos mutuamente necessários.” (HEGEL, 2002, p. 26)

O filósofo mencionado embasa a presente pesquisa – filósofo alemão, nascido em 1770, escreveu grandes obras como *Sistema de eticidade*, publicado postumamente ou a *Fenomenologia do Espírito*, este último com a pretensão de pensar a totalidade do mundo. Foi professor universitário e reitor, assim, mesmo não tendo escrito pedagogicamente, suas obras refletem acerca da ação educativa – Hegel é pouco explorado no ensino de Filosofia do ensino médio, talvez devido a dificuldade de leitura e interpretação de seus textos, contudo vemos na produção hegeliana o entendimento do mundo em sua vastidão de relações.

A obra escolhida, a *Fenomenologia do Espírito*, traz em seu cerne a problemática do trabalho, mais especificamente no capítulo IV que apresentaremos adiante, em que a partir da analogia contida na Dialética do Senhor e do Escravo, Hegel apresenta o movimento das consciências, que consideramos importante análise em qualquer época ou civilização, tendo em vista o entendimento da consciência de mundo e da importância da liberdade para o reconhecimento. Então, a partir da referida obra, na qual Hegel descreveu o caminho para o pensar lógico da consciência e identifica “a centralidade que o conceito de trabalho traz para a reflexão filosófica, especialmente quando ela se ocupa de temas cruciais como o ser humano, a liberdade buscando tomar distância daquelas teorias que propugnam uma perda da centralidade do trabalho.” (SCHÄFER, 2012, p. 07). Hegel compreendeu bem a mediação possível no agir do trabalho nos dias atuais. Ao produzir a cultura, a partir da ação coletiva e sendo resultado do trabalho, o ser humano vai de si para si mesmo, num movimento que é, ao mesmo tempo, interiorização e formação de si como sujeito consciente e educado. “O começo da cultura e do esforço para emergir da imediatez da vida substancial deve consistir sempre em adquirir conhecimentos de princípios e pontos de vista *universais*.” (HEGEL, 2002, p. 27, grifo nosso), ou seja, a partir do trabalho o ser humano produz cultura, o que o faz ser exteriorização de si mesmo, tornando-se objetivação de si para a consciência de mundo.

Para Hegel, as filosofias anteriores não conseguiram apresentar uma resposta definitiva e satisfatória da dicotomia entre indivíduo e comunidade tal qual o mundo antigo conseguiu, pois a priori, ele foi o primeiro a refletir sobre a condição humana que se apresentava naquele momento da história. “Pesquisando em particular cada aspecto de seu *ser-aí*, e filosofando sobre tudo que se apresentava, o indivíduo se educava para a universalidade atuante em todos os aspectos do concreto” (HEGEL, 2002, p. 45, grifo nosso). Assim, começaremos a nossa análise pela obra *Sistema de vida ética*, texto da juventude Na sequência, o trabalho descrito na *Fenomenologia do Espírito*, com enfoque no Capítulo IV, A

verdade da certeza de si mesmo. Finalizando o capítulo, apresentamos a dialética e reconhecimento presentes no conceito de trabalho na *Fenomenologia do Espírito*.

2.1 A QUESTÃO DO TRABALHO NO JOVEM HEGEL

Na obra *Política* de Aristóteles, o trabalho foi analisado de forma pejorativa, pois na tradição grega, trabalhar denotava conservar-se ao mundo da satisfação das necessidades naturais, além disso, significava que o homem que trabalhava não poderia ser livre. Dessa forma, não poderia participar das discussões da pólis. Da vida pública participavam apenas os homens *verdadeiramente* livres, aqueles que alcançavam, de certa forma, a libertação árdua do trabalho. O filósofo apresentou no capítulo 4 a temática da escravidão quanto a natureza e quanto a função, definindo o escravo como “aquele que por natureza não se pertence, mas é o homem de outro, esse é escravo por natureza” (Aristóteles, *Política* 4, 1254 a 14-15). e classifica também como “um instrumento com vista a ação” (Aristóteles, *Política* 4, 1254 a 17). Prosseguiu no capítulo seguinte uma distinção entre homens livres e escravos; onde aos escravos – naturalmente feitos para obedecer como natureza os modelou – cabia a “força necessária para os trabalhos pesados e dando a outros a postura ereta e tornando-os impróprios para esse gênero de trabalhos, mas tornando-os aptos para a vida de cidadão” (Aristóteles, *Política* 5, 1255 a 26-30), ou seja, estes últimos caracterizavam os homens livres. O jovem Hegel de Iena foi um entusiasta do mundo grego, entretanto, reconhece que os pressupostos fundamentais presentes na antiguidade não eram mais os mesmos, dentre eles a realidade do trabalho. No mundo antigo da polis grega, o trabalho é um sacrifício (assim como para a tradição judaico-cristã, no qual o trabalho significava punição, uma negação), na palavra “trabalho” encontrava-se o peso negativo que foi dado à mesma, pois tem origem no latim *tripaliare*⁷ que significa “torturar por meio de *tripalium*”, instrumento formado por três paus, próprio para atar os condenados ou para manter presos animais difíceis de ferrar; já no mundo moderno, o trabalho foi alçado a uma posição ativa.

⁷ Trabalhar – Etimologia lat vulg *tripaliare, v. *int.* 1. Ocupar-se em algum mister. 2. Esforçar-se para fazer ou alcançar alguma coisa. 3. Estar em funcionamento. *ti.* 4. Ocupar-se de algum mister. 5. Empregar esforços. 6. Negociar. 7. Pôr em obra; lavar. 8. Delinear (corpo ou parte dele) através de exercícios físicos, musculação, etc. (FERREIRA, 2010)

É essa a visão herdada por Hegel sobre o trabalho, ou seja, um pensar profundamente depreciativo da atividade do homem na *physis*⁸. Na modernidade, essa separação entre intelectual e laboral provocou um abismo entre sujeito e objeto, homem e natureza, teórico e prático, privado e público. Dentre as cisões do mundo moderno, a principal se encontra na concepção do trabalho⁹, sobre a qual o filósofo escreveu na *Fenomenologia do Espírito*: “[...] o trabalho atualmente não consiste tanto em purificar o indivíduo do modo sensível imediato, e em fazer dele uma substância pensada e pensante; consiste antes no oposto: mediante o suprassumir¹⁰ dos pensamentos determinados e fixos, efetivar e espiritualizar o universal” (HEGEL, 2002, p. 45). A relação dialética que o filósofo apresentou em seus escritos tentou unir o que havia sido separado; a partir de seu pensar idealista¹¹ do “mundo como processo unitário que abrange natureza e história” (LUKÁCS, 2018, p.358), Hegel buscou explicar esse movimento de exteriorização e retorno a si mesmo pelo agir do trabalho e o reconhecimento de si no mundo pela ação do trabalho.

Na filosofia alemã permaneceu – desde Kant, Fichte e Schelling – um dualismo radical entre sujeito e objeto presente em seus sistemas filosóficos que procuraram explicar a realidade entre a cisão do homem e a natureza. Hegel tentou superar o dualismo entre sujeito e objeto, ou seja, transpor a objetividade grega que destacava o homem em sua identificação com o mundo; em contrapartida a subjetividade apresentada pela modernidade com conceitos cartesianos e a “revolução copernicana” kantiana. Ele identificou como característica filosófica a tentativa de unir opostos, ou seja, a separação sujeito e objeto, fenômeno e coisa em si. Ele propõe que o conhecimento se encontra na relação entre sujeito/objeto, não na dualidade; “tudo decorre de entender e exprimir o verdadeiro não como *substância*, mas também, precisamente, como *sujeito*” (HEGEL, 2002, p. 34). Diante dessa visão de um mundo cindido, a filosofia hegeliana apresentou uma possível superação da ruptura entre as

⁸ O filósofo Adolfo Sánchez Vázquez, em seu livro *Filosofia da Práxis*, indica três momentos na obra de Hegel que aparece os primeiros desenvolvimentos do conceito de trabalho anteriores à *Fenomenologia do Espírito*: 1º) Fragmento de sistema de 1800; 2º) *O sistema da vida ética* de 1802 e; 3º) nos cursos da *Realphilosophie* de 1803/1804 e, principalmente de 1805/1806..

⁹ Comunicação de Melo, R. P. e Pereira, S. R. R. apresentado no Congresso Internacional da Sociedade de Filosofia da Educação de Língua Portuguesa, USP, 2019.

¹⁰ verbo *heben* está relacionado com “erguer, içar, suspender” e significou originalmente “agarrar, apossar-se de”, mas agora significa “elevar, alçar; retirar (especialmente um adversário de sua posição de mando, portanto) suplantá-lo; remover (por exemplo, uma dificuldade, um contradição)”. Participa em muitos compostos, dos quais o mais significativo para Hegel é *aufheben* (“suprassumir”). (INWOOD, 2002)

¹¹ Em termos gerais, o idealismo (*Idealismus*) é a doutrina segundo a qual as IDEIAS ou o IDEAL são, ontológica e/ou epistemologicamente, anteriores às COISAS ou ao REAL. Mas o idealismo varia de acordo com (entre outras coisas) os sentidos atribuídos a “ideia” e “ideal”, e com o tipo de prioridade que lhes é prescrito. (INWOOD, 2002)

liberdades individual e política, “pois o problema da relação entre moralidade e liberdade¹² e o problema ontológico da liberdade e da necessidade, que decorre do primeiro, são importantes no pensamento hegeliano” (BECKENKAMP, 2009, p. 48). Então, a filosofia do idealismo alemão voltou-se profundamente à análise do “belo” mundo da *polis* grega. Assim, Hegel (2002, p. 59) escreveu:

Por isso o ser-aí é o “*nous*” e foi tal que *Anaxágoras* reconheceu primeiro a essência. Seus sucessores conceberam mais determinadamente a natureza do ser-aí como “eidos” ou “idea”, isto é, *universalidade determinada, espécie*. A expressão espécie parece talvez demasiado vulgar e pequena demais para as ideias, para o belo, o sagrado, o eterno, que pululam no tempo atual. (HEGEL, 2002, p. 59, grifo do autor).

Desse entendimento, o jovem Hegel, desenvolveu sua filosofia em textos e manuscritos antecedentes a *Fenomenologia do Espírito*. Madureira (2015, p. 62) afirma “a busca de uma solução que permita relacionar *absoluto* e *reflexão*, resolvendo o problema da cisão moderna (associada à reflexão) tanto em termos teóricos como práticos”, o filósofo elaborou diferentes concepções de um sistema filosófico, capaz de pensar sob as faces da história, reflexo do agir do trabalho que produz a cultura (*Bildung*¹³), e da dialética que não necessita de uma linha cronológica das figuras da consciência para o caminho em direção ao Absoluto¹⁴, reconciliação da consciência e da consciência-de-si. Os escritos como no *Sistema de Vida Ética*¹⁵ que atribui a dominação e o trabalho para a instituição familiar “onde o excedente, o trabalho e a propriedade aparecem como bens havido em comum transmissíveis por herança quando morre o senhor.” (SANTOS, 1993, p. 36).

¹² Referem-se à liberdade da vontade e à liberdade em todos os seus sentidos sociais e políticos. Assim, “liberdade” contrasta com “escravidão”, “dependência”, “compulsão”, “NECESSIDADE” etc. Hegel tenta interligar essa variedade de sentidos numa única teoria de liberdade associando a LIBERDADE a necessidade externa envolvida em causalidade e reciprocidade, certo de que os conceitos não são formados por abstração da realidade empírica, um objeto não precisa ajustar-se inteiramente ao seu conceito. (INWOOD, 2002)

¹³ Hegel emprega o termo *Bildung* em sentidos vários: e ele recorre tanto nos juízos que profere sobre a natureza, sobre a sociedade e sobre a civilização (*kultur*), como nos desenvolvimentos e configurações que delas apresenta. (PLEINES, 2010) A *Bildung* se refere à formação integral do ser humano, o que, no entanto, no século XXI a educação não supre essa necessidade, e ainda assim não há palavra que substitua tal expressão.

¹⁴ No capítulo VIII da *Fenomenologia do Espírito*, Hegel apresentou O Saber Absoluto, concluindo que é no movimento da consciência que se exterioriza a totalidade de seus momentos, que compõe a reconciliação do espírito com a consciência-de-si. “(...) o espírito que ao mesmo tempo dá ao seu conteúdo perfeito e verdadeiro a forma do Si, e por isso tanto realiza seu conceito quanto permanece em seu conceito nessa realização – é o saber absoluto. O saber absoluto é o espírito que se sabe em figura-do-espírito, ou seja: é o *saber conceituante*.” (HEGEL, 2002, p. 537)

¹⁵ Artur Morão (tradutor e apresentador da obra) escreveu na “Advertência ao Leitor”: Obra publicada postumamente cuja redação se situa entre 1802/03 (HEGEL, 1991)

Hegel (1991, p. 61) escreveu sobre a família “é uma totalidade tal que nela se encontram decerto unificadas todas as potências da natureza; mas a intuição está ao mesmo tempo em relação”, ou seja, os indivíduos que compõem a família se relacionam tanto entre si quanto com a natureza e com a comunidade a partir dos bens e, posteriormente, da ação do trabalho.

A formação da subjetividade¹⁶ na modernidade segundo Hegel é um período de expectativas, cisões e impasses que se desenrolaram em seu tempo histórico, deve-se a constituição da propriedade privada, do direito e do Estado constitucional. “O sujeito não é simplesmente determinado como um possuidor, mas é inserido na forma de universalidade [...] A posse é, nesta perspectiva, *propriedade*: mas a abstração da universalidade na mesma é o *direito*.” (HEGEL, 1991, p. 31). Isso permitirá a passagem dos vínculos naturais aos formais-institucionais. “A primeira potência é a vida ética natural enquanto *intuição*; a plena indiferenciação da mesma, ou o ser-subsumido do conceito na intuição; portanto, a natureza propriamente dita” (HEGEL, 1991, p.14). Assim, a *eticidade*¹⁷ emerge e separa o indivíduo do seu natural, surgindo a *necessidade*, como sentimento de separação. Nesse caso, o impulso está relacionado com o particular externo, isto é, o *desejo* (*Begierde*) que se manifesta da falta de objeto (HEGEL, 2002). O desejo tem como característica principal uma negatividade inerente e que se tem como referência ao objeto que, ao mesmo tempo se quer aniquilá-lo, também se tem a intenção de suprir sua falta. Falta à consciência-de-si a verdade da certeza de si mesma, e dessa forma, o desejo se constitui como uma ação negativa de destruição da alteridade e satisfação dessa falta. “Para a consciência-de-si, portanto, o ser-Outro é como um ser, ou como momento diferente” (HEGEL, 2002, p. 136). Ele deve ser entendido como a própria consciência-de-si, não por acaso Hegel diz que ela “é desejo, em geral” (HEGEL, 2002, p. 136).

A diferença que se apresenta diante dessa separação é negativa ao buscar a aniquilação como determinação ideal do objeto; um aniquilar do subjetivo e do objetivo, “da intuição empírica objetiva segundo a qual o objeto da necessidade está lá fora; ou o esforço e o

¹⁶ Hegel vê uma conexão entre o sentido de *Subjekt* em que este contrasta com *Prädikat* e o sentido de “sujeito humano”. A ligação não é, em seu entender, simplesmente que o sujeito humano forma a base de seus estados e atividades do mesmo modo que um sujeito lógico ou gramatical forma a base de seus predicados. O subjetivo é constituído pelo conceito. Assim o sujeito está associado ao conceito pois é indeterminado e constituído por pensamento conceitual, enquanto o predicado atribui característica contingente não determinada pelo conceito. Contudo, a produção de juízos como o resultado da autodiferenciação e autoespecificação ativa do sujeito humano ou de conceitos. (INWOOD, 2002)

¹⁷ A palavra *Sittlichkeit*, usualmente traduzida nas obras de Hegel como “vida ética”, “eticidade”, mas, algumas vezes, como “moralidade (social ou consuetudinária)”. (INWOOD, 2002)

trabalho” (HEGEL, 1991, p. 15). O trabalho se faz na significação humana do desejo natural do homem pelo objeto externo. O processo acontece com o aniquilamento (consumo) do objeto com a finalidade de satisfazer o sujeito. Hegel (1991, p. 17) afirma: “Porém, semelhante aniquilar é o trabalho; por meio deste, o objeto determinado pelo desejo é suprimido, enquanto é um objeto por si, não determinado pelo desejo, real por si, e o ser-determinado pelo desejo é posto objetivamente como intuição”, e a partir desse viés torna-se ideal e nessa relação se faz proeminente a determinação ideal da relação entre subjetivo e objetivo pelo desejo como posse; a aniquilação por meio da atividade do trabalho e a posse do produto, ou ainda, a possibilidade de ação e criação sobre o objeto que mesmo modificado, permanece. Entendemos que o jovem Hegel começou a delinear seu sistema que formalizou com a *Fenomenologia do Espírito*; como pontuou Beckenkamp (2009, p. 191), “assim pode-se dizer que neste período se assiste à formação dos diversos membros do grande organismo que é a filosofia hegeliana”, o que despertou o interesse para nossa pesquisa, foi o entendimento do filósofo acerca dos momentos das potências do espírito que culminaram no espírito de mundo, presente em nossa interpretação do capítulo IV da *Fenomenologia do Espírito*. A parábola presente no capítulo IV da referida obra é uma forma de analisar a própria política contemporânea a partir do conceito de reconhecimento.

Na *Dialética do Senhor e do Escravo*, presente no capítulo IV na obra *Fenomenologia do Espírito*, Hegel escreveu algo que pode ser pensado na contemporaneidade, sem uma demarcação num determinado período da história da humanidade para entendimento da luta das consciências pelo reconhecimento, onde a outra figura será sempre negativa e sem significado. E, por medo da senhora absoluta (a morte) uma consciência se sujeita a ser dominada e torna-se o termo médio¹⁸ entre o senhor e a natureza. “o meio-termo é a consciência-de-si que se decompõe nos extremos; e cada extremo é essa troca de sua determinidade, e passagem absoluta para o oposto.” (HEGEL, 2002, p. 144). É objeto coisificado que no domínio de seu desejo imediato age, trabalha. Tais reflexões já se faziam presentes no jovem Hegel, antes da *Fenomenologia do Espírito*, o que contribuiu para o desenvolvimento e compreensão do próprio sistema descrito na obra.

Hegel diferiu a atividade da consciência daquilo que é consciente e que acontece em relação de igualdade enquanto espírito de mundo, e o que torna possível essa diferenciação são os três momentos que se articulam entre si, a saber, a linguagem (memória), o trabalho

¹⁸ Na Lógica, o termo médio é aquele que aparece nas premissas e faz a ligação entre os outros dois, no entanto nunca na conclusão, e funciona como intermediário permitindo a passagem das premissas à conclusão ao apresentar uma relação entre sujeito e predicado.

(ferramenta) e a riqueza ou bens de família. Com o uso da linguagem que a consciência se alicerça como memória; através da ferramenta, se fixa como trabalho e a partir dos bens, se constitui como família. Segundo Hegel, em tradução de Lima (2015, p. 197), “A ideia desta existência da consciência é a memória [*Gedächtnis*] e sua existência mesma, a linguagem.” A linguagem é o primeiro momento onde o espírito supera a imersão na natureza criando signos e instituindo significados ao que antes era apenas coisa. Nomear é pensar, relacionar o pensamento com a exteriorização em forma de linguagem, expressar o que se diz com o que se é pensado constitui uma tarefa complexa possibilitada pela sociabilização. A linguagem apresenta o que é permanente, o nome, por isso a mesma é o primeiro meio do espírito; além de exteriorizar sua subjetividade e tornar-se objetivo, quando se apodera da coisa nomeada; mesmo sem a presença da coisa ou do sujeito, aquilo que foi nomeado permanece; e nessa relação com a multiplicidade se torna entendimento, que por sua vez estabelece novas relações através da memória. “No nome está suspenso seu ser empírico – posto que ele é um concreto, em si múltiplo, vivo e um ente –, ele está transformado em algo puramente ideal, em si simples. [...] O nome existe como linguagem.” (HEGEL, 1803/1804, s/p, tradução de LIMA, 2015, p. 207).

Como segundo meio, ou segunda potência, a ferramenta (instrumento) é consciência prática que se coloca diante do objeto como desejo. E, como desejo humano a satisfazer-se pela ação sobre o que se deseja, ou pela negação (destruição) ou transformação, o objeto tende a subsistir na supressão. Nessa relação, a consciência molda o objeto e permanece no mesmo. Hegel define o trabalho como o meio que unifica e permanece, é uma coisa ativa e passiva, a partir da relação que estabelece com o desejo e o objeto. Tornou-se consumo onde não houve aniquilação completa do objeto, pois outro é colocado em seu lugar. Hegel escreveu em *Os Fragmentos 19 e 20 dos Systementwürfe* (1803/1804, s/p) escreveu:

A relação prática é uma relação da consciência, a simplicidade do aniquilar tem de se cindir em sua própria simplicidade, [tem de] ser algo em si mesmo refreado e contraposto [...] um dos lados da oposição, o lado que aparece com ativo, o Uno da individualidade, tem de atuar laboriosamente sobre o lado que aparece como passivo. No trabalho, o desejo retira em geral o objeto a ser aniquilado de sua constelação, o particulariza e o põe como algo relacionado a um desejante. [...] O desejo não chega, em seu aniquilar, à sua satisfação; e o objeto, ao ser aniquilado, continua igualmente a subsistir. O trabalho é esta consciência prática enquanto relação, como universal, ser-um de ambos. Ele tem de ser igualmente meio, no qual eles se relacionam enquanto contrapostos e onde eles são enquanto separados, permanentes, por meio do que o trabalhar como tal tem sua existência contínua, sendo ele mesmo uma coisa (HEGEL, 1803/1804, s/p).

A linguagem e o trabalho são os termos médios – presentes nas premissas de argumentação lógica – onde a divergência entre o subjetivo e o objetivo suprassume e surge “poder do universal, elevando-se e libertando-se da organização animal através de sua própria atividade” (SANTOS, 1993, p. 41).

Carneiro (2007, p. 11) destacou acerca da linguagem como mediação na *Fenomenologia do Espírito*:

Hegel não ter dedicado nenhum capítulo ou texto no qual a linguagem apareça como tema central, é fascinante *[sic]* a maneira como ela surge nesta obra como parte inerente do movimento e do desdobramento dialético, se desvelando enquanto existência do Espírito. (CARNEIRO, 2007, p. 11)

A linguagem está estabelecida com o pensar numa relação intrínseca ao desvelar da consciência. “A linguagem e a dialética estão estritamente ligadas, considerando que a dialética é a vida imanente da linguagem e é na linguagem que a mesma encontra o seu elemento” (CARNEIRO, 2007, P. 12). A subjetividade contida na objetividade marca o *Em si* na cultura, que conseqüentemente, expõe a exterioridade dos termos médios: linguagem e trabalho. Hegel nos *Fragmentos de Iena* (1803/1804) em tradução de Lima (2008, p. 89) deixou registrado:

A linguagem é portanto, reconstruída de tal maneira em um povo [...] tornando-se totalidade ao ser suspensa enquanto um exterior e ao chegar a seu conceito. [...] O reconhecer do trabalho e da habilidade atravessa mesmo a circulação no universal, a qual ele possui no singular pelo aprender. [...] é um verdadeiramente universal, é a invenção de um universal, e os outros o aprendem, suprimem sua particularidade e ela se torna imediatamente patrimônio universal. (HEGEL, 1803/1804, s/p, tradução de LIMA, 2008, p. 89)

Enquanto linguagem e trabalho se apresentam como termos médios onde a contradição entre sujeito e objeto se estabelecem, a relação entre a consciência teórica e prática interagem de forma a existência social do mundo compartilhado, a linguagem e o trabalho reafirmam que a consciência é o dever da própria existência. O trabalho é a ação da consciência que rompe com a imposição da satisfação animalesca do imediatismo do desejo, bem como a linguagem confere simbolismo a um povo. A ferramenta é objeto, passivo diante de quem o utiliza e ativo frente ao que é criado. Santos afirmou (1993, p. 46) “Graças à ferramenta, o trabalho adquire permanência e pode ser repetido muitas vezes, de modo que o aleatório da ferramenta se enraíza na tradição, como que se eternizando diante da caducidade dos indivíduos e dos objetos percíveis”.

Para Santos (1993, p. 13-14), a discussão sobre a autoprodução do homem pelo trabalho é desenvolvida na filosofia moderna desde Descartes e atingindo seu ponto máximo na obra de Marx. Contudo, Santos afirma que a exposição sistemática sobre o trabalho começa no idealismo alemão, mais especificamente com Hegel. Os conceitos de trabalho, produção e consumo, Hegel herdou das leituras dos fisiocratas e economistas clássicos ingleses, como Steuart, Ferguson, Hume, Smith e Ricardo e elevou esse conceito, em momentos diferentes em sua obra, ao nível da filosofia. A economia política clássica, principalmente por intermédio de Adam Smith em sua obra *A riqueza das nações* (1776), coloca como ponto central a análise do conceito de trabalho e divisão do trabalho na sociabilidade capitalista e, torna-se em definitivo, [o trabalho] uma apreciação especulativa filosófica.

A vida para Hegel é compreendida a partir da oposição entre uma substância universal e fluida; onde o vivente que é fluído e a substância é subsistente. A singularidade e a universalidade são entendidas como momentos da consciência-de-si, ou seja, abstrações que evanescem a partir do movimento, assim, a vida reflete-se em si mesma e os viventes não têm capacidade de se autorrefletirem como unidades plenamente autos subsistentes. Hegel, no parágrafo 22 dos *Fragmentos de Iena*, tradução de Lima (2008, p. 89) registrou:

[...] sua vida na conservação de qualquer singularidade, e cada um tem igualmente de se dirigir à morte do outro. Eu somente posso conhecer a mim mesmo como esta totalidade singular na consciência do outro, na medida em que eu me ponho na sua consciência como um tal, que eu seja, no meu excluir, uma totalidade do excluir, que eu me dirija à morte dele. Dirigindo-me à sua morte, exponho-me eu mesmo à morte, eu arrisco minha própria vida, eu cometo a contradição de querer afirmar a singularidade do meu ser e da minha posse. E esta afirmação passa ao seu contrário: eu sacrifico toda esta posse e a possibilidade de toda posse e gozo, sacrifico a própria vida. [...] Este reconhecer da singularidade da totalidade engendra, portanto, o nada da morte. Cada um tem de conhecer do outro se ele é uma consciência absoluta [...] ele não se realiza, mas antes cessa... (HEGEL, 1803/1804, s/p tradução de LIMA, 2008, p. 89)

No entanto, tal conceito é apenas uma fração, e assim não é capaz de auto apreender-se reflexivamente, despertando a autoconsciência – consciência de si – que por sua vez é desejante. A consciência de si é unidade que reconhece a infinidade da unidade das diferenças e, que deseja o objeto marcado pelo negativo (diferente do *eu*), que nesse momento o quer aniquilar, consumir. Tal determinidade da vida é o movimento da razão no mundo, percebendo que se faz necessário o *dever* para compreensão da realidade.

A vida prática do ser humano está delineada na relação dialética do homem e a natureza por meio do trabalho. É na atividade mediada pelo trabalho que o homem realiza (reconcilia) mutuamente na sociedade, isto é, o Eu e o Outro, o subjetivo e objetivo, o individual e o universal. O agir do indivíduo na sociedade é caracterizado pela mediação do trabalho; para Bourgeois (2004, p. 75) a “[...] universalização, a unificação da vida interindividual dos homens – economia, direito, reconhecimento mútuo multiforme – é ela mesma inteiramente produzida pelas exigências do trabalho”, ou seja, a dialética da vida acontece diante das determinações do trabalho.

Para Hegel, o trabalho é o vínculo natural que liga o homem a natureza, uma relação prática do sujeito com o objeto, uma atividade puramente negativa, “enquanto consciência-de-si em geral, se relaciona também negativamente com a coisa, e a suprassume “ (HEGEL, 2002, p. 148); o trabalho é exatamente esse agir negativo sobre o objeto, capaz de transformá-lo e, ao mesmo tempo, mantê-lo. Para Schäfer (2012, p. 32) “é o trabalho, ao mediar aquilo que é dado na imediatidade, que cria os objetos necessários para a satisfação dos carecimentos humanos.” Hegel pensou a modernidade capitalista a partir desse processo que consiste na objetivação cada vez maior do sujeito que trabalha sobre o objeto pensado, elaborado produzido e/ou executado por este, que gradativamente torna-se o *trabalho de todos para todos* suprimindo a necessidade da satisfação dos desejos.

Em *O sistema de vida ética*¹⁹ de 1802, Hegel considera o trabalho como um fenômeno que abarca toda a vida social moderna em todos os seus aspectos práticos e teóricos. Essa análise da existência coletiva e real dos homens na vida social não estará presente nos trabalhos futuros do autor, mesmo no capítulo IV da *Fenomenologia do Espírito* de 1807 ou na seção “Sociedade civil” na *Filosofia do direito* de 1821.

Tais reflexões nos levam ao terceiro meio, a saber, a riqueza ou bens de família e ao entendimento da necessidade desta na formação da instituição familiar, “o relacionamento ético dos membros da família não é o relacionamento da sensibilidade, ou a relação do amor” (HEGEL, 2002, p. 310). A família forma uma unidade ética onde a riqueza é a exteriorização que busca reconhecimento. Assim a relação do trabalhador com o objeto produzido era única, que ao ser externada passa *para todos* (SANTOS, 1993). Aquisição e conservação da riqueza

¹⁹ Segundo Bernard Bourgeois (2004, p. 75), Marx não pode analisar os escritos anteriores à *Fenomenologia do Espírito*, como por exemplo, o texto *O sistema da vida ética* (1802/1803), pois foram textos publicados postumamente. Nessa obra: “Ele analisa a própria existência do trabalho moderno em sua realidade social-econômica-política mais concreta, apreciando-a tanto em sua significação negativa quanto em sua significação positiva”.

está diretamente relacionado ao desejo, no entanto no interior da família incide a singularidade que ao se externar, na comunidade, torna-se verdadeiramente universal. A família então educa “para a vida no – e para o – universal”. (HEGEL, 2002, p. 310)

Logo, a formação da subjetividade na modernidade deve-se a constituição da propriedade privada, do direito e do Estado constitucional. Isso irá permitir a passagem dos vínculos naturais para vínculos formais-institucionais. Nesse caso, o impulso está relacionado com o particular externo, isto é, o *desejo* se manifesta da falta de objeto (SCHÄFER, 2012). O trabalho se faz na significação humana do desejo natural das pessoas pelo objeto externo. O processo acontece com o aniquilamento (consumo) do objeto com a finalidade de satisfazer o sujeito.

Schäfer (2012, p. 18), escreveu:

Sujeito e objeto se constituem concomitantemente a partir de uma relação de determinações, recíprocas. Isso aponta para uma primeira diferenciação radical do ponto de vista teórico de Hegel em relação às filosofias do sujeito. De fato, isso implica num abandono da pretensão de tomar o sujeito em seu isolamento, tomá-lo como objeto *par excellence* da investigação filosófica e examiná-lo com vistas a estabelecer as possibilidades e os limites do conhecimento humano sem minimamente considerar seu vir a ser no mundo. (SCHÄFER, 2012, p. 18).

Diferentemente de outras teorias do conhecimento²⁰, Hegel pensa a investigação filosófica do sujeito e do objeto como inerentes uma a outra. E, a consciência passa a ser consciência-de-si, que para Hegel, compreender que a mesma é desejo, é entender que educa a si mesma quando transforma o mundo da natureza, ou ao alienar-se. “Perder-se para encontrar, parece ser a regra” (SANTOS, 1993, p. 19). Na sociabilidade moderna, o homem é carente devido a separação entre ele mesmo e a natureza. Todos os apetites humanos são mediados pelo trabalho social quando consumimos o objeto. A consciência desejante quer consumir o objeto, ou seja, na oposição entre sujeito consciente e objeto definem o trabalho como meio que unifica e permanece em ambos (indivíduo e coisa), logo, o trabalho é ele próprio uma coisa, ativa por meio do desejo e passivo em relação a ele, concomitantemente ativo em relação ao objeto.

²⁰ Segundo Chauí (2011), quando se diz que a teoria do conhecimento se tornou parte específica da Filosofia somente com os filósofos modernos, não se pretende dizer que antes deles outros filósofos não haviam pensado o problema do conhecimento, mas sim, que a questão do conhecimento na modernidade foi considerada anterior à questão da ontologia e pré-requisito para a Filosofia e as Ciências. Isso porque a modernidade pressupõe a presença do cristianismo e trouxe questões e problemas que filósofos antigos desconheciam.

É no consumo que a consciência encontra satisfação. Safatle (2009, p. 110) pontua que “Para Hegel, o desejo (*Begierde*) é a maneira através da qual a consciência-de-si aparece em seu primeiro grau de desenvolvimento. Neste sentido, ele é, ao mesmo tempo, modo de interação social e modo de relação ao objeto.”

A partir do trabalho o homem produz aquilo que deseja, mas também produz para outrem. “Como totalidades, as consciências querem reconhecer e ser reconhecidas reciprocamente, de modo que possam conviver na certeza da verdade de si mesmas” (SANTOS, 1993, p. 49). Ambos então buscam satisfazer seus desejos naquilo que pode ser consumido, ou seja, que está posto no mercado. O trabalho permite a interação social entre os entes comunitários, que pode acontecer no momento do mercado ou no momento da produção. Este processo tem como contrapartida necessária a vida em sociedade (uma sociedade do mercado). Simultaneamente a esta sociabilidade, o trabalho funciona também como um momento da reciprocidade entre pessoas, uma passagem do particular desejante ao universal, o qual também passa pelo crivo da astúcia da razão ou, parafraseando Adam Smith, pela “mão invisível” do mercado, pois concomitantemente ao ser produzido, é também desejado e será consumido por sujeitos – torna-se mercadoria.

Cabe aqui ressaltar a importante observação de Santos (1993, p.40) ao tratar sobre o trabalho no *O sistema da vida ética*, de Hegel: “[...] o homem é o ser que consegue transformar o hábito ético em segunda natureza, ao impor-se pela disciplina do trabalho um domínio sobre sua natureza animal, de forma a tornar-se um ser de cultura. A educação é o processo de formação de si do sujeito livre”.

2.2 A DIALÉTICA DO SENHOR E DO ESCRAVO NA FENOMENOLOGIA

No capítulo IV da obra *Fenomenologia do Espírito*, Hegel apresentou o que anteriormente era verdadeiro para a consciência como conceito que, “desvanece na experiência” (HEGEL, 2002, p. 135) e se concretiza, traz à vida o que antes era apenas conceito e é absorvido naquilo que foi construído, “o conceito do objeto se suprassume no objeto efetivo” (HEGEL, 2002, p. 135). Tal capítulo destaca-se pela importância a dissertação, pois “A verdade da certeza de si mesmo” apresenta o movimento das consciências, a consciência-de-si, o reconhecimento e a parábola do Senhor e do Escravo que se caracteriza como a espinha dorsal deste projeto. No desenvolvimento do parágrafo 166, ele afirmou a “certeza que é igual à sua verdade” (HEGEL, 2002, p. 135), visto que é

consciência-de-si para si reconhecendo-se como conceito e objeto, onde este último se relaciona ao conceito não apenas para nós, mas também para o próprio saber. O filósofo nessa dialética expõe a identidade e a diferença dos sujeitos, o que Santos (1993, p. 28) nomeia de “rigorosa dialética da reciprocidade”. O verdadeiro se apresenta à consciência e o que era essencial à consciência sensível não é mais em si mesma. A experiência da consciência avançou sobre o elemento objetivo e o absorveu. A partir desse momento, o *eu* alcança dimensões que o objeto não é mais em si absoluto e independente. A consciência finita do ser humano só se torna de fato consciente quando tem a percepção de algo maior, a saber a consciência de mundo, infinito – finitamente tomamos consciência do mundo que é infinito. Ou seja, enquanto consciência, a medida da verdade era fornecida pela adequação entre representações mentais e objetos. No entanto, o objeto da experiência ultrapassava as representações naturais do pensar, e percebendo que o movimento apresentou novas categorias vem à tona o saber que compreende seu objeto como a própria consciência e que lá onde ele acreditava estar lidando com objetos autônomos, ele estava lidando com a própria estrutura do saber enquanto o que determina a configuração do que pode aparecer no interior do campo da experiência. Não há mais como refletir a consciência como consciência de objeto, mas como consciência de consciência, consciência das estruturas do pensar da consciência, ou ainda, consciência-de-si; ou seja, o pensar não é mais externo ao sujeito, é pensar sobre si, semelhante a um jogo de espelhos onde o ser vê a si mesmo e se reconhece como tal, assim é a consciência-de-si.

Todavia os momentos anteriores da consciência – certeza sensível, percepção, força e entendimento – não são deletados, mas integrados ao momento da consciência-de-si e tornam-se momentos que abandonam a crença do independente, “a consciência-de-si é reflexão, a partir do ser do mundo sensível e percebido; é essencialmente o retorno a partir do ser-Outro” (HEGEL, 2002, p. 136), afinal a consciência-de-si é resultado das experiências passadas, conceitualmente. E a oposição entre o fenômeno e a verdade apresenta o movimento, pois se houvesse somente igualdade seria carente, uma vez que não há identidade sem diferença. A dinâmica entre as dimensões objetiva e subjetiva estão suprassumidas na consciência-de-si.

A essência²¹ da consciência de si é ser verdade de si e para si mesma; entendendo o *eu* como sujeito e objeto em sincronia. A consciência-de-si, apresentada como nova figura do saber, desvanece e conserva os momentos do *eu* (saber de si mesmo) e do *outro* (saber de um

²¹ Para Hegel os pensamentos são derivados uns dos outros assim formando um sistema concreto, em vez de um agregado distinto e abstrato. Então, ao formular conceitos os sujeitos são capazes de compreender que tais podem ser unificáveis formando um núcleo ou essência da mente humana. No entanto o filósofo também adverte quanto o conceito universal num mesmo nível de entendimento. E nessa relação múltipla há uma interdependência que é inerente à própria vida.

Outro), ou seja, as abstrações da consciência-de-si. A reflexão que a consciência-de-si faz é movimento que apresenta o reconhecimento como verdade em si mesma e reconhece a alteridade mais a diferença. “A consciência-de-si apresenta aqui como o movimento no qual essa oposição é suprassumida e onde a igualdade consigo mesmo vem-a-ser para ela” (HEGEL, 2002, p. 137). Em razão do reconhecimento de si a consciência reconhece o outro, e somente assim a mesma identifica a figura do Espírito. As diferenças permitem o fluir da própria vida, “a *diferença* desses membros, *uns em relação aos outros*, como diferença não consiste, em geral, em nenhuma *determinidade* que não a determinidade dos momentos da infinitude ou do puro movimento mesmo” (HEGEL, 2002, p. 138). Tal movimento, o devir posto no espaço e tempo, vê a fluidez possível a partir da liberdade que a modernidade apresentou na história do mundo. Assim, identifica-se o conceito de trabalho no sistema hegeliano como pontua Schäfer (2012, p. 35):

[...] se desdobra em duas partes significativas, quais sejam: de ser formador do ser humano tomado em sua individualidade, o que na obra de Hegel corresponde no mais das vezes ao Espírito Subjetivo, ao percurso de alienação do espírito, no qual a formação da consciência é um pressuposto para aceder à razão e ao espírito, cujo ápice é o saber absoluto, como também formador do ser humano enquanto ser genérico da formação do mundo da cultura, da segunda natureza, a qual se manifesta sempre no seio de um povo, algo que é desenvolvido por Hegel no Espírito Objetivo. (SHÄFER, 2012, p. 35)

No entanto, não há lacuna entre os domínios do Espírito subjetivo e objetivo, pois há a mediação dada pelo trabalho, pois, “a consciência-de-si é desejo” (HEGEL, 2002, p. 140) e desejante da nulidade do Outro, aniquila o objeto; trazendo a satisfação a partir do suprassumir desse Outro numa relação negativa que é direcionada para o trabalho produzindo a cultura (*Bildung*). Ou seja, é a ação proporcionada pelo trabalho que une o individual ao universal, o agir sobre a natureza fica para a sociedade na forma de cultura. Hegel apresentou o surgimento da consciência no mundo, que passa por determinações, momentos e formas, perfazendo um caminho para galgar patamares mais elevados, até atingir o Espírito Absoluto. Segundo Hegel (2002, p. 38-42):

O espírito individual percorre etapas em sua formação (*Bildung*). A mais alta contém as anteriores, como momentos suprassumidos. Nesse percurso vai assimilando – como matéria-prima ou insumo – as aquisições culturais da história humana, que foram, em seu tempo etapas necessárias ao desenvolvimento do Espírito Universal. Não se podem queimar etapas: são todas necessárias e há que percorrê-las, demorando-se em cada uma delas. O

Espírito do mundo teve a paciência de encarnar-se em cada uma dessas formas na sua prodigiosa tarefa que foi a História Universal. Mas por isso mesmo a tarefa é mais fácil: o já percorrido encontra-se disponível, como ser pensado, cristalizado numa simples determinação de pensamento. Assim, em lugar do ‘ser-aí’ imediatamente dado, o que encontra é o *em-si* pensado, depositado na interioridade da memória, ao qual pela rememoração deve dar a forma do *ser-para-si*. (HEGEL, 2002, p. 38-42)

Então a *Fenomenologia* é o início deste “caminhar lógico” que se faz a partir da reflexão do elemento no *ser-aí*; um retorno à caverna da alegoria platônica, como Nicolau (2019, p. 49) pontua “o personagem liberto, na alegoria platônica, esforça-se por convencer os prisioneiros que vivem na ignorância que as sombras são falsas, e que a luz está mais para lá do muro. Mas a decisão não cabe a ele, cabe aos prisioneiros optarem pela saída da caverna” e para tanto, implica a liberdade; somente um sujeito livre é capaz de fazer esse retorno, num processo de formação ininterrupto.

O botão desaparece no desabrochar da flor, e poderia dizer-se que a flor o refuta; do mesmo modo que o fruto faz a flor parecer um falso ser-aí da planta, pondo-se como sua verdade em lugar da flor: essas formas não só se distinguem, mas também se repelem como incompatíveis entre si. (HEGEL, 2002, p.26).

Ao refletir sobre liberdade, associa-se a autonomia e a indissociabilidade desta no modelo de modernidade. Ser autônomo implica em ter a consciência de que a vontade é mediada e reconhecida em si e para si. É a busca que a consciência faz para o entendimento do mundo – e que se julga senhora deste – “... que é na verdade efetivo, mas só à medida que é o movimento do pôr-se a-si-mesmo, ou a mediação consigo mesmo do tomar-se-outro.” (HEGEL, 2002, p.35), é na igualdade que o verdadeiro se revela e o ser vê a si mesmo e vê o outro num projeto de sociedade, ou seja, de conviver com outras pessoas.

Hegel recorreu às esferas da consciência com analogias e a *Fenomenologia do Espírito* é o aporte que permite a reflexão acerca da substância com o seu movimento (SANTOS, 1993, p. 73-74), assim como o ensino de Filosofia na educação básica, especificamente no ensino médio, propõe esse estudo acerca da relação do trabalho associado aos conceitos de liberdade, democracia e cidadania; bem como refletir sobre a relação simultânea que o trabalho estabelece com o consumo, formas de poder, dominação e ostentação. Esse pensar diferentemente do que propõe o ensino de história, relacionado diretamente as formas de produção laboral na história da humanidade ou o ensino de sociologia que pensa sobre o

mercado e a sedução que a mercadoria apresenta ao consumidor (que também é produtor); como propõe a competência específica 4²² da Base Nacional Curricular Comum (BNCC) da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas no Ensino Médio. A partir das analogias que Hegel escreveu, foram apresentados conceitos que permitem a leitura filosófica, como salienta Nicolau (2019, p. 38):

[...] remete seus leitores a árdua compreensão do trabalho de construção do conceito (...) Para Hegel, o conceito somente pode ser apreendido no movimento próprio do real, que é constitutivo de si mesmo, pois na realidade efetiva o que há é uma rede de relações conceituais, um processo – nesse ponto salienta-se a forte influência heraclíteana de Hegel, pois em seu sistema tudo flui (*panta rhei*). (NICOLAU, 2019, p. 38)

O *ser-aí* é um longo processo da construção da consciência a partir da reflexão do mundo pelo movimento dos conceitos. E, segundo Schäfer (2012, p. 22)

[...] compreender que a consciência de si é desejo significa compreendê-la de um modo completamente distinto daquelas teorias representacionistas do conhecimento, que isolavam o sujeito e objeto e, na sequência, buscavam erigir uma ponte entre os dois a partir da representação. (SCHÄFER, 2012, p. 22)

O absoluto, a verdade, o saber verdadeiro, o infinito são desdobramentos do *Em si*. O ser está fadado à superação, pois o conhecimento sempre lida com o absoluto – mesmo que de forma finita, limitada; logo, o conhecimento é uma manifestação do absoluto (HEGEL, 2002, p. 53-60). É no capítulo IV da *Fenomenologia do Espírito*, que Hegel discorreu acerca da consciência-de-si como desejo, compreendendo que sujeito e objeto não estão isolados; como o filósofo destacou:

A consciência tem de agora em diante, como consciência-de-si, um duplo objeto: um, o imediato, o objeto da certeza sensível e da percepção, o qual porém é marcado para ela com o sinal do negativo; o segundo objeto é

²² A competência específica 4 traz a afirmação: *Analisar as relações de produção, capital e trabalho em diferentes territórios, contextos e culturas, discutindo o papel dessas relações na construção, consolidação e transformação das sociedades*. Nesta competência específica, o objetivo é compreender o significado de trabalho em diferentes sociedades, suas especificidades e os processos de estratificação social presididos por uma maior ou menor desigualdade econômico-social e participação política. Os indicadores de emprego, trabalho e renda devem ser avaliados em contextos específicos que favoreçam a compreensão tanto da sociedade e suas implicações sociais quanto das dinâmicas de mercado delas decorrentes. Já as transformações técnicas, tecnológicas e informacionais devem ser consideradas com ênfase para as novas formas de trabalho geradas por elas, bem como seus efeitos em relação aos jovens e às futuras gerações.

justamente ela mesma, que é a essência verdadeira e que de início só está presente na oposição ao primeiro objeto. A consciência-de-si se apresenta aqui como movimento no qual essa oposição é suprassumida e onde a igualdade consigo mesma vem-a-ser para ela. (HEGEL, 2002, p. 136)

A consciência-de-si reconhece a si e ao outro, o objeto; no entanto o outro será reconhecido como negativo, o não eu. Schäfer (2012, p.22), declarou

[...] o reconhecimento do subjetivo no objetivo, o que acaba por culminar no saber absoluto, Hegel busca descobrir a verdade da consciência de si não mais a partir do prisma de uma subjetividade ou objetividade isolada, mas de uma consciência desejanje inscrita no mundo. (SCHÄFER, 2012, p.22)

É na consciência-de-si que haverá o reconhecimento do outro como necessário, pois é diferente do *eu* – não *eu* – e ainda assim, completa a unidade do mundo. A objetividade é retomada nela mesma quando se totaliza no percurso de saída e retorno reflexivo a si.

Para o retorno a si, é imprescindível o reconhecer de si e do outro – conceituado não como perda da identidade, contudo há o risco da vida ao tratar com o outro – e o reconhecimento do outro sobre o *eu*. Nesse reconhecimento um dos processos de socialização é o trabalho. Na parábola do senhor e do escravo, Hegel (2002, p. 143) afirma que:

Para a consciência-de-si há uma outra consciência-de-si [ou seja]: ela veio para fora de si. Isso tem dupla significação: primeiro, ela se perdeu a si mesma, pois se acha numa outra essência. Segundo, com isso ela suprassumiu o Outro, pois não vê o Outro como essência, mas é a si mesma que vê no Outro. (HEGEL, 2002, p. 143)

Então, a consciência de si é retorno através do objeto que no sujeito é suprassumido, ou seja, é desejo. “E o objeto do desejo é o ser vivo, por ter estrutura homóloga à da consciência: é reflexo dela sobre si, a seu modo” (MENESES, 1985, p. 55); o *eu* não satisfaz seu desejo sem o outro *eu* que emerge como aquele que tem estrutura semelhante à consciência e precisa ser superado. Segundo Silva (2008, p. 82):

[...] para a consciência, pode ser dissolvido esse outro, em sua própria identidade: Ocorre então uma catarse da consciência, na qual ela se “purifica” do outro, ao produzir sua identidade. Isto ocorre de tal modo, que a consciência de si se apresenta como a consciência da inquietude tendo em vista que determinadas situações já não a satisfazem enquanto busca, por exemplo como fazia o universal na certeza sensível. Assim, um momento chave da consciência-de-si é o desejo, que por natureza, impulsiona o movimento de retorno, nesse contexto um movimento de retorno da consciência sobre si, no qual se opera o confronto do Eu com o Eu, na tentativa de afirmar identidade pela diferença negada. Contudo, esse

movimento de desejo é desejo por algo, que na consciência de si, emerge como desejo pela vida (SILVA, 2008, p. 82)

Nesse momento a consciência que se apresenta como essencial, tendo a verdade em si mesma, pode ser identificada como a consciência do senhor que nega o outro, é suficiente em si mesma. Para o entendimento da dialética do senhor e do escravo é necessário o entendimento da relação do *eu* e do *não eu*. Enquanto consciência desejante – o *eu* – que busca constantemente e se encontra ao se debruçar sobre si mesma, é nesse movimento que a consciência encontra o outro que é diferente – *não eu* – e precisa ser suprassumido. No entanto, ao realizar tal ação, a própria consciência é suprimida sem se conservar, ou seja, é no movimento desejante da consciência que há a negação e o retorno a si como reflexão.

Hegel apresenta a parábola do senhor e do escravo (2002, p. 145):

De início, a consciência-de-si é ser-para-si simples, igual a si mesma mediante o excluir de si todo o outro. Para ela, sua essência e objeto absoluto é o Eu; e nessa imediatez ou nesse ser de seu ser –para-si é [um] singular. O que é Outro para ela, está como objeto inessencial, marcado com o negativo. Mas o Outro é também uma consciência-de-si; um indivíduo se confronta com outro indivíduo. [...] Enquanto agir do Outro, cada um tende, pois à morte do Outro. Mas aí está também presente o segundo agir, o agir por meio de si mesmo, pois aquele agir do Outro inclui arriscar a própria vida. Portanto, a relação das duas consciências-de-si é determinada de tal modo que elas se provam a si mesmas e uma a outra através de uma luta de vida ou morte. (HEGEL, 2002, p. 145)

As consciências-de-si reconhecem a si mesmas, e no desejo de aniquilar a outra consciência se colocam em disputa, onde uma com medo da morte, aceita a condição de servo, trabalhando para a consciência que se tornou senhor. Na relação de servidão, o escravo é coisa, trabalha, age sobre a natureza. Torna-se ferramenta viva a serviço do senhor. A consciência servil que para o senhor é inessencial, tornou-se em si, verdadeira. Pois esta é responsável pela realidade a sua volta, pelo seu agir, constroi forma ao mundo e registra sua impressão, estando no mundo.

Santos (1993, p. 90) descreveu o termo médio como:

O termo médio cindido tornou-se assim unilateral, e só reconhece a outra consciência-de-si por um dos lados, entenda-se, a independência está em um lado apenas desse jogo de forças e a dependência do outro. Mais do que movimento real, interessa a lógica desta cisão: a consciência independente é para-si, a consciência dependente é para a outra, ou tem a essência na vida (que ela não conseguiu suprassumir); a primeira é o senhor, a segunda, o escravo. (SANTOS, 1993, p. 90)

Nesta relação de dominação apenas o escravo trabalha enquanto o senhor usufrui dos prazeres do consumo daquilo que foi produzido pelo escravo. Contudo quem tem o contato com a natureza, modificando-a, é o escravo. E no modificar a natureza, modifica a si mesmo. O escravo torna-se a mediação – que na lógica o termo médio não aparece no resultado, no entanto aqui se faz essente – entre o senhor e a natureza.

O senhor é livre para gozar dos prazeres, no entanto o escravo também é livre para agir sobre a natureza, ao ressaltar o trabalho como termo médio que se destaca o processo da dominação. Nesse movimento, o senhor se reconhece e busca o reconhecimento do escravo, ao mesmo tempo, em que o escravo se reconhece e busca reconhecimento do senhor. No entanto, na servidão há um desequilíbrio, pois, a consciência servil não é reconhecida, enquanto a consciência do senhor é vista por uma consciência inferior, coisificada. Não há reconhecimento recíproco, visto que a dominação de um aniquila o reconhecimento do outro (MENESES, 1985, p. 58-63), ou seja, a consciência servil é pobre e mesmo vendo a consciência do senhor e a reconhecendo como tal, o mesmo não acontece quando a consciência senhorial olha para a quem a serve.

A consciência-de-si que produz cultura percebe-se presente no mundo a partir daquilo que o homem cria. Logo, é impossível conhecer-se sem conhecer as coisas. Então a consciência de si, na visão hegeliana é aquela que educa a si mesma na sua relação com a natureza, ao transformá-la em cultura, aquilo que permanece no mundo.

No movimento relacional e intersubjetivo do senhor e escravo, o senhor alcança o reconhecimento e o escravo se revela como inessencial, por não dominar nem a si nem o outro, logo não é a negação absoluta. A ele resta o trabalho, e na mediação do agir sobre a natureza o escravo é a consciência que o reconhece.

Enquanto o senhor se relaciona com o objeto a partir da mediação do escravo, a consciência-de-si relaciona-se negativamente com a coisa, pois concomitantemente há a independência da coisa (Outro) e o senhor deseja sua aniquilação, sendo que o escravo apenas trabalha. O senhor goza daquilo que o escravo mediou, ou seja, o senhor depende da ação realizada pelo escravo numa situação introduzida pela relação de dominação e escravidão. A escravidão só acontece porque é permitida em relação à dominação, no entanto “a consciência escrava é consciência-de-si” (HEGEL, 2002, p. 149), isto significa que é para si essente e como tal experimentou a angústia causada pelo medo da morte, abalando aquilo que tinha como fixo. Ora, essa fluidez é a essência da consciência-de-si (é vida). Servindo, o escravo reprime seu desejo imediato e, trabalhando o elimina. O temor ao senhor e a morte é o início

do pensar sabiamente, “a consciência aí é *para ela mesma* [...] encontra-se a si mesma por meio do trabalho” (HEGEL, 2002, p. 150). A consciência escrava é para a consciência do senhor, sem importância, todavia ao trabalhar a natureza é esta quem satisfaz o desejo imediato do senhor. Contudo, ao escravo lhe é negado a satisfação de seus desejos:

O trabalho, ao contrário, é desejo refreado, um desvanecer contido, ou seja, o trabalho forma. A relação negativa para com o objeto torna-se a forma do mesmo e algo permanente, porque justamente o objeto tem independência para o trabalhador. Esse meio-termo negativo ou agir formativo é, ao mesmo tempo, a singularidade, ou o puro ser-para-si da consciência, que agora no trabalho se transfere para fora de si no elemento do permanecer, a consciência trabalhadora, portanto, chega assim à intuição do ser independente, como [intuição] de si mesma. (HEGEL, 2002, p. 150)

A parábola do senhor e do escravo vem a ser um relato da modernidade (VAZ, 1981) ao apresentar duas consciências onde uma é senhora e a outra escrava, e uma reconhece a outra como tal; a consciência senhora busca o poder, o domínio. E a consciência escrava trabalha em contato direto com a natureza. Enquanto o senhor se relaciona de maneira dupla com o escravo e a coisa, este se julga superior, pois dominou o outro, pelo medo do Senhor Absoluto (a morte), se torna dependente da mediação do outro para realização da satisfação imediata. Assim, o trabalho é a necessidade de reconhecimento na luta pela estabilidade, pela permanência em meio a fluidez.

Na parábola, a riqueza surge do lado do escravo, vista como a desproporção entre a necessidade saciada imediatamente e o resultado da produção entesourada. O fazer do escravo é, portanto, o próprio fazer do senhor. No entanto, Hegel descreve que a servidão se tornará o oposto daquilo que se apresenta imediatamente, ela retornará sobre si e se transformará em independência verdadeira. É pela mediação do trabalho que a consciência escrava retorna sobre si mesma, se educa e se liberta.

Hegel descreve a busca do Absoluto em muitas propriedades e o jogo das forças que se apresentam – a Razão²³ é unificadora. E esta união se dá para e a partir do trabalho. No jogo das consciências a consciência-de-si vai confrontar com a outra – o não eu – o desejo de dominar e hierarquizar as consciências aparece. A consciência escrava, como foi dito anteriormente, é consciência-de-si (SANTOS, 2008).

²³ Hegel representa o entendimento e, mais especialmente a razão, não como operações que nós, como observadores externos, efetuamos sobre conceitos, mas como internos aos próprios conceitos; para maior esclarecimento ver Inwood (2002, p. 343).

A todo instante há o movimento das consciências no mundo e quando há a tentativa de conhecer o outro, a consciência-de-si inicia o processo de educação de si. Logo, as consciências se reconhecendo são consciências autônomas, extremas e opostas, mas acima de tudo livres. A consciência fala para si mesma e se confunde com a própria verdade, se confundindo com a própria essência. Ela quer ser senhora e dominar as demais. E essa consciência desejante do senhor é pura negação do objeto, assim evanesce. O trabalho é desejo reprimido, o trabalho educa e deixa seu registro no mundo – onde o homem domina a natureza e cria sua civilidade, sua humanidade.

Müller (2011, p. 88) observa:

que serviço e trabalho são dois processos distintos atuando em paralelo. (...) o desejo é ao mesmo tempo modo de interação social e modo de relação ao objeto: o serviço é o desenvolvimento do desejo na primeira destas funções, o trabalho na segunda. Assim, poderíamos afirmar que o agir do escravo é o trabalho feito a serviço do senhor. Este serviço poderá ser em nome de um senhor particular ou de um senhor absoluto. Já o trabalho deve ser apreendido enquanto o desenvolvimento do desejo como relação ao objeto. (MÜLLER, 2011, p. 88).

A dialética do Senhor e do Escravo não corresponde a um período específico na história da humanidade, mas no movimento das consciências. Nesta dialética do trabalho, a natureza se transforma em cultura e o escravo se forma na cultura do trabalho. Na passagem para a cultura, a natureza ao mesmo tempo em que se consome se mantém. Sendo a cultura, obra do trabalho, ela é o reino da liberdade que o homem constrói para si e no qual procura o reconhecimento. Ao procurar-se a si mesmo na cultura, o homem espera encontrar-se como um ser livre (SANTOS, 1993).

No trabalho como cultura, o indivíduo busca o reconhecimento como ser-aí assim o ser humano aniquila sua individualidade para ter reconhecida sua universalidade. A riqueza surge no meio dos indivíduos assim organizados, de forma que o fazer de um, torna-se fazer de todos e a eticidade, que é a razão que circunda, regulada por leis, por regimentos; como exemplo tem-se o próprio trabalho com salários, horários e metas a cumprir. Essa eticidade construída pelas razões tem um *telos*, uma finalidade (SCHÄFER, 2012).

Dentro da *cultura do trabalho*, o homem forma a si e percebe o outro, este conceito está presente na *Fenomenologia*. Com o trabalho o ser humano produz cultura, assim exterioriza essa ação e retorna a si como sujeito consciente. Nesse movimento ele se apropria da natureza instantaneamente em que entende sua natureza, tornando-se culto e educado.

O sujeito, neste processo longo e árduo – de saída e retorno a si mesmo – percebe que é um ser em constante construção. Neste percurso é necessária a presença dos outros, no agir comunitário. É o trabalho, que parecia exterior a si que vai se mostrando o processo de autoconsciência formativa. Na relação com a natureza deve ir além da mera contemplação teórica, ela se completa na ação: transformação e utilização. O trabalho então é o momento da saída de si. O momento que o homem efetiva seu pensamento, tornando-o concreto e apresentando sua subjetividade (SCHÄFER, 2012).

Hegel vê o trabalho para além da satisfação das necessidades, nele está a consciência individual e coletiva manifestando assim, a partir do reconhecimento do movimento das consciências, o caráter público e universal da humanidade. É pelo trabalho que o ser humano age sobre e estabelece uma direção à natureza, produzindo a cultura de um povo. Afinal, como foi afirmado anteriormente, ao transformar a natureza o ser humano transforma a si próprio. O trabalho é a mediação que supera o individualismo e registra refletidamente sua característica naquilo que era apenas natureza; traduzindo essa intencionalidade em cultura. Nessa visão civilizatória do processo de humanização do ser, as autonomias são preservadas a partir da valorização do trabalho, da produção coletiva. Hegel escreveu (2002, p. 151) “Assim, precisamente no trabalho, onde parecia ser apenas um sentindo alheio a consciência, mediante esse reencontrar-se de si por si mesma, vem-a-ser sentido próprio.” Apresentando uma visão positiva do trabalho, ao apresentar uma relação que de início não é amorosa entre o senhor e o escravo, mas uma luta de vida e morte, onde a consciência dominada aceita a dominação por medo do Senhor Absoluto. “Uma abdica para conservar a vida: o escravo. A outra emerge como autêntico ser-para-si: o Senhor. O senhor goza dos bens; o escravo os produz. O senhor é para-si; o escravo é para-outro” (MENESES, 1985, p.55). Com a dominação, surge o reconhecimento da necessidade do outro para a ação direta na natureza.

Como o escravo se submete a viver em servidão, ele torna-se mais subserviente devido o medo da morte apresentado pelo senhor que o venceu. A vida privada da liberdade, torna-se o negativo que permitirá a liberdade – mesmo que pareça contraditório – da condição escrava, uma vez que o mesmo trabalha sobre a natureza e sobre sua natureza humana, completando a experiência da formação (SCHÄFER, 2012). Enquanto a consciência escrava labora sobre o objeto, tal consciência apreende sobre a natureza humana e o quanto, ao refrear o desejo, educa a si mesma, afastando-se do que a priori é animalesco, a satisfação imediata de algo. Pode-se inferir uma leitura além da natureza concreta, entendendo a natureza humana como parte dessa esfera maior; essa também pode ser identificada nas formas política, social e econômica. Então,

nessa dinâmica há a busca de reconhecimento e as consciências encontram seu expoente máximo na diversidade que, diante dessa possibilidade, apresenta o sentido de sociedade moderna concentrada no trabalho que identifica os seres como diversos e únicos, ou seja, idênticos e diferentes simultaneamente. Portanto, a transformação real está no trabalho e na educação dos sujeitos através do trabalho (HEGEL, 2002, p. 138)

2.3 DIALÉTICA E RECONHECIMENTO NOS CONCEITOS DE EDUCAÇÃO E DE TRABALHO A PARTIR DE HEGEL

Hegel viu no avanço da humanidade rumo ao projeto da modernidade o desenvolvimento da *Bildung*, mesmo não tendo escrito diretamente para pensar a educação deste período ou dos seguintes. Ele esteve envolvido profissionalmente com o ensino universitário e durante esse tempo escreveu documentos que envolvem educação, formação e ensino da Filosofia. Ele destacou a importância do pedagogo filósofo para pensar a educação e apresentou duas maneiras de pensar o ensino de Filosofia: a dialética e a especulativa. Ambas pensadas na forma de ensinar não centrada apenas no conteúdo, mas na acessibilidade e compreensão dos estudantes. Para compreender tal importância, Hegel apresentou esse caminho na sua obra *Fenomenologia do Espírito* (1806) onde explicita a consciência, a autoconsciência (consciência-de-si) e a razão absoluta, ou saber absoluto (GELAMO, 2008).

Ao trabalhar a Filosofia a partir de um referencial curricular historicamente construído e o de estímulo ao pensamento autônomo, encontra-se a concepção metodológica dialética de filosofia. Cirne-Lima (1997, p. 105) escreve:

Hegel, na *Lógica da Enciclopédia*, nos dá uma pista. Ser, Nada, Devir, etc., ou seja, as categorias da *Lógica*, são sempre predicados. Mas predicados de quem? De quem se está falando? Hegel responde: Se alguém tiver dificuldade em pensar sem que o sujeito e o predicado da predicação estejam expressos, pense como sujeito das predicações O Absoluto. É isto, é exatamente isto que Hegel nos recomenda. Ele se deu conta de que para a maioria de nós ficou difícil pensar sem um sujeito lógico expresso e por isso nos dá uma receita prática de como proceder para entender a linguagem da *Dialética*. Ele nos manda pensar o Absoluto como sujeito lógico de tudo que está sendo dito. Ser, Nada, Devir, Estar-Aí, o Mesmo, o Outro, etc. são determinações categoriais que estão sendo predicadas do Absoluto. Para completar as proposições, que na *Dialética* de Hegel estão sem sujeito lógico, é preciso pensar, dizer e escrever (CIRNE-LIMA, 1997, p. 105)

A dialética hegeliana contribui para uma concepção metodológica²⁴, que responde à questão do início e do fim em si mesmo, o eterno devir. “Portanto, o resultado é somente o mesmo que o começo, porque começo é fim; ou, [por outra], o efetivo só é o mesmo que seu conceito, porque o imediato como fim tem nele mesmo o Si, ou a efetividade pura” (HEGEL, 2002, p. 37). Na perspectiva dialética, fundamentada numa concepção de homem e de mundo, onde informação auxilia na construção do conhecimento, no entanto, não é conhecimento, sendo assim não pode ser “depositado” (como foi dito da educação tradicional, bancária²⁵); mas sim o conhecimento deve ser significativo e construído pelo sujeito no relacionamento com os outros sujeitos e com o mundo. Ou seja, todo conteúdo abordado formalmente, dentro do que o currículo exige para obtenção de aprovação, deve ser revisto, refletido, reelaborado para dar significância ao mesmo e que o estudante possa apreender e construir seu conhecimento.

O conteúdo sem o filosofar perde o sentido, bem como seu contrário perde o sentido da filosofia; produzindo o esvaziamento das mentes e um pensar sem propósitos, sem o pensar filosófico; e um pensamento sem base sólida não permanece. Afirma-se aqui que a metodologia para ensinar tanto os conteúdos filosóficos, como o método filosófico se entrelaçam e se complementam, assim como propomos a complementação do ensino de filosofia acerca do trabalho na perspectiva hegeliana em sala de aula com os eventos de extensão interdisciplinares. “É necessário uma imersão em cada um dos elementos fundamentais na filosofia para conhecer /saber o que é filosofar e para se aprender a filosofar” (GELAMO, 2008, p. 161).

O ensino de Filosofia, no ensino médio, é indispensável uma vez que entre a educação básica e o ensino superior o que muda é a profundidade da aprendizagem dos conteúdos e etapas da Filosofia. Hegel aponta três modos de pensamento: abstrato, dialético e especulativo. O abstrato se encontra no pensamento em geral; dialético é o movimento e a

²⁴ Aranha (1989, p. 2-4) escreveu que, para refletir sobre a educação, devemos primeiramente voltar às “teorias que tem por objeto a *ação humana*: a história como a interpretação da ação humana transformadora no tempo e a pedagogia como teoria crítica da educação, isto é, da ação do homem ao transmitir o modifica a herança cultural”. Ao tratar acerca do ser humano, pensa-se no que o distingue dos demais animais, a saber, o trabalho. “[...] o trabalho humano supõe o uso da linguagem simbólica que, expressando o pensamento, torna o homem capaz de representar o mundo e, portanto, de antecipar suas ações futuras”. Assim, pensar e agir estão ligados ao fazer humano. Chama-se práxis a união dialética da teoria e da prática, onde a concepção de ser social está intimamente ligada. Logo a educação leva em consideração tais aspectos referindo-se “a uma *condição humana* resultante do conjunto das relações sociais”.

²⁵ Segundo Freire (1980, p. 62) “a narração de que o educador é o sujeito, conduz os educandos à memorização mecânica do conteúdo narrado. Mais ainda, a narração os transforma em ‘vasilhas’, em recipientes a serem ‘enchidos’ pelo educador. [...] Dessa maneira, a educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador o depositante”.

confusão (razão negativa) e o especulativo, racional em sentido positivo. O abstrato e o dialético são caminhos que se devem percorrer por trazerem em si os conteúdos que compõem o pensamento filosófico. O estudante aprende a complexidade de cada uma dessas formas elevando o espírito ao pensamento filosófico (GELAMO, 2008). Pelo viés de Hegel (2002, p. 39) “o espírito, que se sabe desenvolvido assim como espírito, é a *ciência*. A ciência é a efetividade do espírito, o reino que ele para si mesmo constrói em seu próprio elemento”. O conhecimento científico é possível a partir da educação formal e da mediação docente que fomenta a curiosidade e orienta os caminhos que o indivíduo percorrerá na construção de seu conhecimento.

Meneses (1985, p. 22) afirmou: “Posto que a substância é sujeito, todo conteúdo é também reflexão sobre si mesmo” e a substância sendo igualdade é também, abstração. Sendo pensamento e conteúdo, é seu devir.

O subsistir ou a substância de um ser-aí é a igualdade-consigo-mesmo, já que sua desigualdade seria sua dissolução. Porém, a igualdade-consigo-mesmo é pura abstração; mas esta é o *pensar*. Quando digo: *qualidade*, digo a determinidade simples; por meio da qualidade, um ser-aí é diferente de outro, ou seja, é um ser-aí; é para si mesmo ou subsiste por meio dessa simplicidade consigo mesmo. Mas por isso é essencialmente o *pensamento*. (...) sua própria interioridade e sua retomada em si mesmo – seu vir-a-ser. (HEGEL, 2002, p. 58-59)

A lógica está na natureza do pensamento filosófico que percebe a forma como o eterno devir pertencente em si mesmo, é dialético. Gelamo (2008) acrescenta que com o pensamento especulativo é possível compreender o devir da história em seu processo dialético. É a superação da fragmentação rumo à unidade. Aprender a filosofar é um processo mediado para que o objetivo maior de eliminar a ignorância e a particularidade da opinião. Neste processo mediado há o papel do professor filósofo que seria o guardião da sabedoria. O professor é o anunciador e o transmissor dos saberes acumulados por gerações. O professor filósofo é essencial para o ensino da Filosofia, pois ele é capaz de fazer as mediações necessárias para o aprendizado, possibilitando, assim, o processo de ensino e de aprendizagem de uma filosofia verdadeiramente plena. O professor é o previdente – pensa e vê antes – que os estudantes, o que possibilita o diálogo filosófico. Ensinar e aprender são sempre mediados, porque não acontecem de forma espontânea ou natural.

Esses momentos já não incidem na oposição entre o ser e o saber, separadamente; mas ficam na simplicidade do saber – são o verdadeiro na forma do verdadeiro, e sua diversidade é só diversidade do conteúdo. Seu

movimento, que nesse elemento se organiza em um todo, é a *Lógica* ou *Filosofia Especulativa* (HEGEL, 2002, p.47, grifo do autor).

Aprender é movimento, e assim o sendo, é mediado. Logo, o pensar sozinho no “isolamento da consciência” afasta o ser humano da vivência sociocultural na consciência coletiva e, conseqüentemente da consciência de si no processo dialético da humanidade. Vislumbrar sua própria história é compreender que é processo, e como tal está na história do mundo, que é produto e produtor do que sua temporalidade o apresenta. Reforça-se então, a essencialidade do ensino dos métodos e dos conteúdos para o processo de formação do sujeito. Só, e somente só, com esse agir pedagógico intenso e sistemático que o indivíduo se perceba conscientemente parte do processo elaborado na história da humanidade, sendo capaz de identificar-se no devir e inferir no seu tempo, afastando-se da indiferença percorrendo o caminho que Hegel apresenta na obra *Fenomenologia do Espírito*, a consciência se apresenta e dialoga com os leitores a fim de levá-los a compreensão de si e o reconhecimento do outro. Tal processo contribui para que os estudantes percebam o agir do ser humano no mundo e o quanto este está intrinsecamente relacionado ao profundo “devir da história” e da própria história da filosofia (GELAMO, 2008).

A filosofia hegeliana apresenta intrínseca a ela, a mediação. “Entre mim e mim mesmo o outro se instala, não porque eu não possa experimentar a certeza do cogito e a verdade de mim mesmo, mas é que essa verdade permanecerá algo abstrato enquanto eu não obtiver desse outro idêntico a certeza de ser” (SANTOS, 1993, p. 82-83), ou seja, as consciências buscam reconhecimento, como explicitado na seção anterior. Esse procedimento da apresentação da consciência e da consciência-de-si, são momentos lógicos para adentrar ao conceito de reconhecimento. A luta pelo reconhecimento no pensamento hegeliano, inicia a história das sociedades ocidentais no transcorrer lógico apresentado na *Fenomenologia do Espírito*. As figuras da consciência apresentadas como o senhor e o escravo, aparecem, muitas vezes como figuras reais no transcorrer da história da humanidade conduzida por necessidades e pelo desejo. Segundo Vaz (1981, p. 17):

O sujeito humano se constitui tão somente no horizonte do mundo humano e a dialética do desejo deve encontrar sua verdade na dialética do *reconhecimento*. Aqui a consciência faz verdadeiramente a sua experiência como consciência-de-si porque o objeto que é mediador para o seu reconhecer-se a si mesma não é o objeto indiferente do mundo, mas é ela mesma no seu ser-outro: é outra consciência-de-si. (VAZ, 1981, p. 17)

A dialética do senhor e do escravo apresenta a dialética do reconhecimento na superação da luta pela vida que tais figuras estão assujeitadas, o problema a ser superado é a tentativa de uma consciência se sobrepor sobre a outra e “abocanhar”²⁶ a visão senhorial do mundo como desejo pela vida, o qual ostenta uma relação com o consumo, seja para com os objetos, seja para com o diferente (não *eu*) a ser suprassumido. O trabalho como termo médio é parte do caminho do reconhecimento que a consciência-de-si percorre para o Espírito Absoluto, Vaz (1981, p. 20) escreve:

Entre os dois termos da relação do reconhecimento, na dialética do senhor e do escravo, a desigualdade assinala a distância que separa — histórica e dialeticamente — o indivíduo que é consciência-de-si mas ainda está mergulhado na imediatez da vida e o indivíduo que se universalizará pela forma mais alta do reconhecimento que é o consenso racional na sociedade política. Como percorrer essa distância e quais os passos que irão suprimir dialeticamente essa desigualdade? A originalidade de Hegel consiste em pensar o problema do reconhecimento ou do advento histórico de uma sociedade fundada sobre o livre consenso — na qual tenha lugar a efetiva supressão da relação Senhor-Escravo — como um problema cujos termos se articulam e se explicitam ao longo de todo o desenvolvimento histórico da sociedade ocidental (VAZ, 1981, p. 20).

Embora haja um distanciamento na relação do reconhecimento entre o senhor e o escravo, também se encontra na figura do escravo a consciência-de-si que se reconhece como tal, Meneses registrou (1985, p. 59) “Ora, ser através do reconhecimento, ter sua unidade no desdobramento implica que os momentos sejam tomados simultaneamente como distintos e independentes; que os opostos sejam ao mesmo tempo afirmados...”. Assim, é no reconhecimento mútuo, possível mediante a liberdade do sujeito, que a consciência se torna espírito, a eticidade é o comum dos sujeitos que se reconhecem como tal e que percebem o fazer de um como o fazer de todos para o progresso da humanidade.

Nas palavras de Hegel (2002, p. 36) “Sobre o absoluto, deve-se dizer que é essencialmente *resultado*; que só no *fim* (teleologia) é o que é na verdade. Sua natureza consiste justo nisso: em ser algo, efetivo, em ser sujeito ou vir-a-ser-de-si-mesmo”. Ou seja, no diálogo filosófico proporcionado durante as aulas de Filosofia e no decorrer do projeto os envolvidos perceberão que “a *Bildung* é um processo em que há a presença constante de uma angústia de aperfeiçoamento e mudança, pois é característico do homem culto o fato de estar

²⁶ Uso conotativo que vai no sentido de apoderar-se; apropriar-se de forma abrupta de algo ou outro.

em um processo reflexivo, imerso em um conhecimento voltado para si mesmo” (NICOLAU, 2019, p. 107).

Saviani (2011) observa que o ser humano vive dentro de um determinado contexto cultural, histórico, social, uma vez que é sujeito no mundo (e do mundo). Então, a educação deve promover a esse indivíduo a capacitação necessária para aquisição de conhecimento de sua situação para intervenção nesta realidade, transformando-a, ampliando assim sua comunicação, a solidariedade e a liberdade. Saviani apresenta que a educação está vinculada ao trabalho, aqui visto como uma ação intencional, onde o ser humano transforma a natureza e cria a cultura. “Dizer, pois, que a educação é um fenômeno próprio dos seres humanos significa afirmar que ela é, ao mesmo tempo, uma exigência do e para o processo de trabalho, bem como é, ela própria, um processo de trabalho” (SAVIANI, 2011, p. 1). O trabalho está relacionado com cultura, cidadania, engajamento social, liberdade, realização pessoal e profissional, reconhecimento, consumo, status entre outros.

Para estimular o desenvolvimento da autonomia e de relações justas, respeitadas e solidárias é necessário tomar consciência de que a ética se faz presente nas diferentes esferas da vida e nas relações estabelecidas é necessário que haja mudanças ontológicas²⁷ no ser humano. A formação de valores éticos e estéticos²⁸ que reflitam na política, no viver em sociedade, com embasamento filosófico e científico que auxilie os sujeitos a entender e a intervir no mundo de forma eficaz, resume o projeto ético para fortalecimento e incentivo da autonomia. Segundo Nicolau (2019, p. 37)

Para Hegel, uma educação promotora da *Bildung* é a que promove a formação da totalidade do humano, o que além da capacitação técnico-científica, envolve formação política, ética e estética. (...) a compreensão de Hegel de que o espírito universal requer que cada indivíduo se ultrapasse enquanto vivente, enquanto desejo impulsionado pela natureza, que ele também é, mas deve superar (*Aufhebung*), para vir-a-ser espírito completo, universal, que sabe quais são as suas necessidades e, por isso, sabe conter-se, limitar-se (NICOLAU, 2019, p. 37)

²⁷ O dicionário Michaelis apresenta a seguinte definição para ontologia: 1 Filos Teoria ou ramo a *filosofia* cujo objeto é o estudo dos seres em geral, o estudo das propriedades mais gerais e comum a todos os seres; metafísica ontológica. 2 Filos Estudo ou conhecimento dos seres e dos objetos enquanto eles mesmos, em oposição ao estudo de suas aparências e atributos. Aqui nos referimos às mudanças na essência do sujeito.

²⁸ A palavra aqui posta remete a dimensão estética pensando o ser humano, que se refere à atitude do sujeito perante o mundo, o estabelecimento de uma relação sensível, de beleza, de harmonia com o mundo, de não embrutecimento diante do diferente.

Nesse sentido, a educação é considerada um dos espaços centrais da esfera pública uma vez que compreendido como o que “[...] é comum a todos nós e diferente do lugar que nos cabe dentro dele. [...] Conviver no mundo significa essencialmente ter um mundo de coisas interposto entre os que nele habitam em comum” (ARENDDT, 1995, p. 62). A educação formal é momento de eticidade da consciência que agrega a consciência-de-si, e também, ao pensar acerca da Parábola do Senhor e do Escravo como a parábola da modernidade, pode-se entender a importância do trabalho para o reconhecimento de si e do outro. Nas palavras de Freire (1987, p. 36)

O que caracteriza os oprimidos, como “consciência servil” em relação à consciência do senhor, é fazer-se quase “coisa” e transformar-se, como salienta Hegel, em “consciência para outro”, a solidariedade verdadeira com eles está em com eles lutar para a transformação da realidade objetiva que os faz ser este “ser para outro.” (FREIRE, 1987, p. 36).

Os saberes que a sociedade detém, segundo Ghedin (2009, p. 23-24) “são conquistas históricas da humanidade, e nenhum ser humano pode ou deve privar-se desse conjunto de conhecimentos que possibilitam um salto significativo na humanização (...) Toda trajetória histórica do pensamento humano, em certo sentido, é o esforço para manter viva a expressão da cultura humana, que ultrapassa a existência individual”. Nesse sentido trabalho então é intencional, cujo *telos* é criar o mundo cultural enquanto processo sistemático do agir das consciências. “Pois a natureza da humanidade é tender ao consenso com outros, e sua existência reside apenas na comunidade instituída das consciências” (HEGEL, 2002, p. 68). Retomamos aqui a afirmação de Gelamo (2008, p. 164) acerca da importância do professor “a figura do mestre é central para exercer a mediação entre o saber já instituído e aquele que está sendo construído pelo aluno. Assim, ensinar e aprender sempre são atividades mediadas pelo professor, porque não poderiam se dar de forma espontânea ou natural”.

Como existe a dinâmica entre o espírito subjetivo e o objetivo tornando evidente o movimento dialético, “o devir na essência, seu movimento reflexionante é, por conseguinte, o movimento do nada para o nada e desse modo apenas para si mesmo de volta. A passagem ou o devir se superam em sua passagem; o outro, que nessa passagem se torna algo (...)” (HEGEL, 2011, p.51), a concepção de ensino deve levar em consideração tal dinâmica do conhecimento humano. Assim, deve-se pensar a interação que favoreça a relação dialética – construção, desconstrução e reconstrução de conceitos e significados “mediante o suprasumir dos pensamentos determinados e fixos, efetivar e espiritualizar o universal” (HEGEL, 2002,

p. 45) – contribuindo para a criação da instituição escolar como espaço de vivências de um currículo com ideais de ética, justiça, estética, respeito, empatia e solidariedade. Um currículo que preserve as lutas pelo direito a uma vida digna e que instrumentalize a todos para que possam questionar e superar a exclusão social e toda a forma de preconceito.

Para Tardif e Lessard (2005, p. 17 e 22) o lugar da docência diante do trabalho que valoriza a produção material é repensado, pois os professores preparam os jovens para a “vida verdadeira”, ou seja, a educação básica forma o estudante para o exercício de uma atividade laboral no mercado de trabalho, então “o trabalho docente é extremamente relevante para a economia na sociedade moderna avançada e se constitui em uma das chaves para a compreensão das transformações atuais das sociedades do trabalho”. O trabalho docente é uma atividade social, no entanto fundamentada a partir de modelos teóricos industriais; trata-se de uma forma de trabalho sobre outro e para tanto, há uma relação dialética neste processo, que podemos identificar na parábola do senhor e do escravo, afinal, qual o conceito de educação está presente na proposta pedagógica das instituições escolares? Citamos Chauí (2003, p. 6), ao afirmar que uma “instituição social diferenciada e autônoma só é possível em um Estado republicano e democrático”. Daí a importância de refletir junto aos estudantes que estão terminando o ensino médio, acerca da diferença entre mercado de trabalho – o qual gera uma renda para a sobrevivência – e o mundo do trabalho – no qual estão inseridos desde que chegaram ao mundo pensado e produzido por outros que vieram antes, e aí se tem a *Bildung*.

A relevância da ideia de trabalho relacionada à valorização do conhecimento nos estudantes, como preparação para o mundo do trabalho e a cidadania nas sociedades capitalistas apontadas por Tardif e Lessard (2005) principalmente ao que se refere à sociedade do conhecimento²⁹, acabam por levantar expectativas em relação à educação. No caso dos países, como o Brasil e muitos outros do continente latino americano espera-se que a educação escolar básica se estenda amplamente a toda à população, como requisito para preparação para o trabalho, conforme ocorreu nas sociedades industriais, nos países desenvolvidos. E, na atual fase do capitalismo, soma-se ao ingresso universal à escola básica, o desenvolvimento de habilidades e competências na preparação para o exercício do trabalho que inclua a criatividade para o exercício de múltiplas funções, chamado de trabalho flexível, além da educação como condição de empregabilidade. Ou seja, que as pessoas sejam preparadas para se inserir no mercado de trabalho e na falta de postos de trabalho, possam se

²⁹ O termo define a sociedade que produz além da base agrária ou industrial, sociedade capaz de criar, inovar, pesquisar, produzir tecnologia e conhecimento.

adaptar ao quadro de incertezas e instabilidades, autogerindo sua sobrevivência. Assim, a educação é entendida como investimento cujo objetivo é bem definido: o desenvolvimento da capacidade produtiva do homem.

Vivemos na sociedade do conhecimento que reflete sobre o trabalho; então, a partir da lógica hegeliana pode-se compreender alguns aspectos inerentes à educação formal e ao agir no mundo. Primeiramente, a entrada na escola e aqui remetemos ao ensino médio, significa a negação (filosófica) dos valores individuais e do amor familiar, isto é, a escola é um momento negativo. Há muitos níveis de consciências oriundas de verdades absolutas dentro da instituição familiar. A família, no entanto, não transforma a consciência do aluno em consciência de mundo; é por meio da ação, interação e alteridade que torna a escola na vida do sujeito um momento de passagem da vida familiar para um ente social e político (NICOLAU, 2019, p.12-14), a escola proporciona essa interação, pois neste espaço o sujeito se depara com o diferente de si e ao mesmo tempo igual, e essa relação é trabalhada pautada no respeito e na empatia.

Novelli (2001, p. 85) escreveu:

A escola é uma particularidade do absoluto que aparece na totalidade da história humana, porém toda parte constrói a totalidade ainda que não o queira. A missão da escola é a de ser mediação entre a família e o mundo e isto implica na preparação para a vida pública. A família já é o convívio entre diferentes, mas, na sociedade, os laços que unem as diferenças superam as determinações particulares pelos elos da razão e do espírito. Contudo, a escola concilia o envolvimento com o mundo e o necessário isolamento do mesmo para que a reflexão e a investigação tenham vez (NOVELLI, 2001, p. 85).

Assim, os estudantes são históricos, nasceram no turbilhão da história e buscam a reconciliação com o outro, com o mundo. A escola trabalha com a multiplicidade respeitando a individualidade; cabe aos professores ordenar o pensamento, a argumentação, auxiliar na compreensão da educação de suas emoções e não apenas repreender o pensar do estudante. A educação formal institucionalizada é processo que envolve as competências que são mediação para a vida comunitária. Ali se encontra a eticidade, regulada por leis, por formalidades – espaço onde o sujeito passa a reconhecer o outro e assim, reconhece a si mesmo. Assim, a escola é um transcender da dialética entre o sujeito e o ensino, pois sai das moralidades familiares (convicções) e leva o sujeito para a moralidade cívica, ou seja, à eticidade (SILVA, 2013).

Novelli (2001, p. 67) destaca que “[...] é válido investigar como a dialética hegeliana proporciona contribuições para o que ocorre em sala de aula”. Para isso é necessário perceber que toda consciência está presente em um ser que partilha da realidade, contudo esse ser (o que se é) não está vinculado exclusivamente ao presente, mas a filosofia é o movimento da história refletido no pensamento, logo, a educação parte de momentos da história e cruza no sistema filosófico. Sendo a Filosofia contemporânea a seu tempo histórico, a mesma apresenta sua visão do real, e forma a si e ao mundo, assim a *Bildung* é um dos resultados desse processo de autoeducação do espírito, realizado no âmbito de sua dimensão subjetiva.

A historicidade da humanidade, pontuou Novelli (2001, p.74), afirma-se como condição de povo, coletividade. O homem produz conhecimento a partir da realidade sensível que adquire nessa coletividade. Tais transformações não ocorrem apenas pelo avanço tecnológico, mas também pelas preocupações que se têm acerca do futuro do trabalho. Então, a educação não apenas transmite, como também (se) modifica a partir das transformações do constante *devenir*. “A infinitude, ou essa inquietação absoluta do puro mover-se-a-si-mesmo, [faz] com que tudo o que é determinado de qualquer modo – por exemplo, como ser – seja antes o contrário dessa determinidade” (HEGEL, 2002, p. 130).

O foco desta reflexão é pensar o ensino da Filosofia do trabalho como conteúdo integrador do referencial curricular e a culminância com um projeto extraclasse de extensão complementar ao ensino, ofertado aos estudantes do terceiro ano do ensino médio, que estão em processo de transição da educação básica para o ensino superior. E nesse processo desejam a inserção no mercado de trabalho, como afirmação da autonomia e da liberdade. Novelli (2001, p. 75) registrou que “[...] para Hegel, aprender é aprender com alguém mais, por intermédio de alguém, isto é, por um processo necessariamente mediado”. Eis a necessidade de reflexão filosófica mediada pelo professor, parafraseando Gelamo (2008), que é o previdente, possibilita o diálogo filosófico.

E, nesse contexto entre trabalho, cidadania, reconhecimento e desejo, o mercado é alimentado - e se alimenta - do impulso constante que a globalização alavancada pelo capitalismo cria necessidades, carências, desejos. E o trabalhador/ estudante não pensa claramente esta relação. Levantamos alguns questionamentos, como os estudantes de escola pública veem ou se preparam para adentrar o mundo do trabalho – ou ainda já imersos – refletem sobre sua ação laboral? Tais estudantes percebem, ou pensam, sobre as diferenças entre mundo do trabalho e mercado de trabalho? Há diferenças entre trabalho e emprego? O estudante ao estar no mercado de trabalho vive ou apenas “sobrevive”? Há consciência de

subexistência? Esta reflexão sob o enfoque hegeliano, além de possibilitar aos estudantes a reflexão com teor acadêmico sendo direcionado sobre o futuro do mercado de trabalho e o mundo do trabalho dos mesmos, ao analisarmos as possíveis soluções para a demanda, também elucidará de forma consciente as escolhas da carreira universitária que os jovens realizarão ao findar a educação básica.

Novelli (2001, p. 79) registrou que a “natureza tem sido largamente citada como um antagonismo ao humano, pois é determinação e limitação que enclausura e restringe. A natureza é o reino da necessidade ao qual se opõe o homem pelo reino da liberdade.” Mas, Hegel entendia a natureza como uma oposição necessária para a superação das limitações. Então, a educação torna-se meio pelo qual o homem supera o estado de natureza. Por meio da educação, o hábito da via ética se eleva acima do imediato (natureza animal); a filosofia do trabalho hegeliano atribuiu ao ser humano o dever de tornar-se senhor de si mesmo, com a disciplina do trabalho. Ao satisfazer suas necessidades básicas, o homem está submetido à natureza, contudo, quando estabelece o sistema de relações universais que podem ser realizadas por meio da ação inteligente e do pensamento, a natureza aparece subsumida no conceito e a necessidade cede lugar à liberdade (SANTOS, 1993, p.39-40). O trabalho na educação do ser humano é abarcado pela filosofia do trabalho. O refletir filosófico da concepção do trabalho para os indivíduos permite a visualização da passagem do que é material para a compreensão de si mesmo e do outro, na contemporaneidade capaz de realizar o diálogo filosófico a fim de entender a transformação humana a partir da ação laboral e a práxis cidadã (NOVELLI, 2001, p.71-74).

3. A PASSAGEM DA ESCOLA PARA A SOCIEDADE CIVIL

A melhor maneira de estudar Filosofia é pensar o cotidiano; pois assim quando deparamos com questões que incomodam, provocam, inquietam ou deixam curiosos, devemos mergulhar com profundidade nas dúvidas e, por intermédio da leitura, dos diálogos, estabelecer relações que possam permitir a reelaboração do pensar, a verificação de alternativas e, finalmente o registro da reflexão. Novelli (2001) destaca que

Para Hegel, aprender é aprender com alguém mais, por intermédio de alguém, isto é, por um processo necessariamente mediado. O indivíduo precisa passar por diversos estágios em sua formação. Tais estágios podem ser caracterizados na particularidade e na universalidade do espírito de cuja existência o indivíduo participa. O espírito se desenvolve na vida do indivíduo e o desenvolvimento do indivíduo ocorre no espírito” (NOVELLI, 2001, p. 75)

Essa mediação permitiu aos estudantes do terceiro ano do ensino médio da Escola Estadual Jorge Amado, localizada no município de Chapadão do Sul, serem instigados a refletir acerca das relações que o trabalho possibilita e permeia. Para a estruturação desse projeto, utilizou-se a metodologia dialética estruturada nas etapas propostas por Gallo (2012), a saber, sensibilização, problematização, investigação e conceituação. Explicitaremos a seguir cada etapa deste caminho que viabiliza a aprendizagem da filosofia como experiência do e no pensamento, segundo o próprio filósofo.

A *sensibilização* é o momento onde os estudantes são instigados a pensar acerca de um problema; o professor aguça a percepção discente, provoca a sensibilidade. Nessa etapa o docente trabalha com objetos não filosóficos, tais como, músicas, poemas, contos, cenas de filmes, imagem, charges, tirinhas; algo relacionado ao cotidiano do estudante e que o deixe curioso. O ideal é mobilizar os discentes em torno do tema. A etapa seguinte, *problematização* é quase que simultânea à sensibilização, pois consiste em evidenciar o problema. Ou seja, evidenciar o problema aos olhos dos estudantes, transformando-o em questão a ser investigado, problema a ser enfrentado. O objetivo é dar enfoque ao esforço comum das múltiplas sensibilidades em busca da investigação de um mesmo problema. Na etapa de *investigação* exige um tempo maior, pois envolve estudo, pesquisa na história da filosofia, com perguntas (Esse problema levantado, já foi pensado? Qual contexto? Quais abordagens foram realizadas? Como foram enfrentados os conceitos pensados?), neste

processo entra as leituras filosóficas de comentadores e de filósofos, tendo todo o cuidado com a linguagem que cada um apresenta. E finalizando, a *conceituação* mobiliza o estudante a conceituar, pois conceito é ao mesmo tempo, um ato de pensamento e a materialização do processo como produto. Neste, a linguagem materializa o pensamento. E retomamos Hegel, ao afirmar que a linguagem é momento da atividade da consciência pois permanece como memória.

3.1 ETAPA 1 DO PROJETO REFERENTE AO ANO DE 2020

A aplicabilidade do projeto iniciou-se com as aulas presenciais de Filosofia, com os estudantes dos terceiros anos do ensino médio, sendo duas turmas (A e B) no período matutino – com matriz curricular estendida, sendo seis aulas diárias – e duas turmas no período noturno (C e D) – com matriz curricular de cinco aulas diárias. Tanto período matutino quanto noturno contam com uma aula semanal da disciplina de Filosofia.

3.1.1 AULA 1

Iniciou-se o ano letivo presencialmente e a execução do projeto teve como atividade a explicação dos objetivos e o andamento das aulas. Na sequência, os estudantes foram divididos em grupos de quatro integrantes e entregou a cada grupo algumas diferentes literárias que tratavam do mesmo tema: Trabalho. Sendo estas, uma letra de música, uma poesia, uma obra de arte e uma charge. Cada grupo tinha a tarefa de ler o material entregue, analisar e registrar as conclusões, sendo estipulado aproximadamente vinte minutos para esta primeira etapa. Na sequência, os estudantes deveriam elencar um líder que apresentaria ao grande grupo as conclusões. E, após as exposições orais, foi solicitado aos estudantes que fizessem um registro em seu material para anotações, das observações e que unisse todas as apresentações, sendo sugerido um pequeno resumo ou síntese.

Charge



Disponível em <<https://deposito-de-tirinhas.tumblr.com/post/117870241917/por-quino-www-quino-com-ar>>

Obra de arte



Operários, Tarsila do Amaral.

Pintado em 1933, a tela *Operários* tem temática social e está exposta no Palácio Boa Vista.

Letra de música

FÁBRICA *Legião Urbana*

Nosso dia vai chegar
Teremos nossa vez
Não é pedir demais
Quero justiça

Quero trabalhar em paz

Não é muito o que lhe peço
 Eu quero um trabalho honesto
 Em vez de escravidão

Deve haver algum lugar
 Onde o mais forte
 Não consegue escravizar
 Quem não tem chance

De onde vem a indiferença
 Temperada a ferro e fogo?
 Quem guarda os portões
 Da fábrica?

O céu já foi azul
 Mas agora é cinza
 O que era verde aqui
 Já não existe mais

Quem me dera acreditar
 Que não acontece nada
 De tanto brincar com fogo
 Que venha o fogo então

Esse ar deixou minha vista cansada
 Nada demais

Poesia

O OPERÁRIO EM CONSTRUÇÃO

Carlos Drummond de Andrade

Rio de Janeiro, 1959

E o Diabo, levando-o a um alto monte, mostrou-lhe num momento de tempo todos os reinos do mundo. E disse-lhe o Diabo:

- Dar-te-ei todo este poder e a sua glória, porque a mim me foi entregue e dou-o a quem quero; portanto, se tu me adorares, tudo será teu.

E Jesus, respondendo, disse-lhe:

- Vai-te, Satanás; porque está escrito: adorarás o Senhor teu Deus e só a Ele servirás.

Lucas, cap. V, vs. 5-8.

Era ele que erguia casas
 Onde antes só havia chão.
 Como um pássaro sem asas
 Ele subia com as casas
 Que lhe brotavam da mão.
 Mas tudo desconhecia
 De sua grande missão:
 Não sabia, por exemplo

Que a casa de um homem é um templo
 Um templo sem religião
 Como tampouco sabia
 Que a casa que ele fazia
 Sendo a sua liberdade
 Era a sua escravidão.

De fato, como podia
 Um operário em construção
 Compreender por que um tijolo
 Valia mais do que um pão?
 Tijolos ele empilhava
 Com pá, cimento e esquadria
 Quanto ao pão, ele o comia...
 Mas fosse comer tijolo!
 E assim o operário ia
 Com suor e com cimento
 Erguendo uma casa aqui
 Adiante um apartamento
 Além uma igreja, à frente
 Um quartel e uma prisão:
 Prisão de que sofreria
 Não fosse, eventualmente
 Um operário em construção.

Mas ele desconhecia
 Esse fato extraordinário:
 Que o operário faz a coisa
 E a coisa faz o operário.
 De forma que, certo dia
 À mesa, ao cortar o pão
 O operário foi tomado
 De uma súbita emoção
 Ao constatar assombrado
 Que tudo naquela mesa
 - Garrafa, prato, facão -
 Era ele quem os fazia
 Ele, um humilde operário,
 Um operário em construção.
 Olhou em torno: gamela
 Banco, enxerga, caldeirão
 Vidro, parede, janela
 Casa, cidade, nação!
 Tudo, tudo o que existia
 Era ele quem o fazia
 Ele, um humilde operário
 Um operário que sabia
 Exercer a profissão.

Ah, homens de pensamento

Não sabereis nunca o quanto
 Aquele humilde operário
 Soube naquele momento!
 Naquela casa vazia
 Que ele mesmo levantara
 Um mundo novo nascia
 De que sequer suspeitava.
 O operário emocionado
 Olhou sua própria mão
 Sua rude mão de operário
 De operário em construção
 E olhando bem para ela
 Teve um segundo a impressão
 De que não havia no mundo
 Coisa que fosse mais bela.

Foi dentro da compreensão
 Desse instante solitário
 Que, tal sua construção
 Cresceu também o operário.
 Cresceu em alto e profundo
 Em largo e no coração
 E como tudo que cresce
 Ele não cresceu em vão
 Pois além do que sabia
 - Exercer a profissão -
 O operário adquiriu
 Uma nova dimensão:
 A dimensão da poesia.

E um fato novo se viu
 Que a todos admirava:
 O que o operário dizia
 Outro operário escutava.

E foi assim que o operário
 Do edifício em construção
 Que sempre dizia sim
 Começou a dizer não.
 E aprendeu a notar coisas
 A que não dava atenção:

Notou que sua marmita
 Era o prato do patrão
 Que sua cerveja preta
 Era o uísque do patrão
 Que seu macacão de zuarte
 Era o terno do patrão
 Que o casebre onde morava
 Era a mansão do patrão

Que seus dois pés andarilhos
 Eram as rodas do patrão
 Que a dureza do seu dia
 Era a noite do patrão
 Que sua imensa fadiga
 Era amiga do patrão.

E o operário disse: Não!
 E o operário fez-se forte
 Na sua resolução.

Como era de se esperar
 As bocas da delação
 Começaram a dizer coisas
 Aos ouvidos do patrão.
 Mas o patrão não queria
 Nenhuma preocupação
 - "Convençam-no" do contrário -
 Disse ele sobre o operário
 E ao dizer isso sorria.

Dia seguinte, o operário
 Ao sair da construção
 Viu-se súbito cercado
 Dos homens da delação
 E sofreu, por destinado
 Sua primeira agressão.
 Teve seu rosto cuspidos
 Teve seu braço quebrado
 Mas quando foi perguntado
 O operário disse: Não!

Em vão sofrera o operário
 Sua primeira agressão
 Muitas outras se seguiram
 Muitas outras seguirão.
 Porém, por imprescindível
 Ao edifício em construção
 Seu trabalho prosseguia
 E todo o seu sofrimento
 Misturava-se ao cimento
 Da construção que crescia.

Sentindo que a violência
 Não dobraria o operário
 Um dia tentou o patrão
 Dobrá-lo de modo vário.
 De sorte que o foi levando
 Ao alto da construção
 E num momento de tempo

Mostrou-lhe toda a região
 E apontando-a ao operário
 Fez-lhe esta declaração:
 - Dar-te-ei todo esse poder
 E a sua satisfação
 Porque a mim me foi entregue
 E dou-o a quem bem quiser.
 Dou-te tempo de lazer
 Dou-te tempo de mulher.
 Portanto, tudo o que vês
 Será teu se me adorares
 E, ainda mais, se abandonares
 O que te faz dizer não.

Disse, e fitou o operário
 Que olhava e que refletia
 Mas o que via o operário
 O patrão nunca veria.
 O operário via as casas
 E dentro das estruturas
 Via coisas, objetos
 Produtos, manufaturas.
 Via tudo o que fazia
 O lucro do seu patrão
 E em cada coisa que via
 Misteriosamente havia
 A marca de sua mão.
 E o operário disse: Não!

- Loucura! - gritou o patrão
 Não vês o que te dou eu?
 - Mentira! - disse o operário
 Não podes dar-me o que é meu.

E um grande silêncio fez-se
 Dentro do seu coração
 Um silêncio de martírios
 Um silêncio de prisão.
 Um silêncio povoado
 De pedidos de perdão
 Um silêncio apavorado
 Com o medo em solidão.

 Um silêncio de torturas
 E gritos de maldição
 Um silêncio de fraturas
 A se arrastarem no chão.
 E o operário ouviu a voz
 De todos os seus irmãos
 Os seus irmãos que morreram

Por outros que viverão.
 Uma esperança sincera
 Cresceu no seu coração
 E dentro da tarde mansa
 Agigantou-se a razão
 De um homem pobre e esquecido
 Razão porém que fizera
 Em operário construído
 O operário em construção.

3.1.2 AULA 2

No estado do Mato Grosso do Sul as aulas iniciaram-se em março e com apenas uma aula semanal no componente curricular de Filosofia, o trabalho teve início com os estudantes e as aulas presenciais foram suspensas, devido à pandemia de COVID-19. As aulas então passaram a ser remotas. Inicialmente com atendimento pelo *Whatsapp*³⁰ os estudantes foram orientados a realizar uma atividade utilizando o livro didático adotado pela escola, *Filosofando: introdução à filosofia*, volume único/ Maria Lúcia de Arruda Aranha e Maria Helena Pires Martins, onde após realizar a leitura das páginas 56, 57 e 58 – *Trabalho: humanização ou tortura?* e *concepções sobre o trabalho*, o estudante deveria elaborar um comentário e enviar foto no *WhatsApp* privado do docente.

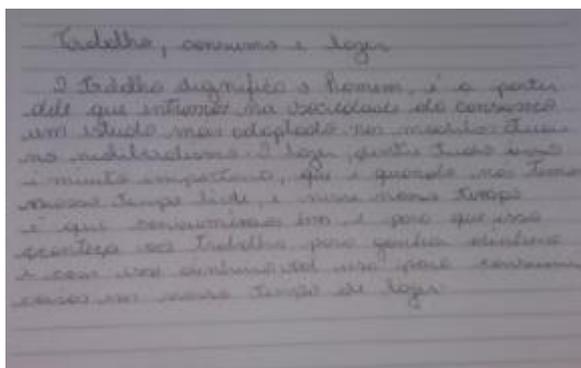


Figura 1: exemplo de uma atividade de estudante do terceiro ano do ensino médio, enviado no whatsapp privado do professor.

³⁰ *WhatsApp* é um software para smartphones utilizado para troca de mensagens de texto instantaneamente, além de vídeos, fotos e áudios através de uma conexão à internet.

3.1.3 AULA 3

Ao perceber que a pandemia duraria mais que alguns meses, a Secretaria Estadual de Educação do Mato Grosso do Sul (SED/MS) formalizou uma parceria com o *Google*, onde foram criadas contas corporativas³¹ para professores e estudantes de toda a rede, no intuito de facilitar a comunicação e dar continuidade ao processo de ensino, minimizando os prejuízos em relação a aprendizagem escolar. E, disponibilizando tal recurso, tanto professores quanto estudantes começaram a utilizar o *Google Classroom* (em tradução literal, google sala de aula) onde cada turma tem box³² com os componentes curriculares do ano escolar e os professores inserem os tópicos, materiais, atividades, avaliações, roteiros de estudos. Bem como a ferramenta do *Google Meet*³³ que permite realizar chamadas on-line ao vivo com vários participantes e a gravação destas chamadas. Então, em aula síncrona a professora pesquisadora realizou aula expositiva pela ferramenta explicando o trabalho em Hegel, mais especificamente a Parábola do Senhor e do Escravo de forma dialogada com os estudantes que estiveram presentes.

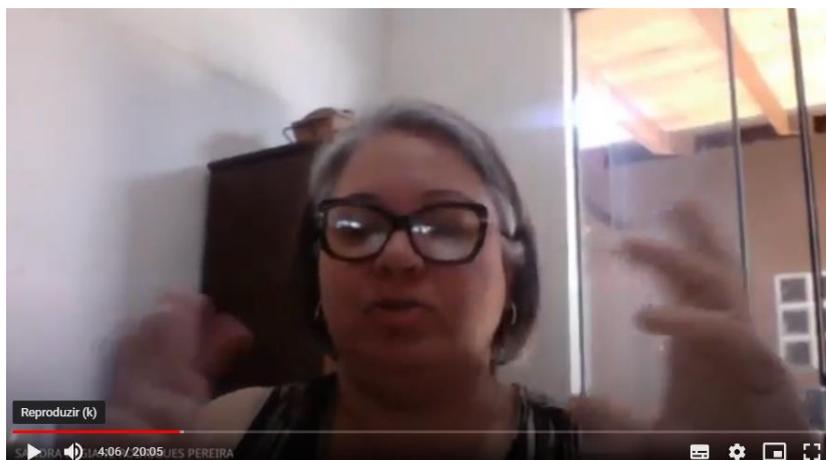


Figura 2: aula síncrona sob o tema “O trabalho em Hegel”.

3.1.4 AULA 4

³¹ O *G Suite* é um conjunto de produtos bem completo do *Google* que oferece soluções corporativas como documentos, planilhas e e-mails para facilitar o dia a dia das empresas. A plataforma integra processos e informações na nuvem e pode ser contratada por meio de uma assinatura mensal.

³² Espaço similar a uma caixa on-line onde é postada as atividades referentes aos componentes curriculares dentro do aplicativo do *Google Classroom*.

³³ É uma ferramenta de cunho corporativo para realização de reuniões em vídeo a distância, com alta qualidade de áudio e vídeo comportando um número expressivo de participantes on-line ao mesmo tempo.

Em atividade assíncrona – sem que houvesse aula ao vivo – os estudantes foram instigados a responder uma atividade elaborada no *Google Forms* (formulário do google) com pergunta no box do componente curricular de Filosofia, inerente ao *Google Classroom* a pergunta dissertativa: O que é trabalho? Disponível no endereço eletrônico <https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSca2OhZ2AWKaHLQpWVq3WKi6OZs_4CM5rXdV4uhUs3nasWLvw/viewform>

O que é Trabalho?

*Obrigatório

Nome *

Sua resposta

Turma: *

1ª A

1ª B

1ª C

1ª D

Responda a questão com seu conceito de trabalho *

REPÚBLICA QUENTINA DO CHILE
MINISTERIO DE TRABAJO
SERVICIO DE PREVIDENCIA SOCIAL

CARTEIRA DE TRABALHO
E
PREVIDENCIA SOCIAL

Sua resposta

Enviar

Figura 3: formulário elaborado no *Google Forms* e disponibilizado no *Google Classroom*.

3.1.5 EVENTO “DIÁLOGOS DEMOCRÁTICOS”

O trabalho realizado em sala com os estudantes dos terceiros anos, matutino e noturno, da Escola Estadual Jorge Amado localizada no município de Chapadão do Sul, foi idealizado inicialmente um momento (um evento dentro do ambiente escolar) ao findar do ano letivo com convidados – professores de Ciências Humanas do ensino médio – sob o título “Trabalho e Cidadania”, onde se encerraria todo o trabalho do ano com as turmas do terceiro ano. No entanto, o momento de pandemia em 2020 exigiu o ensino remoto, e numa reformulação, o projeto foi apresentado na instituição para direção e coordenação como um projeto de extensão, que como a aplicação é com a educação básica usa-se o termo projeto multidisciplinar; onde haveria dois encontros no período noturno, – sem data pré-definida – e

o evento traria palestras de curta duração (aproximadamente quarenta minutos cada) com convidados, palestrantes, professores da instituição e pessoas da sociedade sul-chapadense.

No diálogo com profissionais da instituição que aceitaram o desafio em participar de algo diferente para estimular a reflexão filosófica dos estudantes envolvidos, então, alterou-se o nome para “Diálogos Democráticos” e este seria aberto a todo o ensino médio – indo além dos terceiros anos que são o objeto de estudo deste projeto – professores e comunidade em geral, como apresenta a figura 4. Para tanto foi elaborado um projeto interdisciplinar (que consta no anexo) enviado à Coordenadoria Regional de Paranaíba (CRE10), responsável pela instituição, e para a SED.

E. E. Jorge Amado oferece



*Um bate papo com convidados e professores da instituição...
Dias 08/09 e 10/09*

Figura 4: primeira chamada disponibilizada nas redes sociais

Foram convidados a promotora de Justiça do município de Chapadão do Sul, Dra Fernanda Azambuja, para falar sobre cidadania no contexto jurídico. O professor Me. em Filosofia pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS) Otoniel Blanco, de Campo Grande, para ministrar a palestra sobre Trabalho e Dialética. A professora da rede municipal de educação de Chapadão do Sul, mestranda em Educação da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul (UEMS), campus de Paranaíba Fabiana Souza, para conversar acerca da representatividade negra nas universidades públicas. O prof^o de Sociologia da instituição promotora do evento, Rogério Nascimento, para ministrar uma breve palestra sobre o autoconhecimento em tempos de pandemia. A professora de História da E.E. Jorge Amado Tânia Francini Steinle Melo, para explanar acerca da história do trabalho; o professor Me. em Educação pela UEMS, Wagner Garcia para levar os participantes a pensar sobre os termos Educação para cidadania, pela cidadania e na cidadania. E a professora mestranda em Filosofia pela UFMS, Sandra Regiane para apresentar sobre a parábola do

senhor e do escravo presente na obra *Fenomenologia do Espírito* de Hegel, um pensar contemporâneo acerca da Filosofia do Trabalho. Como apresentam os cartazes de divulgação nas figuras 5 e 6.



Figura 5: cartaz 1 elaborado no Canva³⁴ e divulgado nas redes sociais da instituição escolar.

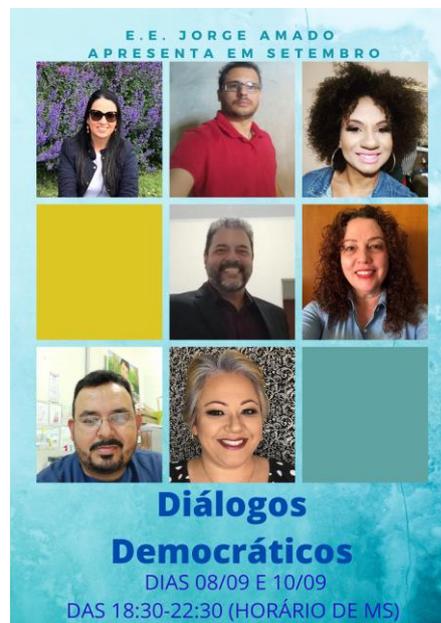


Figura 6: cartaz 2 elaborado no Canva e divulgado nas redes sociais da instituição escolar.

O evento aconteceu nos dias 08/09 e 10/09 (oito e dez de setembro do ano de dois mil e vinte) no período noturno. No primeiro dia do evento foram quatro apresentações e no segundo dia três apresentações. A plataforma escolhida para realização do *google meet*, uma

³⁴ Ferramenta on-line para design de projetos. Disponível no link <<https://www.canva.com/>>

vez que a SED providenciou a conta corporativa para todos os docentes e discentes; o que permite a gravação e, posteriormente a disponibilidade para os estudantes como materiais no *google classroom*. Como mostra as figuras 7 e 8.

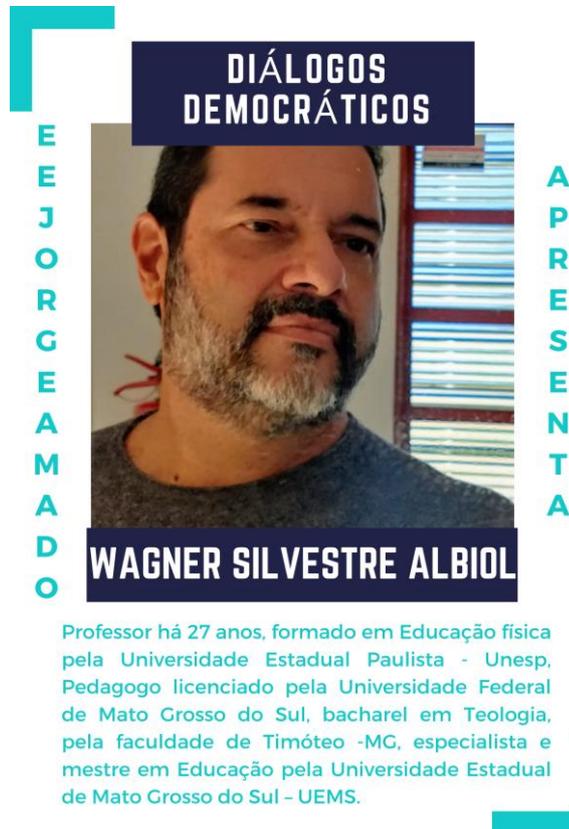


Figura 7: modelo dos cartazes individuais com informações dos participantes.

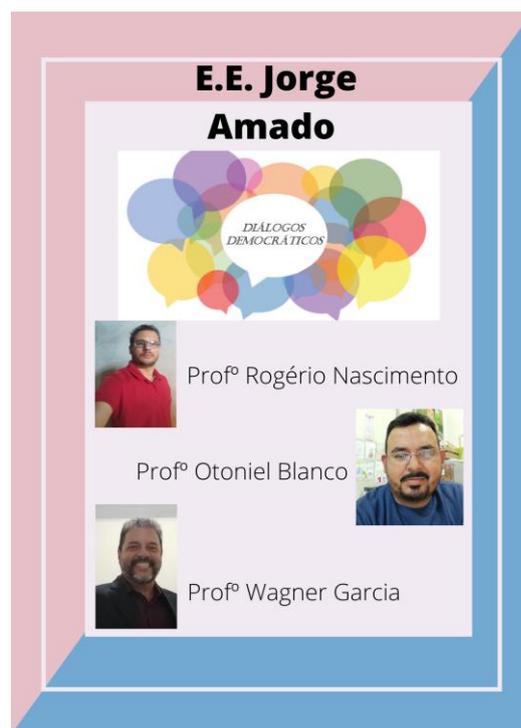


Figura 8: Cartaz com nomes dos palestrantes.

Com a intenção de atingir o maior número de participantes, durante o mês de agosto foram feitas chamadas semanais nas redes sociais da instituição escolar promotora do evento, *Instagram @unidadeescolarjorgeamado*, no *Facebook* da Unidade Escolar Jorge Amado e nos grupos de *Whatsapp* das turmas do ensino médio. Foram elaborados cartazes, vídeos de curta duração que apresentassem os palestrantes para a comunidade escolar. Ao findar o evento, foi elaborado um certificado de participação, com a quantidade de oito horas para quem participasse nos dois dias, ou quatro horas para a participação em um dia do evento. Assim como está apresentada na figura 9. As figuras 10 e 11 são referentes às palestras ofertadas nos dias do evento on-line.



Figura 9: Certificado ofertado aos participantes do evento.



Figuras 10 e 11: imagens do dia do evento.

Como produto pedagógico foi solicitado aos estudantes dos terceiros anos do ensino médio, que a partir do que foi assistido nas palestras e do que foi dialogado durante as aulas de Filosofia nos meses anteriores que estabelecessem uma relação dialética e pedagógica com o pensamento de Hegel e de alguns comentadores, e na sequência montassem uma produção com linguagem a atingir o público adolescente – charge, tirinha, cartaz, panfleto, meme – contemplando as competências gerais da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), em específico a Comunicação “utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital -, bem como conhecimentos das linguagens artísticas, [...] para expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos, além de produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo” (BRASIL, 2017). Ainda de acordo com a BNCC, as diferentes linguagens permitem aos estudantes a apropriação das especificidades, sem perder a visão do todo, compreendendo a dinamicidade e a constante transformação dessa esfera. A filosofia hegeliana pensou esta como potência do espírito, Hegel (1986, p. 195 apud BECKENKAMP, 2009, p. 230), dispõe que “A consciência existe primeiramente como memória e seu produto, a linguagem, e através do entendimento como o ser do conceito determinado, torna-se o conceito absoluto simples”.

Nesse processo houve a orientação dos estudantes quanto aos modos de produção intelectual, que deveria ocorrer de forma livre e espontânea visando-se a estimulação da criatividade do discente, sem que houvesse a interferência do professor de Filosofia. As figuras 12 e 13 são exemplos do produto pedagógico resultante do pensar filosófico acerca do trabalho, embasado nos escritos hegelianos.

"através do trabalho podemos moldar nossa consciência"



Figura 12: charge como produto pedagógico

As figuras são exemplos do pensar filosófico acerca do trabalho numa tentativa de aproximação do estudante do ensino médio – imerso ou preocupado no mercado de trabalho – em reflexão sobre o mundo do trabalho e da produção escrita por discentes para leitura de seus semelhantes.

Estado

O Estado, para Hegel, é a síntese das vontades singulares e imediatas dos indivíduos. Ele é o resultado do desenvolvimento de instâncias como a ideia da família. Portanto, é no Estado que os indivíduos podem encontrar os seus deveres e também uma unidade dos desejos individuais e liberdade.



Pamela - 3^a B

Trabalho

A linguagem e o trabalho são externalizações do sujeito, para Hegel o trabalho é algo que não se produz para si e sim para fora entregando isso ao outro, ou seja, o produto do meu trabalho não é meu, é coletivo.



DIALÉTICA
SENHOR E DO
ESCRAVO DO

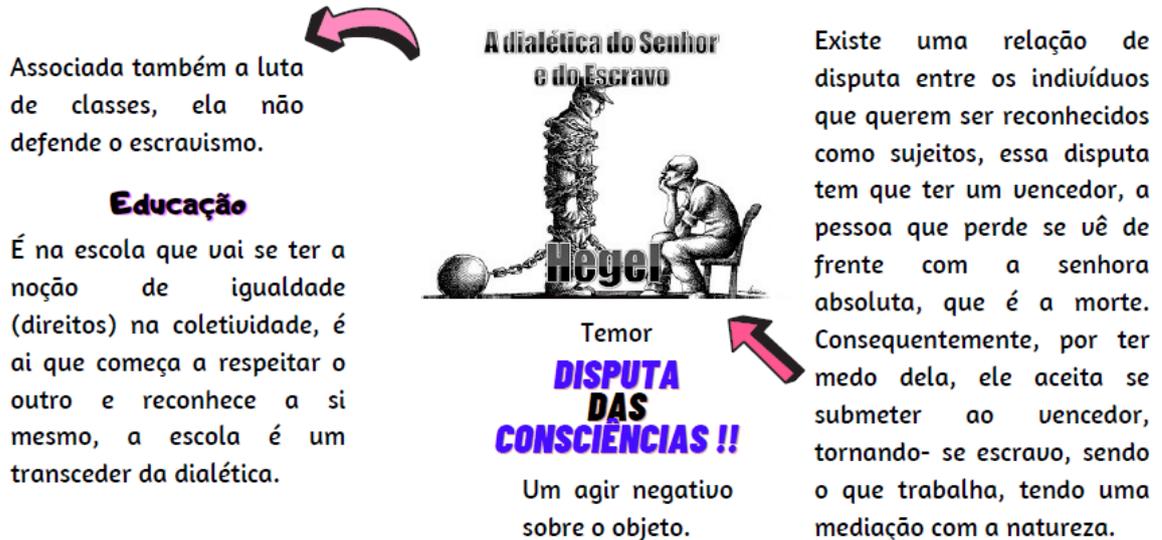


Figura 12: mapa mental como produto pedagógico.

Durante o evento houve participação de estudantes do terceiro ano, como também dos estudantes de outros anos do ensino médio e ainda contou com a participação de professores das redes municipal e privada de Chapadão do Sul e comunidade em geral. A participação dos estudantes, mesmo sendo inferior a participação dos docentes, no dia do evento foi satisfatória, como mostra a figura 13.

00:52:55.205,00:52:58.205

ANDRESSA PRADO DE SOUZA: Na pandemia é notório dizer que os alunos colocaram os estudos em segundo plano? Pois foi - lhes exigido responsabilidade familiar, ou é afirmativo dizer que a Escola nunca foi prioridade?

00:53:22.708,00:53:25.708

Maria José Justino: Parabéns uma ótima viagem no tempo...

00:53:59.275,00:54:02.275

Fabiana Souza: Parabéns, excelente recorte histórico 🍷🍷🍷🍷

00:54:19.250,00:54:22.250

Toniel Tavares: Amei a linha do tempo prof 😊

01:11:55.340,01:11:58.340

IASMIN NATÁLIA DIAS CANHETTE: Isso reafirma de que vamos viver constantemente precisando da aprovação do outro?

Figura 13: print do chat do Google Meet no segundo dia do evento.

Após o evento, em aula síncrona – aula ao vivo utilizando a ferramenta do *Google Meet* – foram retomados alguns conceitos com os estudantes que puderam questionar mais acerca da parábola do senhor e do escravo estabelecendo comparações com a contemporaneidade, assim sanou-se as dúvidas quanto a produção intelectual, referente ao produto pedagógico do projeto. Concluindo o trabalho, ao receber as atividades, foi montado

um mural virtual onde a coordenação pedagógica expôs nos *stories*³⁵ das redes sociais da instituição como resultado do projeto de extensão, a partir da devolução dos produtos pedagógicos produzidos pelos estudantes, como apresenta a figura 14.



Figura 14: um dos murais virtuais como produto pedagógico.

3.2 ETAPA 2 DO PROJETO REFERENTE AO ANO DE 2021

Para o ano letivo de 2021 inicialmente foi planejado percorrer o mesmo caminho metodológico do ano anterior, contudo as aulas presenciais não retornaram e com o ensino remoto, foi reorganizada a estratégia para que o trabalho fosse significativo com o maior número de estudantes possíveis. O ano letivo o projeto teve continuidade diretamente com os estudantes dos terceiros anos do ensino médio do período noturno, sendo três turmas (D, E e F) e indiretamente com o período matutino, turmas A, B e C, contando com a colaboração do professor de Filosofia destas turmas.

³⁵ Instagram e facebook *Stories* é uma função do aplicativo que permite a publicação de fotos e vídeos que são exibidos durante 24 horas.

3.2.1 AULA 1

O ano letivo de 2021 trouxe novos desafios, devido o ensino remoto permanecer como forma de oferta no primeiro semestre, sem contato presencial mesmo que de maneira esporádica. Essa primeira aula síncrona (ao vivo com a utilização do *google meet*) foi apresentado a música Fábrica da banda Legião Urbana e a charge da Mafalda, como forma de sensibilização, e questionado aos estudantes o que pensam sobre o trabalho, construindo uma nuvem de palavras.



Figura 15: nuvem de palavras utilizando a ferramenta mentimeter³⁶.

3.2.2 AULA 2

Em aula assíncrona, a investigação aconteceu por meio de *podcast*³⁷ enviado tanto nos grupos de *Whatsapp* quanto no box do componente curricular de Filosofia, onde os estudantes também deveriam responder com um comentário, em forma de *podcast*.

³⁶ O mentimeter é uma plataforma on-line que permite criar apresentações interativas através de um código de acesso a audiência pode responder a vários tipos de pergunta, via smartphone.

³⁷ Podcast é uma forma de transmissão de arquivos multimídia na internet criados pelos próprios usuários. Nesses arquivos, as pessoas disponibilizam listas e seleções de músicas ou simplesmente falam e expõem suas opiniões sobre os mais diversos assuntos, como política ou o capítulo da novela.

Boa noite pessoal! Disponibilizando os podcasts de hoje, ouçam para que possamos trabalhar na próxima aula com esse material! Ah! Baixem o google meet no celular, pois usaremos em breve! Bjos e bom trabalho!

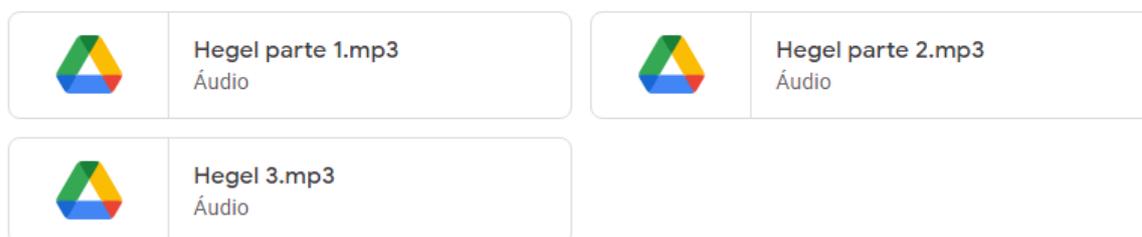


Figura 16: *podcasts* enviados no *Google Classroom*.

3.2.3. A PALESTRA

Os estudantes que participaram do projeto em 2020 encerraram o ensino médio e participaram da primeira etapa. Para a segunda etapa em 2021, além das aulas de Filosofia com os terceiros anos do período noturno, foi elaborado um novo projeto interdisciplinar – de extensão das aulas de Filosofia – e enviado para autorização da Coordenadoria Regional de Paranaíba (CRE 10) e a Secretaria Estadual de Educação (SED) para a realização da palestra “Os grãos de Filosofia em *O trabalho e os dias* de Hesíodo”, ministrada pela professora Me em Filosofia pela UFMS, Fernanda Laís da Silva Carneiro dos Santos. Para o evento foram organizadas chamadas desde o início de maio, com vídeos curtos e cartaz elaborado a partir do recurso do Canva. A arte foi divulgada nas redes sociais da instituição escolar promotora e nos grupos do *Whatsapp* do ensino médio, bem como nos grupos dos professores.



Figura 17: cartaz-arte da chamada para a palestra.

O evento aconteceu no dia 11 de maio de 2021 on-line via *Google Meet*, com a participação de estudantes do ensino médio e de professores da E. E. Jorge Amado. No momento a palestrante apresentou a noção de trabalho presente nos escritos de Hesíodo e as muitas “morais” presentes na narrativa. Tais como: trabalho traz à vida; trabalho dignifica; trabalho escraviza e ainda trabalho como ideia de justiça. E, finalizando com o reconhecimento, “ser reconhecido pelo seu trabalho”, o que remete ao trabalho em Hegel e como o estudante do terceiro ano visualiza sua ação no mundo. Como apresentado na figura 18.

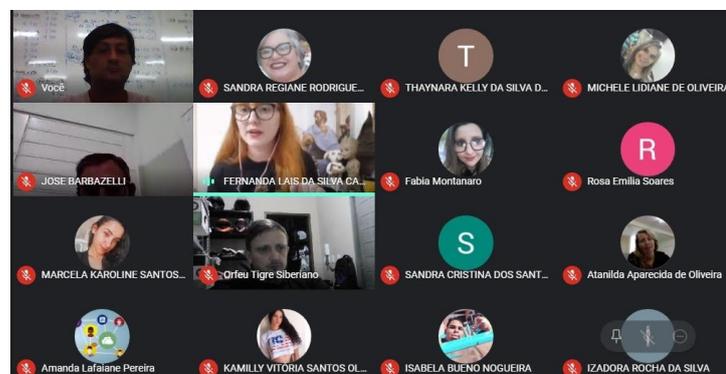


Figura 18: palestra realizada através do *google meet*.

3.3 QUESTIONÁRIO

Durante as aulas de Filosofia os estudantes têm a possibilidade de refletir sobre a importância do trabalho como exercício de autonomia, de progresso e de reconhecimento numa consciência coletiva. A partir desta perspectiva, foram realizados encontros via *Google Meet* – extraclasse e extracurriculares – percorrendo um caminho do pensar sobre o trabalho no viés filosófico. Para a obtenção de uma resposta junto ao corpo discente com relação à temática em questão, propõe-se a aplicação de um questionário que contemple a aquisição de dados para análise do produto pedagógico da presente pesquisa. A metodologia a ser utilizada corrobora a execução de uma pesquisa quantitativa, uma vez que essa modalidade analítica permite a obtenção de dados provenientes de um grande contingente de participantes, os quais possuem parâmetros equiparáveis entre si (HAGUETTE, 1992), com relação ao contexto no qual se encontram inseridos, o comum entre tais sujeitos pesquisados, a educação básica pública.

Após a palestra, as turmas dos terceiros anos do ensino médio da escola promotora do evento, foram convidados a participar de um questionário previamente organizado, no intuito de levantamento de dados visando a obtenção de respostas provenientes de um grupo que apresenta similaridade quanto ao aspecto socioeconômico. Espera-se que o produto da pesquisa possa configurar a relação causa-efeito entre os fenômenos e sua aplicabilidade – no caso da pesquisa em questão, essa relação apresenta-se assentada sobre a compreensão do trabalho e de seu produto/resultado do agir sobre o mundo e os desdobramentos dessa compreensão para a esfera social do indivíduo.

3.3.1 METODOLOGIA DE APLICAÇÃO

Dispõe-se a presente pesquisa em modalidade aplicada, uma vez que esta denota como objetivo a construção de uma linha de raciocínio que visa compreender como se configura o aspecto do trabalho e sua visualização pelo indivíduo – mais especificamente o estudante inserido no Ensino Médio da rede pública da cidade de Chapadão do Sul – MS.

A linha de ação para o levantamento de dados – tem por intuito a análise da relação que o estudante estabelece entre conceitos como liberdade, trabalho, consciência-de-si e de mundo presentes nos escritos hegelianos e o mundo do trabalho – assenta-se sobre as seguintes etapas (PRODANOV E FREITAS, 2013): a) especificação dos objetivos – a partir

dessa etapa institui-se como objetivo analisar a relação entre trabalho, autonomia e desenvolvimento social-filosófico do sujeito; b) operacionalização dos conceitos e das variáveis – assentadas sob a perspectiva hegeliana; c) elaboração do instrumento da coleta de dados – tendo em vista o público-alvo e suas características; d) seleção de amostra – a partir das respostas e sua conversão em dados; e) coleta e verificação dos dados; f) análise e interpretação dos dados provenientes das amostras; g) apresentação dos resultados – em forma de relatório.

Utilizar-se-á como aparelho de coleta de dados, o instrumento *questionário*. Pelo viés de Marconi e Lakatos (2007, p. 63), o “[...] questionário é um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador”. O referido questionário – elaborado exclusivamente para a coleta de dados do estudo – deverá ser disponibilizado e respondido via *Google Forms*. As perguntas dispostas no questionário serão de configuração de múltipla escolha, e serão dirigidas a aproximadamente 100 (cem) estudantes, que terão sua atuação referente à submissão das respostas em caráter anônimo.

O público-alvo fora escolhido tendo em vista a noção de que muitos estudantes ingressam no mercado de trabalho, antes de se inserirem em uma universidade. A transição a qual é submetida o estudante, seja do Ensino Médio para a universidade, seja para o mercado de trabalho, configura-se de grande complexidade, uma vez que essa transição pode contemplar obstáculos de cunho cultural e econômico, tensionando o jovem a inserir-se em um contexto possível de execução, em oposição ao que lhe seria ideal (SOBROSA, *et al*, 2012). Por esse rumo temos uma conotação de trabalho voltada à dualidade anseio *versus* necessidade. A inserção do sujeito no mercado de trabalho, em uma posição que desfavoreça suas competências, pode suplantam a trajetória julgada como ideal pelo indivíduo. Na presente pesquisa busca-se descobrir e analisar – dentre outras questões – como a referida dualidade se configura representada ao estudante. Há a tentativa de compreensão a partir dos moldes analíticos propostos – que serão elucidados a posteriori –, se o produto do trabalho se constitui para esses jovens, enquanto pura necessidade econômica/financeira, ou se ele também contempla as noções de qualidade de vida, satisfação pessoal, autonomia e projeto democrático.

O grupamento escolhido configura-se de modo misto quanto à esfera socioeconômica, o que pode possibilitar maior índices de análise a partir das amostras, uma vez que

analisaremos a partir dos perfis etários e econômicos, como os estudantes concebem a relação de trabalho com o mundo do trabalho e suas realidades.

A aplicação do questionário via *Google Forms* abrange um maior número de indivíduos simultaneamente, contribuindo para o processo mais dinâmico de obtenção e análise de dados. O questionário foi construído sendo composto por doze (12) perguntas de múltipla escolha, o qual será disponibilizado aos estudantes dos terceiros anos do Ensino Médio da Escola Estadual Jorge Amado, no município de Chapadão do Sul, no período de 20/05/2021 às 7h (MS) até 30/05/2021 às 23:59 (MS), dentro do box do componente curricular de Filosofia, no *Google Classroom* de cada turma dos períodos matutino e noturno. O questionário é vinculado à plataforma *Google Forms*, que se apresenta como um dos recursos do *Google* disponíveis para a utilização de professores e estudantes, a partir da parceria realizada entre a Secretaria de Estado de Educação e o *Google Inc.*, (responsável pelo *Google Education*), datada de 22 de abril de 2021.

Este questionário foi respondido pelos estudantes sem a supervisão do professor de Filosofia, ou de qualquer outro docente.

Tal formato promove facilidade na aplicação por amostragem baseada em agrupamento que, a partir das respostas dos estudantes, permitirá ao pesquisador a análise dos dados com maior complexidade, tornando evidente a realidade dos estudantes participantes da pesquisa e suas percepções sobre o trabalho e suas relações de cidadania, autonomia, liberdade, ação sobre o mundo e a atuação da escola nesse processo.

No que tange ao processo de construção do item escolhido para a coleta de dados – questionário –, temos a disposição de doze perguntas formuladas a partir de três eixos centrais: a) fatores socioeconômicos; b) relação entre performance discente e esfera profissional; c) o trabalho e seus desdobramentos no âmbito social do indivíduo.

Em primeira instância temos as perguntas direcionadas ao contexto socioeconômico dos participantes da pesquisa. As questões dessa etapa (1 a 6) incidem sobre os aspectos relacionados ao indivíduo e sua (co)participação na esfera familiar. Nessa etapa os sub-eixos contemplam faixa etária, composição familiar, vida funcional, dados econômicos a partir da vida funcional, e desdobramentos da possível renda obtida pelo indivíduo.

A questão de número 1 referente à faixa etária, apresenta alternativas que contemplam a idade inicial de 15 anos – uma vez que essa é a fase na qual ocorre a transição do Ensino Fundamental II para o Ensino Médio –, até a faixa que contempla indivíduos acima de 19

anos, pois leva-se em consideração o índice de repetência que possa coexistir ao ensino regular.

A segunda questão, que remete à composição familiar, propõe a constatação de como se configura o ambiente familiar do estudante. A partir das alternativas, o pesquisado pode assinalar se apresenta de fato o convívio em família ou se reside junto a pessoas que não constituem parte sanguínea para com o mesmo (*conhecidos/amigos/outro*). A questão ainda possibilita ao estudante assinalar múltiplas formas de constituição familiar na qual possa conviver (*mãe/pai/avô/avó/pais*). Em caso de o estudante ser emancipado ou apresentar maioridade, e residir sozinho, há a alternativa referente a essa possibilidade (*sozinho*).

A questão de número 3 busca verificar o total de pessoas residentes no mesmo local do estudante. A finalidade dessa indagação consiste em avaliar se o ambiente familiar composto por muitos integrantes, pode intensificar a necessidade de ingresso do estudante no mercado de trabalho antes do término do ensino médio.

A quarta questão oportuniza a quantificação do total de indivíduos que já atuaram e/ou atuam no mercado de trabalho, e também os que não incidiram às práticas trabalhistas até o momento da entrevista.

As questões 5 e 6 referem-se – respectivamente – à obtenção e emprego da renda do indivíduo, em caso da ocorrência de atividade funcional. A quinta questão dispõe como alternativas faixas salariais, que podem ser provenientes de funções trabalhistas formais, devidamente vinculadas ao CLT (Consolidação das Leis do Trabalho), ou provenientes de funções informais – constituídas pela ausência de registros oficiais e proteção social. Faz-se importante ressaltar que ainda que essa questão contemple implicitamente as funções trabalhistas citadas, não há a intenção de verificar a fonte da renda, uma vez que o foco de análise se refere aos valores aproximados recebidos pelo indivíduo.

A questão 6, como já apresentada de forma geral no parágrafo anterior, visa verificar e analisar se ocorre ou não o emprego da renda do indivíduo na esfera familiar, ou seja, se o resultado do trabalho em termos financeiros é dirigido em forma de auxílio para a família do sujeito, ou se está destinado ao indivíduo (produtor do trabalho) em sua totalidade.

A partir das respostas obtidas visa-se verificar e descrever as inferências entre o âmbito socioeconômico ao qual o discente se encontra disposto, e sua postura frente ao contexto trabalhista, uma vez que essa relação pode denotar se o trabalho se configura presente via opção, ou via necessidade para o discente. A organização de dados provenientes

das respostas fornecidas torna os dados quantificáveis em relação a noção de inferência entre estruturação social e econômica, e a perspectiva do trabalho.

Ao seguir a linha estrutural do questionário tem-se em segundo plano a dualidade âmbito educacional x trabalhista. O referido motivo – representado pela indagação disposta na questão de número 7, promove a reflexão à correlação entre a teoria (na esfera do ensino) e sua aplicabilidade no campo do trabalho. Outra reflexão promovida pela questão, faz menção a correlação entre a teoria e sua aplicabilidade em uma linha projetada em um tempo futuro, uma vez que o objetivo trabalhista almejado pelo discente pode divergir nos contextos curto, médio e longo prazo. Nesse sentido, propõe-se a projeção do campo profissional futuro em relação ao contexto escolar. A partir dessa questão visa-se preparar o aspecto reflexivo do discente às perguntas subsequentes, voltadas ao produto do trabalho e sua efetividade na construção social do sujeito.

O terceiro pilar que fornece suporte ao questionário refere-se às questões 8 a 12. O trabalho e suas projeções para a formação do indivíduo, é disposto levando-se em consideração as esferas de realização pessoal, configuração positiva e/ou negativa do trabalho, relação entre trabalhador e objeto trabalhado, a perspectiva do trabalho enquanto produto, e por fim, as motivações do resultado do trabalho.

A questão de número 8, diferentemente das demais, apresenta como alternativa uma sequência numérica em escala. Pretende-se com a referida questão refletir junto ao estudante, a relação existente entre trabalho e realização pessoal, sendo zero (00) para um nível de importância entre os dois aspectos a ser considerado nulo, e dez (10) para o alto nível de importância frente ao que foi apresentado. Instiga-se nesse momento a perspectiva do estudante e sua noção de realização pessoal e o produto do trabalho, uma vez que o senso de realização pode ser obliterado pela frustração de uma função trabalhista que parte puramente da necessidade do indivíduo. Essa reflexão tem sua complementação na questão de número 9, a qual propõe a vinculação do trabalho a alguns índices (*necessidade; liberdade; autonomia; inclusão social; segurança; reconhecimento; outros*). Na referida questão o estudante pode assinalar mais de uma alternativa, uma vez que o trabalho pode ser compreendido por ele como um aspecto que contemple vários elementos – divergentes ou não.

A décima questão dispõe a identificação inerente à relação entre o trabalhador e o objeto trabalhado. Nota-se que ainda que esta se configure como questão fechada devido às alternativas apresentadas (*sim; não; talvez*), projeta-se, ainda que sutilmente, o nível de reflexão do participante da pesquisa, uma vez que as três opções remontam à visualização do

evento do trabalho, enquanto meio de relação entre o objeto e o trabalhador. A referida visualização apresenta-se promovida na questão de número 11.

A ação do trabalho produz utensílios, objetos que permitem ao ser humano adaptar-se com maior facilidade. E na décima primeira questão do presente método de coleta de dados, o estudante é instigado a verificar – o que *a priori* poderia ter passado despercebido a ele – como esse produto configura-se presente na sociedade e no ambiente ao qual estamos inseridos. Aspectos relacionados à cultura (*material e imaterial*), relações interpessoais (*patrão e empregado*), ação do ser humano na natureza e avanço tecnológico, além da opção *outros*, que possa contemplar diferentes esferas, são aplicados enquanto alternativas a fim de oportunizar a reflexão do estudante perante aos desdobramentos (visíveis ou não) do *trabalho* enquanto produto/resultado.

Por fim, tem-se a questão 12, que sintetiza o foco de análise da presente pesquisa, uma vez que se volta exclusivamente para a perspectiva do estudante quanto ao resultado do trabalho. Essa questão, que também permite a possibilidade de assinalar mais de uma alternativa, promove a inerência do resultado do trabalho a itens como *salário; satisfação de desejos; consumo; status social; postura mediante redes sociais; outros*, sendo a última alternativa uma possibilidade de marcação caso o estudante identifique ainda outros meios de inerência com relação aos itens apresentados.

Notemos que essas cinco últimas questões remetem ao aspecto opção versus necessidade, cuja reflexão fora instituída nas primeiras perguntas do questionário (questões 4, 5 e 6). A partir das respostas obtidas nessa terceira linha reflexiva, busca-se denotar se o discente apreende a relação entre o trabalho e as noções de qualidade de vida, bem como verificar se há a concepção por parte do mesmo de que o produto do trabalho se faz proveniente da relação esforço/resultado, ou se há outras possibilidades.

O projeto da modernidade pensado por Hegel somente pode ser concretizado a partir da liberdade, e mesmo não tendo escrito exclusivamente direcionado a educação, a mesma se fez presente no pensamento deste filósofo. Pois o mesmo receava que a educação focasse no adestramento e esquece-se a razão que se pauta “no entendimento, na prudência e na sagacidade do indivíduo” (PLEINES, 2010). Assim o questionário apresentado, busca a compreensão dos anseios e dificuldades estudantis quanto a questões implícitas como a cidadania, a liberdade e o trabalho quanto reconhecimento de si no mundo (*weltgeist*³⁸).

³⁸ Em tradução literal, *Weltgeist* significa Espírito de mundo. Para Hegel é o espírito que se manifesta na HISTÓRIA. A História é um DESENVOLVIMENTO coerente e racional, porque a ascensão e queda de nações

3.3.2 TABULAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

No Brasil, a educação passou por transformações entre os séculos XIX e XX. Enquanto a educação no império destacava a preferência no ensino superior, não regulamentando a educação sistemática e planejada para o ensino elementar, que se arrastava desorganizada, e no início da República, a herança do Império apresentava um quadro perturbador do ensino; onde a educação elementar e profissional era incumbência dos estados e a secundária e superior, responsabilidade da União. Assim o viés elitista se acentuou. A um pequeno grupo estava destinado o acesso a educação acadêmica (os mais abastados economicamente); a grande parte dos que tinham acesso a educação destinou-se o ensino técnico. Mesmo com algumas poucas reformas, como a Capanema³⁹, o ensino profissional cria o sistema S (Senai, Senac), o que proporciona à população de baixa renda a especialização ideal para o mercado de trabalho. No período da ditadura, houve o acordo MEC-USAID (Ministério da Educação e Cultura; *United States Agency for International Development*) onde o Brasil começa a receber assistência técnica e cooperação financeira no intuito de adaptar o ensino à concepção *taylorista* empresarial, visando melhor eficiência e produtividade. Somente com a redemocratização em 1988 e com a reforma da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) que foram revistos alguns princípios, como a profissionalização a nível médio para todos, o que apresentou muitos problemas, tais como ausência de professores especializados, falta de infraestrutura adequada para a exigência dos cursos. Além de mais, o ensino fundamental se encontrava no caráter tecnocrático, segundo qual o valor maior estava na eficiência e a produtividade por si e se sobressaem sobre o pedagógico, ou seja, a educação como construção de conhecimento. De forma que objetivava manter a estrutura social vigente.

Segundo Chauí (2003) as revoluções sociais do século XX em consonância com as lutas sociais e políticas, trouxeram para a educação e a cultura o conceito de cidadania, o que está diretamente relacionado ao trabalho. Mas, a crise estrutural do capitalismo, instalada antes dos anos 1970, provocou entre as suas manifestações, o desemprego em massa e a precarização do trabalho. O modelo capitalista que se organizou, a partir de então, alterou o

é governada por um espírito singular. Assim, o *Weltgeist* é usualmente tratado sob o título de “espírito objetivo” e “direito” (FD, §§341-60; Enc. III, §549), mas também é responsável pelo desenvolvimento da arte, religião e filosofia, e, assim, do espírito absoluto. (INWOOD, 2002).

³⁹ Durante o governo de Getúlio Vargas, o então ministro Gustavo Capanema empreendeu novas reformas do ensino, regulamentadas por diversos decretos-leis assinados de 1942 a 1946 e denominados *Leis Orgânicas do Ensino*. (ARANHA, 1989. p. 247).

desenvolvimento das sociedades modernas, dando relevo ao capital especulativo em relação ao produtivo e caracterizando-se pela fragmentação de todas as esferas da vida social. Patu (2017, s/p) em artigo publicado afirmou:

em todo o mundo, bancos, corretoras e fundos de investimento possuem em seus quadros especialistas em lucrar com a variação do preço de moedas, taxas de juro, empresas [...] não estão interessados em fabricar produtos ou gerar empregos. Procuram chances de ganhar dinheiro em menor intervalo de tempo possível. (PATU, 2017, s/p)

Esse processo atingiu as sociedades tanto do ponto de vista econômico, quanto pelo viés social, político e cultural, partindo da fragmentação da produção, da dispersão espacial e temporal do trabalho, da destruição dos referenciais que balizavam a identidade de classe e as formas de luta de classes (CHAUÍ, 2003, p.3). Há então a valorização do conhecimento relacionado ao desenvolvimento das tecnologias e das informações. Essa concepção de sociedade do conhecimento, segundo Chauí (2003, p.5) “foi produzida pela transformação do capital e da ciência, articulada às mudanças tecnológicas referentes à circulação da informação”. Nessa perspectiva, o fator que se torna mais relevante faz menção ao uso intensivo e competitivo dos conhecimentos e da informação, pois, nesse raciocínio estes se tornaram forças produtivas⁴⁰ que passam a compor o próprio capital, considerando-se as noções de acumulação e reprodução. A chamada sociedade do conhecimento, do ponto de vista da informação, para Chauí (2003, p.5), é regida pela lógica do mercado (sobretudo o financeiro). Se o capital financeiro se sobrepõe ao produtivo, a informação pode prevalecer sobre o próprio conhecimento, partindo do pressuposto que o capital financeiro opera com riquezas puramente virtuais, cuja existência se reduz à informação (ibidem, p.5). Numa relação com a dialética do senhor-escravo hegeliano, podemos levantar hipóteses sobre a visão de sociedade do conhecimento contemporâneo, refletindo sobre as consciências que não se reconhecem como escravas e, no entanto, são privadas de acesso a informações ou a recursos tecnológicos, seja pela distância, pela pobreza, pela própria ignorância. Tem-se ainda, a perspectiva de que, sob o olhar atento do senhor, o escravo refreia seu desejo imediato de consumo enquanto trabalha; ou seja; a informação destinada à consciência do senhor controla e vigia a consciência escrava para satisfazer seus próprios desejos. Como exemplo, apresentamos dados do Censo Escolar de 2014, segundo o relatório do INEP; dos 28

⁴⁰ Conceito correspondente à combinação da força de trabalho humana com meios de produção. Essas forças são utilizadas no controle e/ou transformação da natureza, visando a produção de bens materiais (COHEN, 1978) .

milhões de alunos que fazem parte das séries iniciais da educação básica, 15,7 milhões cursam os anos iniciais e 12,8 milhões os anos finais. E, no ensino médio, a frequência dessa etapa é de 8,3 milhões de alunos, 95,9% desse total em áreas urbanas e 84,7% do total de matrículas são das redes estaduais de ensino. Ou seja, há uma redução de aproximadamente 7,4 milhões de estudantes na faixa etária de 14 a 17 anos que não terminam a educação básica.

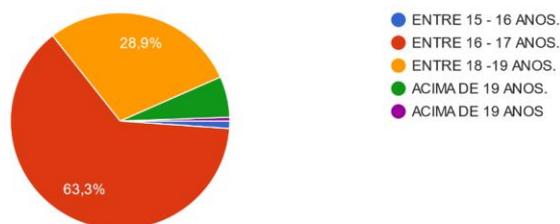
O questionário proposto aos alunos componentes do ensino médio da Escola Estadual Jorge Amado da cidade de Chapadão do Sul - MS, foi respondido por 180 (cento e oitenta) estudantes do terceiro ano do ensino médio matutino e noturno. O referido questionário, composto por doze perguntas, refere-se à verificação da situação socioeconômica do aluno e também à compreensão de como a esfera do mundo do trabalho é apercebida pelo discente. A partir das respostas contraídas, busca-se visualizar os pontos de intersecção entre as influências sociais as quais o indivíduo é submetido e a sua percepção com relação à perspectiva do trabalho e suas projeções.

Analisando os dados⁴¹ provenientes do questionário, temos em primeiro momento, a partir da questão de número 1, o mapeamento da faixa-etária dos alunos que responderam a enquete. Verifica-se que a maioria dos entrevistados (63,3%) se encontram na faixa-etária correspondente a 16/17 anos. Tem-se também a parcela de entrevistados que se situa entre os 18 e 19 anos (28,9%) e uma pequena proporção daqueles que possuem idade superior a 19 anos. Essas últimas duas parcelas conferem o possível nível de repetência e/ou atraso no cronograma ano/série, uma vez que extrapolam a faixa-etária correspondente ao Ensino Médio. Quanto à idade, todos os entrevistados apresentam-se dentro dos parâmetros de inserção no mercado de trabalho, seja na condição de menor aprendiz (Lei 10.097/2000), ou na condição de trabalhador maior de idade. Infere-se nesse contexto que os alunos já apresentam algum tipo de contato com a esfera do mercado de trabalho, seja de forma prática, a partir do estabelecimento de algum vínculo empregatício, ou a partir de perspectivas quanto a alguma função a qual gostaria de exercer após seu período escolar. Nessa questão, os estudantes não apresentam consciência de mundo do trabalho e da amplitude que representa no cotidiano do sujeito. A consciência de si ainda não se faz presente de forma clara aos envolvidos no processo.

⁴¹ Algumas questões apresentam alternativas em duplicidade. Para que não houvesse prejuízo à obtenção quantitativa dos dados, foram executadas as somas percentuais correspondentes às alternativas para que pudéssemos considerar os dados estatísticos de forma correta.

1. QUAL SUA IDADE?

180 respostas



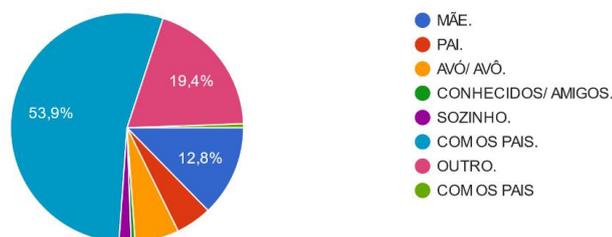
A questão de número 2 buscou verificar como se configura o aspecto familiar do estudante. A maioria dos entrevistados (54,5%) alegou residir com os pais. O segundo maior percentual (19,4%) refere-se à residência do aluno junto a outra pessoa, o que traz um dado importante para a análise em questão. Se o aluno reside com outra pessoa que não sejam seus progenitores, há a maior possibilidade de ajuda de custos no orçamento da residência. Nesse sentido, a inserção no mercado de trabalho pode ocorrer de forma mais prematura se comparada ao discente que reside com os pais, uma vez que a necessidade de manutenção de custos torna-se maior e de forma mais independente do que se equiparada à situação de residência com os pais/responsáveis. No entanto, essa análise não deve ser apercebida de forma generalizada, mas compreende-se que esse dado se constitui como ponto de tensão para possíveis reflexões.

A terceira parcela de entrevistados (12,8%) reside apenas com a mãe. A ausência da figura paterna também pode ser compreendida como um dos fatores para a disposição do aluno no mercado de trabalho, uma vez que pode se verificar a necessidade de manutenção do orçamento da residência.

As demais parcelas dos participantes alegam residir apenas com o pai (5%) ou com os avós (6,1%). Ainda que em menor proporção, tem-se a residência do aluno com conhecidos/amigos (0,6%) e também a proporção de alunos que residem sozinhos (1,7%). Em uma análise macro do gráfico junto aos percentuais, verificamos que o montante de 45,6% dos entrevistados não se encontra em uma situação de residência que contemple a presença dos pais (pai e mãe) de modo concomitante. Esse fator pode ser um gatilho para a busca da inserção ao mercado de trabalho, em virtude da maior posição de protagonismo que o indivíduo apresenta perante à sua residência. Analisa-se neste eixo a relação dos escritos de Hegel (2002, p. 310) acerca da família, a saber, “esse momento que exprime a eticidade nesse elemento de *imediatez*, ou do ser, ou que exprime uma consciência *imediate* de si, tanto como de essência quanto como deste Si em um Outro, quer dizer uma comunidade *ética natural* – é a *família*”.

2. COM QUEM MORA ATUALMENTE?

180 respostas

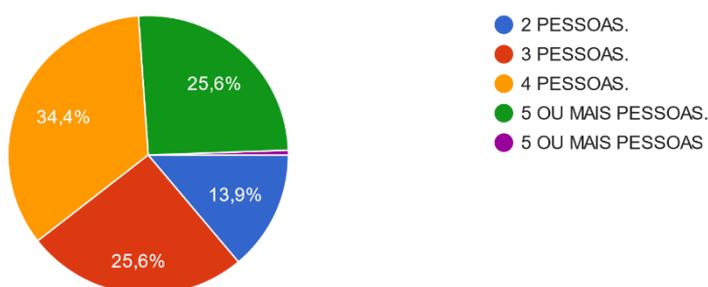


A terceira questão se configura como um desdobramento da questão anterior, uma vez que a partir dela pode-se verificar como se dá a constituição (familiar ou não) da esfera de convívio do estudante. A maior parte dos indivíduos (34,4%), reside com mais três pessoas. 26,2% residem com quatro pessoas ou mais e 25,6% residem com mais duas pessoas. Dos entrevistados apenas 13,9% residem com apenas mais uma pessoa.

Verificamos que a composição do número de indivíduos com os quais os discentes convivem configura-se plural. Há um relevante montante quanto ao maior número de indivíduos constituintes de uma mesma residência (34,4% - 4 pessoas; 26,2% - 5 pessoas ou mais). Em termos econômicos, há a maior demanda orçamentária nesses lares, e, portanto, a maior demanda por fontes de renda, o que pode vir a ser um parâmetro para a necessidade de inserção do aluno em âmbito empregatício.

3. QUANTAS PESSOAS MORAM NA SUA CASA? (contando com você)

180 respostas

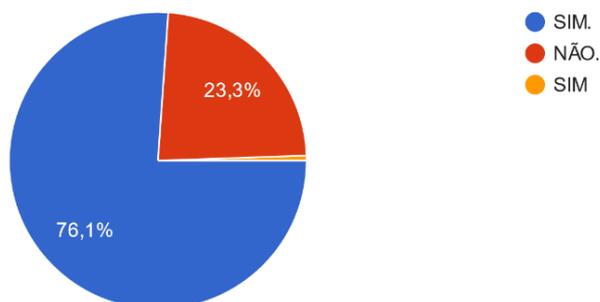


As questões 2 e 3 remetem à família, uma das potências, que permite apenas a identidade – o reconhecimento – pelo vínculo fraterno, mas também a permanência no mundo. “é esta a relação de pais e filhos, o absoluto ser-um dos dois cinde-se imediatamente para a relação [...] os pais são o universal, e o trabalho na natureza via a supressão desta

relação” (HEGEL, 1991, p. 22). Até a questão de número 3, têm-se possíveis aspectos socioeconômicos a serem analisados para a compreensão da esfera do trabalho na percepção dos estudantes. A partir da questão 4, contamos com as respostas dos indivíduos relacionadas diretamente ao seu contexto funcional.

4. VOCÊ TRABALHA OU JÁ TRABALHOU?

180 respostas

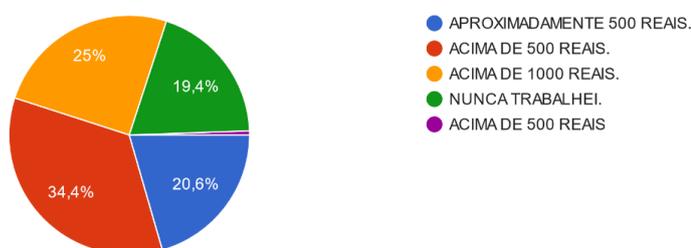


Nas questões 4, 5 e 6 está nítida a ideia de posse e de necessidade, tanto estudantes quanto famílias, não percebem a relação que há entre conceitualização e o cotidiano estudantil, [...] a abstração da universalidade na mesma (propriedade) é o direito, infinito na sua multiplicidade, e desprovido de totalidade (HEGEL, 1991, p. 31) Como pode ser verificado no gráfico, referente a quarta questão, 76,7% dos pesquisados executa ou já executou atividades funcionais. Essa relevante porcentagem pode ser reflexo dos itens analisados anteriormente. Sendo assim, configura-se possível a relação entre os fatores socioeconômicos e o ingresso do indivíduo no mercado de trabalho antes mesmo do término de seu ciclo escolar. A questão não teve como fim detectar se as atividades funcionais são provenientes da formalidade ou da informalidade, logo, a questão busca somente promover o mapeamento do montante de discentes que se encontram – ou que já estiveram –, no meio trabalhista.

As respostas provenientes da quinta questão referem-se ao aspecto financeiro da atividade exercida pelo estudante, enfatizando que não se trata da renda familiar. O percentual contemplado por 35% dos entrevistados dispõe uma faixa salarial acima de R\$500,00 (quinhentos reais). Essa faixa pode corresponder a funções executadas em menor tempo, como por exemplo, funções de meio período, ou ainda, uma condição trabalhista que pode ser verificada como o vínculo empregatício do discente a partir da contratação em caráter de menor aprendiz. Tem-se também a situação de trabalho vinculado à informalidade. No entanto, o gráfico não apresenta informações quanto à procedência dessa renda.

O montante de 25% dos estudantes afirmou possuir renda (atualmente ou na execução passada de funções trabalhistas), acima de R\$1.000,00 (mil reais), o que pode vir a configurar um vínculo empregatício mais engajado, passível da regência da CLT. Embora não tenhamos acesso à discriminação das fontes de renda do aluno, infere-se que a carga horária exigida para essa faixa salarial determine maior comprometimento do aluno quanto às suas atividades laborais. Temos ainda 20,6% dos entrevistados, com renda atual ou anterior de aproximadamente R\$500,00 (quinhentos reais), e um percentual de 19,4% dos pesquisados que ainda se configuram alheios ao mercado de trabalho.

5. SUA RENDA, ATUAL OU QUANDO TRABALHOU:
180 respostas

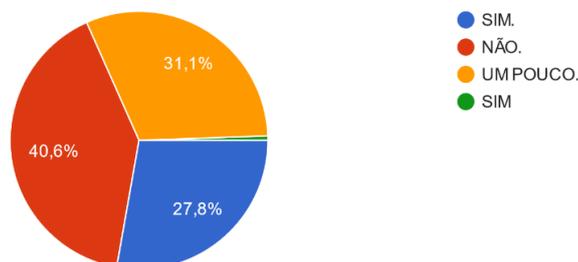


A questão 6 refere-se aos prolongamentos da renda do discente em prol de sua família/pessoas com que convive, auxilia na renda familiar de alguma forma, contudo não caracteriza única fonte de renda da família. Quando perguntados se a renda auxilia, ou já auxiliou a família do pesquisado, tem-se um percentual de 40,6% dos entrevistados que alegam que a renda não fora usufruída por aqueles com os quais há a convivência. Podemos interpretar esse dado como uma menção ao gasto da renda para com o próprio indivíduo, que passa a destinar sua remuneração às suas próprias necessidades, podendo ou não, eximir seus familiares ou àqueles com quem reside, de possíveis retiradas financeiras para a sua manutenção.

Em contraponto, temos o percentual de 59,4% referente aos entrevistados que julgam que a renda auxiliava ou auxilia, de forma parcial ou integral, a sua família. Esse dado corrobora os aspectos anteriormente dispostos, em que se denota a necessidade da prematura inserção no mercado de trabalho a fim de se constituir mais uma fonte de renda ao orçamento da residência.

6. SUA RENDA AUXILIA, OU AUXILIAVA, SUA FAMÍLIA?

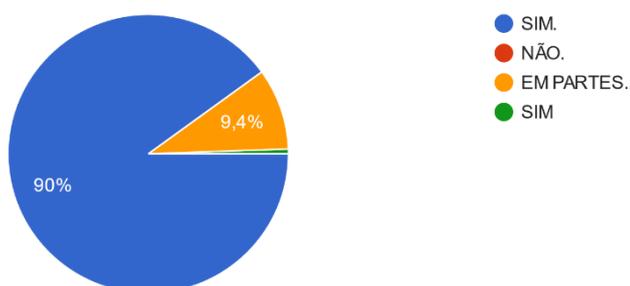
180 respostas



A questão de número 7 isenta o entrevistado de maiores questionamentos referentes ao seu status trabalhista atual, e promove uma reflexão quanto ao paralelo entre estudo e trabalho. Busca-se verificar a partir da presente reflexão, como o aluno visualiza o conhecimento e seus prolongamentos ao campo laboral. A relevante maioria (90,6%) dos entrevistados, afirma considerar o campo de estudo importante no que tange às atividades funcionais. O percentual correspondente a 9,4% dos pesquisados dispõe que o estudo não se configura relevante no que se refere ao trabalho. Ainda que essa porcentagem seja reduzida perante à maioria, compreende-se que estes indivíduos verificam as esferas educação e trabalho como não paralelas. Uma das possíveis razões para essa aceção pode se referir ao âmbito da necessidade, uma vez que o aluno compreende que, tendo em vista sua alocação socioeconômica, seus objetivos pessoais que estariam em acordo com a área do conhecimento, precisem ser protelados em razão da urgência financeira.

7. VOCÊ CONSIDERA O ESTUDO IMPORTANTE PARA O TRABALHO? (ATUAL OU FUTURO)

180 respostas

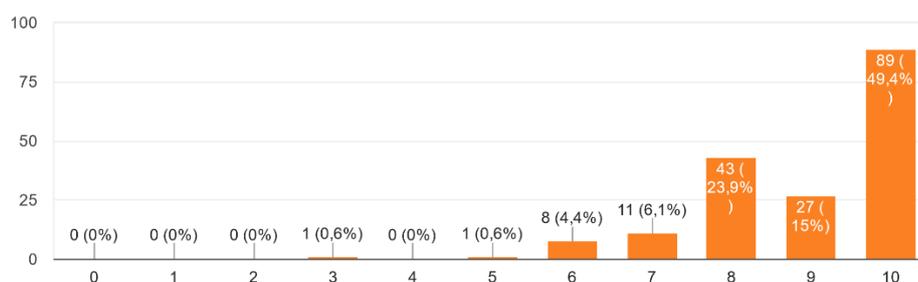


A oitava questão, referente a correlação entre trabalho e realização pessoal, é composta pela resposta em escala. O discente pode então dispor sua resposta, considerando 0 (zero) para a relação nula entre o trabalho e sua realização pessoal, e 10 (dez) para a máxima correlação. Interessante notar que 89 alunos, dentre os 180 pesquisados, apercebem que o

trabalho está inteiramente correlato à sua realização pessoal. Os outros maiores percentuais (23,9% em escala 8, e 15% em escala 9), configuram um relevante montante de alunos que também verificam a realização pessoal como produto do âmbito trabalhista. Dois alunos assinalaram níveis 3 e 5 da escala, oito alunos assinalaram o nível 6 e onze alunos assinalaram o nível 7. Verifica-se, portanto, que os pesquisados estabelecem a relação entre o trabalho e seus desdobramentos, sendo um desses possíveis desdobramentos, a satisfação/realização pessoal. Infere-se que essa afirmação tenha base a partir da questão financeira, uma vez que o trabalho seria o modo mais efetivo de obtenção de renda para que se possa adquirir o que o discente julgue necessário para chegar à realização pessoal.

8. NUMA ESCALA DE 0 A 10, QUAL O NÍVEL DE IMPORTÂNCIA QUE VOCÊ ATRIBUI AO TRABALHO PARA REALIZAÇÃO PESSOAL?

180 respostas



Seguindo a linha da questão anterior, a nona questão oferece ao pesquisado um conjunto de seis alternativas, que podem ser assinaladas concomitantemente, a partir da percepção do aluno com relação ao sentido do trabalho. Este deveria assinar a(s) alternativa(s), que julgasse(m) com melhor correspondência ao aspecto trabalhista. O percentual de 76,7% dos entrevistados assinalou o item *necessidade* como maior sinônimo de trabalho. Verificamos então que esses estudantes relacionam o trabalho em primeira instância à necessidade, dado que contribui para a constatação de que a inserção desses jovens no mercado de trabalho, de forma prematura ou não, é desencadeada pelos padrões de necessidade que estão relacionados ao aspecto financeiro do indivíduo. O item *reconhecimento* também teve expressiva escolha, contando com 58,9% das marcações. Faz-se interessante notar que, o reconhecimento proveniente do trabalho pode ser uma forma verificada pelo aluno como um meio de se conceber como sujeito participativo na esfera social da qual faz parte. Essa busca por reconhecimento o dispõe em um contexto de protagonismo, promovendo o senso de *autonomia*, item que recebeu 52,8% das escolhas. Essa autonomia baseia-se tanto na esfera financeira, uma vez que o indivíduo passa a produzir e

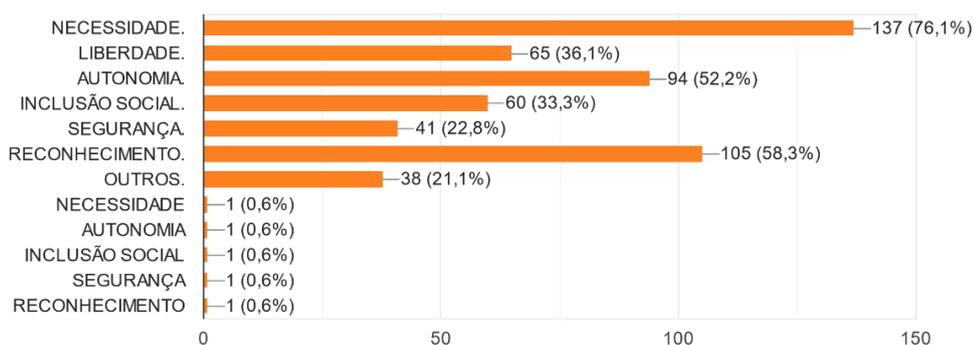
gerir sua renda, quanto na esfera social desse sujeito, pois uma vez verificada sua autonomia, o discente pode exercer uma postura mais atuante em seu meio social, a partir de escolhas, expectativas e perspectivas. Esta questão, em específico, remonta à palestra ministrada em maio, e ao reconhecimento pelo trabalho na parábola senhor-escravo de Hegel (2002, p. 143)

[...] em primeiro lugar a consciência retorna a si mesma mediante esse supracumir, (...) segundo, restitui também a ela mesma a outra consciência-de-si, já que era para si no Outro. Suprasse seu ser no Outro e deixa o Outro livre, de novo. (HEGEL, 2002, p. 143)

A noção de *liberdade* conta com 36,7% das marcações. O trabalho é verificado como um meio de se obter a liberdade financeira e também a liberdade de escolha e de expressão para que o indivíduo atue em sua esfera social de maneira mais expressiva, posicionando-se quanto ao que lhe é oferecido. Em seguida temos *inclusão social* com 33,9% das escolhas – o que corrobora o que fora disposto anteriormente, com relação ao posicionamento e participação do indivíduo em sua esfera social –, *segurança* com 23,4% e *outros* com 21,7%. No que se refere a segurança, tem-se a compreensão do trabalho enquanto meio de estabilidade; nesse sentido, a referida segurança está correlata a estabilidade financeira proveniente do eixo de renda.

9. O TRABALHO, NA SUA OPINIÃO, É SINÔNIMO DE... (você pode marcar mais de uma opção)

180 respostas

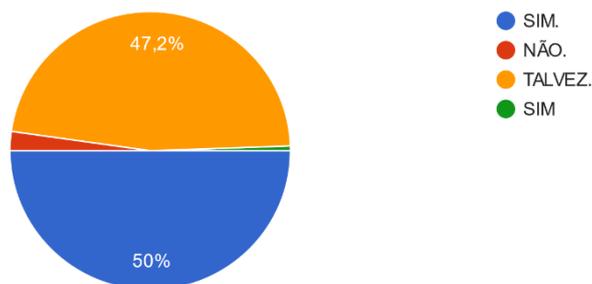


A décima questão é voltada à autorreflexão do pesquisado. A partir dessa questão o discente deve assinalar se identifica com clareza, ou não, as relações existentes entre o sujeito e a esfera do trabalho. O percentual de 50,6% dos entrevistados julga compreender a referida relação, enquanto 47,2% julgam entender a referida relação – mas com ressalvas –, e somente 2,2% dos pesquisados alegam não compreender com facilidade a relação apresentada. O que nos remete, de certa forma ao que Hegel escreveu acerca da alienação do espírito, na *Fenomenologia do Espírito*, onde a unidade consciente-de-si do Si e da essência, mas também

de um para o outro, ou seja é consciência efetiva e consciência pura. É exterioridade que se suprassume na objetividade, sem aperceber-se dessa efetividade, alienada de si (Hegel, 2002, p. 336-337).

10. VOCÊ IDENTIFICA RELAÇÃO QUE EXISTE ENTRE O TRABALHADOR E O OBJETO TRABALHADO COM FACILIDADE.

180 respostas



A questão de número 11 busca rastrear quais os itens que se configuram como peças-chave – à perspectiva dos estudantes –, para a visualização do produto do trabalho em âmbito social de modo prático.

Um total de 133 alunos (73,9%) dispõe o *avanço da tecnologia* enquanto melhor forma de verificação da existência do produto do trabalho. Uma das possíveis razões para essa concepção pode estar relacionada à gama de informações a qual os alunos são submetidos por meio da tecnologia, bem como à vida social proporcionada pelo acesso à internet.

O percentual de 48,3% estabelece existência do produto do trabalho a partir dos índices culturais (materiais e imateriais). Nesse campo, encaixam-se as relações socioeconômicas, que se constituem enquanto desdobramento da esfera trabalhista, como um reflexo dos padrões culturais mediante o trabalho.

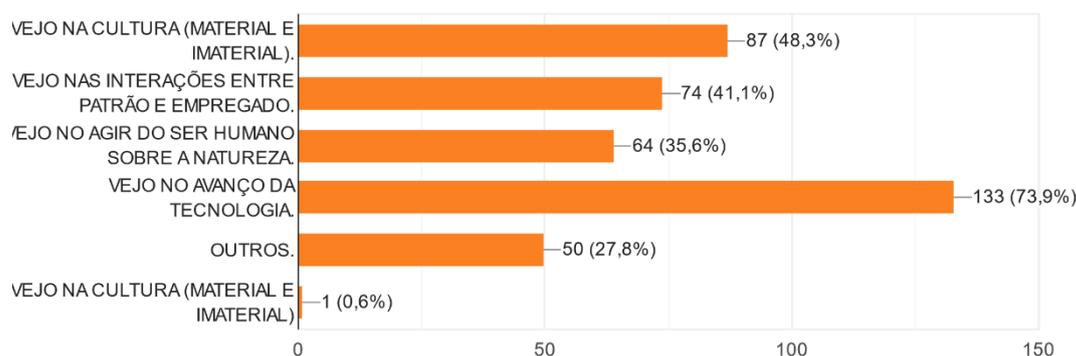
O item referente às *interações entre patrão e empregado* contempla 41,1% das escolhas dos alunos. Entende-se que há a percepção por parte do discente, da necessidade dos padrões de hierarquia no campo do trabalho, e que essas interações se constituem necessárias para a obtenção da produtividade no âmbito trabalhista.

Tem-se ainda o produto do trabalho no mundo compreendido a partir do *agir do ser humano sobre a natureza*, com 36,5% das marcações – que se refere ao domínio do homem com relação ao ambiente a sua volta e a capacidade de produtividade do indivíduo perante aos recursos que lhe estão dispostos -, e o item *outros*, com 27,8% das escolhas.

Citamos Hegel, quando afirma que a cultura (*Bildung*) é produto das consciências no mundo, “na verdade, o indivíduo deve vir-a-ser e também deve fazer, o que lhe for possível, mas não se deve exigir muito dele, já que muito pouco pode esperar de si e reclamar para si mesmo” (Hegel, 2002, p. 70).

11. DE QUE FORMA VOCÊ VÊ O PRODUTO DO TRABALHO NO MUNDO? (você pode marcar mais de uma opção)

180 respostas

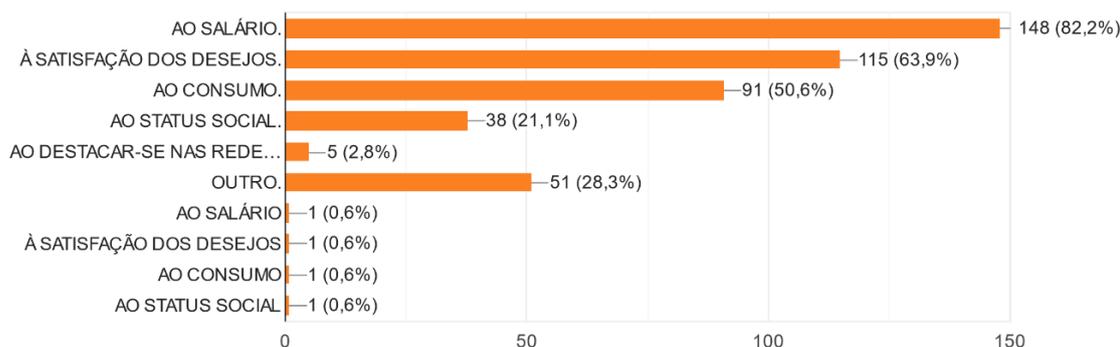


A última questão, de número 12, tem uma abordagem quanto ao trabalho com maior aplicabilidade pelo entrevistado: o resultado do trabalho.

Nessa questão visualizamos que grande parte dos pesquisados (149 alunos que correspondem a 82,8%) apercebem o resultado do trabalho correlato ao *salário*. As outras duas alternativas que receberam mais marcações (*satisfação de desejos* – 64,5%, e *consumo* – 51,2%) são itens que também correspondem a questão financeira. Nesse sentido, podemos denotar que o processo do trabalho tem como fim para o discente, a remuneração. O indivíduo apercebe que as coisas e posições às quais almeja, podem ser obtidas a partir da esfera financeira, e constitui um vínculo entre trabalho, remuneração e satisfação pessoal.

12. NA SUA OPINIÃO, O RESULTADO DO TRABALHO ESTÁ RELACIONADO? (você pode marcar mais de uma opção)

180 respostas



As alternativas que receberam menos marcações dispõem o resultado do trabalho relacionado ao *status social* (21,7%), *destaque nas redes sociais* (3,4%) e *outro* (28,9%). No entanto, verificamos que todos esses itens se relacionam ao âmbito financeiro, uma vez que culturalmente, há a interrelação entre a renda e o posicionamento econômico do indivíduo na esfera social da qual é inerente.

Tal análise torna evidente a necessidade do exercício reflexivo da filosofia acerca do mundo do trabalho para além do mercado de trabalho, conduzindo o estudante ao entendimento de que seu agir sobre o mundo é significativo para a formação de si e do outro. A vida como movimento abarca o trabalho que na igualdade entre os diferentes reconhece o dever das consciências, em que “o suprasumir da subsistência individual é também o produzi-la” (HEGEL, 2002, p. 139), ou seja, é no trabalho, aparentemente individual, que os seres humanos exteriorizam conhecimento que perdura através da história universal.

O evento realizado em 2020 e a palestra oferecida em 2021 foram de suma importância para a aplicação do questionário, uma vez que apresentaram pensamentos que embasaram a discussão acerca do trabalho, o que por sua vez enriqueceu o trabalho em sala de aula, que pôde ser comentado e retomado com os estudantes sob a perspectiva hegeliana. Assim pudemos identificar na análise realizada a partir das respostas dos estudantes, que sem a inferência de qualquer orientador, conseguiu expor não apenas o que aprendeu durante as aulas de Filosofia, mas também o que vivencia diariamente e conseguiu refletir sistematicamente sobre essa dinâmica da vida.

4. CONTRIBUIÇÕES A PARTIR DA PERSPECTIVA HEGELIANA PARA A REFLEXÃO DA FILOSOFIA DO TRABALHO NO ENSINO MÉDIO

Em dois anos foi estruturado, em consonância com o referencial curricular do Mato Grosso do Sul, o ensino de Filosofia no terceiro ano do ensino médio voltado para a reflexão ética sobre o trabalho na sociedade contemporânea tendo como base, principalmente a obra *Fenomenologia do Espírito* de Hegel, enfatizado como este é mediação, bem como a linguagem, na produção da *Bildung*. Santos (1993, p. 120) escreveu: “é pela mediação do trabalho, escreveu Hegel na dialética do senhor e do escravo, que a consciência chega a si mesma e se transforma no outro de si, realizando aquela suprassunção dialética que se faz tornar-se humana no reconhecimento”. Os estudantes diretamente envolvidos nestas reflexões estão saindo da educação básica e inserindo-se no mercado de trabalho, num ano atípico mundialmente, a insegurança e a incerteza ao que se refere ao mundo do trabalho e da formação superior tornam angustiantes esse momento de ruptura e abertura ao novo.

Além da intervenção filosófica dentro da sala de aula – que se tornou o espaço de vivência familiar – propôs-se durante as mesmas a reflexão da importância e valorização do outro, tendo em vista o processo de aprendizagem e o entendimento de que o diferente exige respeito e reconhecimento em sua subjetividade, ou seja, o reconhecimento das consciências de si como tais. Através desse direcionamento, percebeu-se que Hegel é pouco trabalhado ou citado, até mesmo nos livros didáticos aprovados pelo Ministério da Educação (MEC). Hegel é contemporâneo de seu tempo e dos vindouros, pois sua tentativa de explicação do movimento nas figuras das consciências no mundo, de maneira lógica apresentou um caminho que as próprias consciências percorrem ou devem percorrer. Assim foi contemporâneo a seu tempo, retorna ao tempo presente, onde as consciências buscam, não só reconhecimento, mas abocanhar o mundo a partir da perspectiva senhorial, no sentido hegeliano que apresenta a dialética do senhor e do escravo na *Fenomenologia do Espírito*, sendo incapaz de ver o outro e respeitá-lo, incapaz de perceber que tamanha polarização no mundo, apenas fortalece os extremos, denegrindo o *ser-aí* no mundo.

Ao final da exposição no evento “*Diálogos Democráticos*”, em 2020, questionou-se aos participantes: qual é seu agir no mundo? Tanto a linguagem, falada ou escrita, e o trabalho são essenciais para não acordarmos todos os dias e reiniciar, como algo “resetado”. O devir das consciências no mundo permite a todos nós apercebemos que a consciência-de-si é essente e carrega as experiências das consciências dos momentos anteriores. Esta percepção

tornou-se parte do entendimento do mundo a partir dos escritos hegelianos; e tal entendimento presente na *Fenomenologia do Espírito* na parábola do senhor e do escravo – dominação e servidão – deve ser sobreposto pelo “reconhecimento recíproco, no qual dois extremos se dão mutuamente como termo médio um para o outro” (SANTOS, 1993. p. 122), o reconhecimento só acontece a partir do movimento de ambas as consciências. Em relação ao evento – projeto interdisciplinar extraclasse ou projeto de extensão – no decorrer da aplicabilidade em 2020, pudemos avaliá-lo, destacando como aspecto positivo que, mesmo num momento de pandemia e isolamento social, uma instituição de educação básica ofereceu um evento com certificação, envolvendo um grande número de palestrantes e de participantes e a oportunidade de sujeitos com ideias diferentes expor sobre um mesmo tema: trabalho e cidadania, dialogando com outros profissionais e com os estudantes do ensino médio; o qual fortaleceu o ensino das Ciências Humanas e Sociais aplicadas. O ensino remoto possibilitou aos professores ferramentas metodológicas diferenciadas e, em Filosofia no primeiro semestre de 2021, foi proposto, além das aulas e da palestra com apenas uma convidada que dialogou com os estudantes e professores do ensino médio; foi proposto algo diferente do percurso do ano anterior, a saber, um questionário no intuito de mensurar e analisar resultados em relação ao entendimento filosófico do trabalho e da filosofia do trabalho para a consciência do estudante do ensino médio, revendo o filósofo que embasou todo esse estudo.

Mesmo Hegel não tendo escrito diretamente com intuito pedagógico, é visível em sua forma de pensar a importância da educação, os resultados desses encontros com diferentes modos de pensar, como mencionado acima, deu enfoque ao ensino de Ciências Humanas e Sociais aplicadas e a instituição escolar que permitiu esta pesquisa acredita que essa forma de ensino da Filosofia é de suma importância para a aprendizagem dos discentes e pretende continuar realizando tais eventos, para assim como Hegel, compreender o mundo por intermédio da reflexão sistemática.

Quanto a visão religiosa de Hegel, acreditamos que esta tenha influenciado na busca da reconciliação do ser humano (homem) com a natureza que é transformada pela ação – negativa – do trabalho. No entanto, esse “agir sobre” algo transformando-o, permitiu a criação da cultura (*Bildung*) que permanece no ser, ou seja, a produção exteriorizada (seja naquilo que pode ser percebido pelos órgãos dos sentidos, como arquitetura, artesanato, artes plásticas, música, ou uma aula bem explicada com a participação dos estudantes) cultura material e imaterial de um povo.

O ensino de Filosofia proporciona pensar em questões simples que perpassam o cotidiano. Os conceitos de liberdade, cidadania, democracia e trabalho que são conteúdos filosóficos presentes no Referencial Curricular do Ensino Médio do MS e, com a BNCC, revistos e reformulados inseridos no Organizador Curricular (OC) do Ensino Médio do MS de 2021, podem ser vislumbrados de muitas maneiras. O que propusemos foi ir além da sala de aula nesse transitar entre aulas – presenciais ou remotas – diálogos com pessoas de diferentes formações – múltiplos – que tem perspectivas diferentes sobre um mesmo conteúdo, permitindo ao estudante interagir e conceituar, construindo sua aprendizagem.

O professor de Filosofia conduz o estudante nessa construção, nesse sentido a realização deste estudo orientado pelas obras hegelianas e seus comentadores acerca do trabalho permitiu a ampliação do debate sobre o assunto, conquistando um viés político ao questionar sobre o posicionamento do estado na garantia de acesso ao mundo do trabalho, não apenas ao mercado de trabalho.

O ensino de Filosofia no Brasil acontece preferencialmente no ensino médio na rede pública, e com as alterações acontecendo dentro dos referenciais curriculares, propomos que dentro do eixo temático “Política e Trabalho” a apresentação do pensamento de Hegel, aos estudantes do terceiro ano do ensino médio, que sairão da educação básica e que talvez antes de vislumbrar o ensino superior, pela necessidade, adentre o mercado de trabalho com o conhecimento sobre o mundo do trabalho. Segundo o documento Organizador Curricular do Ensino Médio/MS (2021, p. 66) sugere que o professor de Filosofia “aprofunde estar presente na sociedade pelo trabalho que realiza”, ou seja, aqui temos de forma sucinta a problemática sobre o trabalho que Hegel descreve na *Fenomenologia do Espírito*. Nessa perspectiva, ensinar Hegel além dos livros didáticos contribui para a reflexão acerca do agir do ser humano no mundo, eticamente pensar o trabalho, bem como reconhecer que o fazer de um é também de todos, a medida que isto permanece. Permite ao estudante reconhecer-se como único e múltiplo, entendendo que senhor e escravo são elementos alegóricos, ou seja, figuras da consciência que enfatizam a dialética como vida (e morte) que nesse movimento reconhece a si mesma, bem como compreende a importância da política contemporânea, a partir do reconhecimento de grupos – únicos e múltiplos – onde a consciência de um depende de passar pelo outro e retornar para si.

Cabe salientar que este trabalho desenvolveu-se em grande parte de forma remota devido a pandemia do coronavírus; assim também contribuiu para o processo de formação continuada docente que constantemente buscou ferramentas metodológicas para tornar as

aulas de Filosofia instigantes e, ao mesmo tempo, instrumentalizou os estudantes no uso destas ferramentas – aplicativos como o *Whatsapp*, *Google Classroom*, *Google Meet*, *Canva*, *Mentimeter*, entre outros – que, acreditamos, serão comuns seja no trabalho, em ambientes corporativos, ou no ensino superior.

A culminância do trabalho com o evento extraclasse interdisciplinar – projeto de extensão – permitiu a confirmação de que a Filosofia é o componente curricular que pensa o sujeito integralmente, na medida em que incentiva a ética e a tolerância, estimula o respeito às diferentes formas de pensar, fortalecendo o debate e a exposição de ideias distintas. Logo, apresentamos aqui pensar conceitos de cidadania e democracia a partir do trabalho em Hegel para sequencialmente apresentar outros filósofos, permitindo ao estudante uma aprendizagem significativa contextualizada dos conteúdos filosóficos. Finalmente, os resultados obtidos com os produtos pedagógicos e com a análise do questionário apontam favoravelmente para o estudo do trabalho contemplando o filósofo Hegel, haja vista sua visão acerca do tema apresentar-se naturalmente na contemporaneidade por pensar a economia, o capitalismo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANHA, M. L. A. e MARTINS, M. H. P., *Filosofando: introdução à filosofia*, volume único. 6 ed. São Paulo: Moderna, 2016.

ARENDT, H. *A condição humana*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1995.

ASPIS, R. L.; GALLO, S. *Ensinar Filosofia: um livro para professores*. São Paulo: Atta Mídia e Educação, 2009.

BARBOSA, L. GERALDO, Z. Cidadão. Rio de Janeiro: CBS, 1979. Duração 3'39".

BECKENKAMP, J. *O jovem Hegel: formação de um sistema pós-kantiano*. São Paulo Edições Loyola, 2009.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular (BNCC)*. Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf>. Acesso em 20 set 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Resolução CNE/CEB no 1, de 15 de maio de 2009. Dispõe sobre a implementação da Filosofia e da Sociologia no currículo do Ensino Médio, a partir da edição da Lei nº 11.684/2008, que alterou a Lei nº 9.394/1996, de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). *Diário Oficial da União*, Brasília, seção 1, p. 25, 18 maio 2009. Disponível em: <<https://goo.gl/7Vaa3A>>.

BOURGEOIS, B. *O pensamento político de Hegel*. Trad. Paulo Neves da Silva. São Leopoldo: Unisinos, 1999.

CARNEIRO, A. M. C. G. *A linguagem e o outro na Fenomenologia do Espírito: a importância da linguagem na constituição do sujeito em Hegel*. Recife, 2007.

CENSO ESCOLAR. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/censo-escolar?start=40>> Acesso em 10 abril 2021.

CHAGAS, E. F.; NICOLAU, M. F. A. e OLIVEIRA, R. A. (org.) *Reflexões sobre a Fenomenologia do Espírito de Hegel*. Fortaleza: Edições UFC, 2008.

CHAUÍ, M. *A universidade pública sob nova perspectiva*. Disponível em <<https://www.scielo.br/pdf/rbedu/n24/n24a02.pdf>> Acesso em 25 ago 2020.

CHAUÍ, M. *Iniciação à filosofia: ensino médio*, volume único. São Paulo: Ática, 2010.

CIRNE-LIMA, C. *Dialética para principiantes*. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.

GALLO, S. *As múltiplas dimensões do aprender...* Disponível em <http://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/13_02_2012_10.54.50.a0ac3b8a140676ef8ae0dbf32e662762.pdf> Acesso em 15 de junho de 2021.

- GALLO, S. *Filosofia: experiência do pensamento*. Volume único. São Paulo: Scipione, 2018.
- GALLO, S. *Metodologia do ensino de Filosofia: uma didática para o ensino médio*. Campinas: Papirus, 2012.
- GELAMO, R.P. *O ensino da filosofia e o papel do professor-filósofo em Hegel*. Trans/Form/Ação, São Paulo, 31(2): 153-166 2008.
- GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- HAGUETTE, T. M. F. *Metodologias Qualitativas na Sociologia*. Petrópolis: RJ, Vozes, 1992.
- HEGEL, G.W.F. *A Fenomenologia do Espírito*. Trad. Paulo Meneses com a colaboração de Karl-Heinz Effen e José Nogueira Machado, SJ. Ed. Abril. Col. Os Pensadores. Seleção, tradução e notas: Henrique Cláudio de Lima Vaz. SP, 2002.
- HEGEL, G.W.F. *Ciência da Lógica* (Excertos). Seleção e tradução Marco Aurélio Werle. São Paulo: Barcarolla, 2011.
- HEGEL, G. W. F. *Jenaer Systementwürfe*. I. Hamburg: Felix Meiner, 1986.
- HEGEL, G.W.F. *Os Fragmentos 19 e 20 dos Systementwürfe 1803/1804*, de G.W.F. Tradução Erick Calheiros de Lima. Universidade Nacional de Brasília. Revista de Filosofia Moderna e Contemporânea. Brasília, vol 3, no 1, 2015.
- HEGEL, G.W.F. *O Fragmento 22 dos Systementwürfe 1803/1804*, de G.W.F. Tradução Erick Calheiros de Lima. Revista Eletrônica Estudos Hegelianos. Ano 5, no8, Junho-2008: 75-98
- HEGEL, G.W.F. *O Sistema da vida ética*. Trad. Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1991.
- HEGEL, G.W.F. *Princípios de Filosofia do Direito*. Martins Fontes. São Paulo, 2003.
- INWOOD, M. *Dicionário Hegel*. Trad. Álvaro Cabral. Zahar: Rio de Janeiro, 2001.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. *Fundamentos de metodologia científica*. São Paulo: Atlas, 2007.
- LUKÁCS, G. *O Jovem Hegel e os problemas da sociedade capitalista*. Trad. Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2018.
- MADUREIRA, M. M. S. *Trabalho como “interação”. Sobre a concepção de trabalho nos Esboços de Sistema I (1803/04) de Jena de Hegel*. 2015 Disponível <<http://www.revistas.usp.br/rapsodia/article/view/113676>> Acesso em 20 de ago de 2020.
- MÜLLER, L. A. P. *Economia política e espírito hegeliano: a influência de Steuarte e Smith na formação da filosofia de Hegel*. São Paulo: USP, 2011.
- NICOLAU, M. F. A. *O conceito de Bildung em Hegel*. Sertãoocult; Edições UVA, 2019.

NOVELLI, P. G. *O conceito de Educação em Hegel*. Interface _ Comunic, Saúde, Educ, v.5, n.9, p.65-88, 2001.

OLIVEIRA, J. W. J.; CASON, A. A influência do pensamento hegeliano no conceito de trabalho em Marx. IN: *Reflexões sobre a Fenomenologia do Espírito de Hegel*. Fortaleza, Edições UFC, pp. 71-80. 2008.

PATU, G. *A especulação financeira*. São Paulo: Publifolha, 2001. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/folha/publifolha/351845-publifolha-jornalista-explica-a-especulacao-e-como-mercados-determinam-o-fluxo-de-capitais-leia-trecho.shtml>> Acesso em 10 abril 2021.

PLEINES, J. E. *Friedrich Hegel*. Tradução de Silvio Rosa Filho. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Editora Massangana, 2010 (Coleção Educadores MEC).

PRODANOV, C.; FREITAS, E. C. de. *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. Novo Hamburgo: Feeval, 2013.

SANTOS, J. H. *Trabalho e riqueza na fenomenologia do espírito de Hegel*. São Paulo: Loyola, 1993.

SAVIANI, D. *Pedagogia Histórico-Crítica: Primeiras aproximações*. Campinas, SP: Autores Associados, 2011. 11 ed. rev.

SCHÄFER, M. E. *O conceito de trabalho na filosofia de Hegel e alguns aspectos de sua recepção em Marx*. Porto Alegre, 2012.

SILVA, A. G. F. *Hegel e a Educação*. Col, Pensadores e a Educação. São Paulo, Autêntica, 2013.

SILVA, R. G. A dialética do senhor e do escravo no contexto da consciência de si e o mundo do trabalho. In: CHAGAS, E. F.; NICOLAUE, M. F.; OLIVEIRA, R. A. (Orgs.) *Reflexões sobre a Fenomenologia do Espírito de Hegel*. Fortaleza: Edições UFC, 2008. (Coleção Diálogos Intempestivos - 64)

SMITH, A. *A Riqueza das Nações: investigação sobre sua natureza e suas causas*, São Paulo, Nova Cultural, 2ª edição, 1985.

SOBROSA, G. M. R., CAMERIN, C., SANTOS, A. S. DOS, & DIAS, A. C. G. (2012). Considerações acerca da inserção profissional de jovens do ensino médio. *Mudanças – Psicologia da Saúde*, 20(1-2), 41-49.

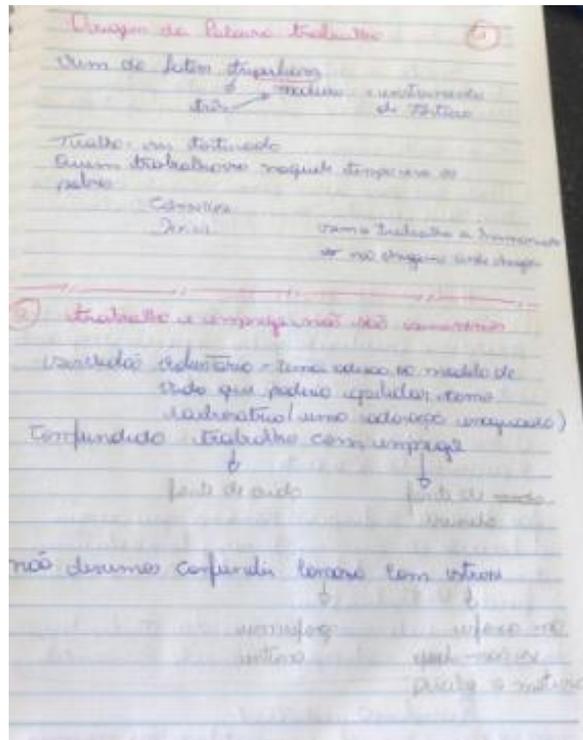
STREFLING, S. R. *O trabalho humano na perspectiva filosófica da encíclica laborem exercens*. Rev. Trim. Porto Alegre, v. 36 N° 154 Dez. 2006 p. 767-786.

TARDIF, M.; LESSARD, C. *O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas*. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

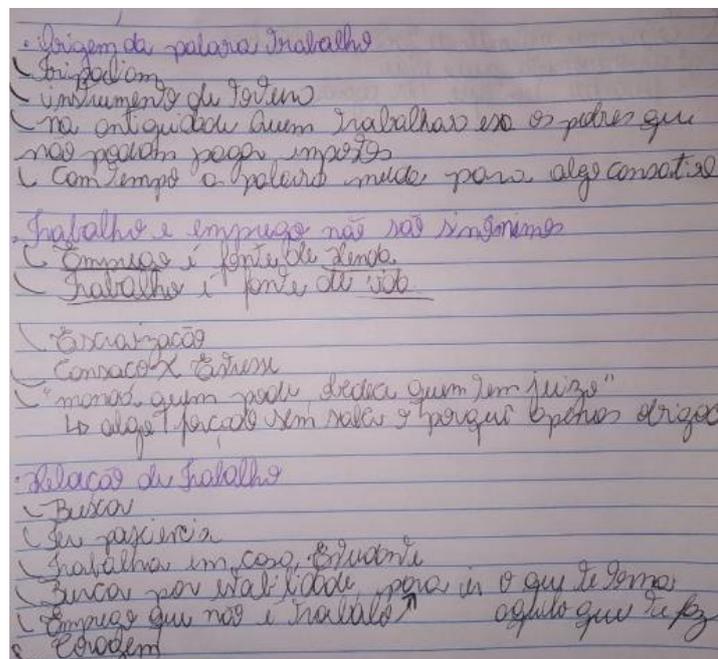
VAZ, H. C. L. Senhor e escravo: uma parábola da filosofia ocidental. Revista Síntese, 1981. Disponível em < <https://faje.edu.br/periodicos/index.php/Sintese/article/view/2175> > Acesso em 15 de maio de 2020.

VÁZQUES, A. S. *Filosofia da práxis*. Trad. Maria Encarnación Moya. 2º ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

ANEXO A: PRODUÇÕES DOS ALUNOS REFERENTE AS AULAS 2 e 4 DE 2020



Atividade de estudante do 3ºA



Atividade de estudante do 3ºB

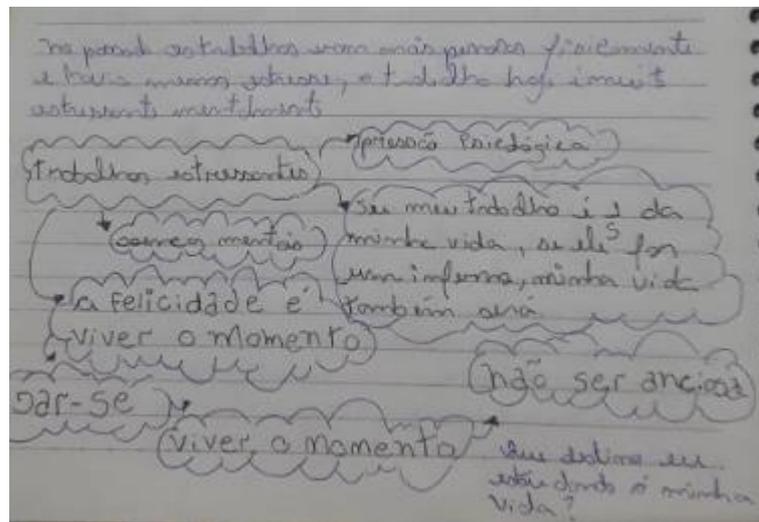
1- Trabalho: Humanização ou tortura?

O Trabalho é considerado uma atividade pela qual o humano se faz, pois produz as coisas e ao mesmo tempo, constrói a própria subjetividade.

Ao passar por esse processo, o trabalho modifica e enriquece a percepção do mundo e de si próprio. Desperta sentimentos ambíguos, interessante para alguns e uma simples obrigação para os outros.

A origem da palavra "trabalhar" tem o sentido de trabalhar a tortura; "tripalium" é um instrumento formado por três paus, usado para atar condenados. Pode-se dizer que o ser humano está condenado à infelicidade, pois para alguns, trabalhar causa desprazer.

Atividade estudante do 3º B



Atividade estudante do 3º C

Trabalho: Humanização ou tortura?

Isso depende do ponto de vista de cada um e de como se relacionam com o meio onde se vive, porque faz algo que não gosta e realmente é torturante tudo em vista que quem faz o que gosta ele como uma maneira de estudar de "além das mãos", ou seja tudo o que surge no o passo que está respondendo. Porém o trabalho está em vários estímulos como "o trabalho enriquece o homem" e isso faz com que todos busquem o trabalho de forma alienada e sem prazer, não participando de toda a riqueza e os frutos nem do lucro que seu trabalho rende.

Atividade estudante 3º

ANEXO B: PROJETO ENVIADO À CRE 10 E À SED EM 2020

**ESCOLA ESTADUAL JORGE AMADO
PROJETO EXTRACURRICULAR E INTERDISCIPLINAR**

DIÁLOGOS DEMOCRÁTICOS

Chapadão do Sul

2020

1. Introdução

O término do ensino médio, como ritual de passagem, necessita ser pensado e refletido. Afinal, foram três anos, ou mais, que este jovem se preparava para o mundo; mesmo estando inserido neste mundo... É impossível dissociar o jovem do contexto histórico – social ao qual pertence, assim é imprescindível a valorização da subjetividade humana que tenta conhecer sua realidade e o outro, mas também que faz parte de um sistema que preza o consumo e que cria necessidades para serem compradas, absorvidas por esta geração de consumidores e trabalhadores.

Este jovem que sonha em ser livre - financeiro e emocional - é o sujeito o qual é pensado este projeto, uma análise acerca da saída do indivíduo do ensino médio e sua inserção ao mercado de trabalho.

Ao se falar em pesquisa leva-se em consideração o confronto de opiniões e dados coletados para que se possa extrair conclusões, pontuar, considerar o fenômeno analisado de forma que haja um *feedback* acerca do tema. “A construção da ciência é um fenômeno social por excelência” (LÜDKEE; ANDRÉ, 1986, p.2).

Logo, é importante levar em consideração que a pesquisa é uma atividade humana social, então, traz uma certa “carga de valores, preferências, interesses e princípios que orientam o pesquisador” (LÜDKEE; ANDRÉ, 1986, p.3). Onde, sua visão de mundo contribuirá para esmiuçar o fenômeno ali pesquisado. Em específico, o trabalho e o mercado de trabalho.

Sabe-se das transformações que aconteceram e continuam a acontecer no âmbito do trabalho. Em uma breve trajetória – da revolução industrial à revolução tecnológica – em pouco mais de três séculos muito se progrediu além do acesso a informação com tamanha facilidade. A questão que surge então: o que é de fato importante para esta geração de trabalhadores?

A geração anterior foi educada para suprir a demanda de mão de obra que a sociedade industrial, vigente até então, exigia. E, como mão de obra, automaticamente reproduzia – e ainda reproduz - conceitos, por vezes, irrefletidos num contexto filosófico. Que reflexões acerca do trabalho e do utilitarismo dado a este ou do status que se demonstra imponente, faz-se no contexto escolar? Como o jovem entende a cidadania? Por que o estudante ávido por sua independência, a busca no trabalho? Seria essa independência almejada, apenas

financeira? Por que na transição para o ensino superior a procura por cursos considerados “rentáveis” são maiores entre os jovens concluintes do Ensino Médio?

Se por um lado a busca por um emprego direciona, muitas vezes, ao trabalho técnico, por outro são poucos os jovens que concluem com êxito a educação básica. Estudos do Ministério da Educação (MEC, 06 out 2016) apontam para o índice de evasão e desistência maiores entre primeiro e segundo anos do ensino médio, e quase sempre, os estudantes abandonam a escola para poder trabalhar e auxiliar no sustento familiar.

Esses jovens sentem necessidade do estudo formal na maioria e retornam para a instituição escolar na educação de jovens e adultos (EJA); enfatizando a divisão social do trabalho e a dicotomia trabalho manual X trabalho intelectual. E neste “círculo vicioso” o próprio mercado é alimentado - e se alimenta - do impulso constante que a globalização alavancada pelo capitalismo, cria necessidades. E o trabalhador/ estudante não enxerga claramente esta relação.

Nesse sentido é essencial o entendimento do que seja o mercado de trabalho e a divisão social do trabalho, a cidadania, o educar pela cidadania, educar para a autonomia. Pensar em autonomia é pensar na indissociabilidade desta com a liberdade do sujeito e isto está presente no modelo de modernidade, proposto na *Fenomenologia do Espírito* de Hegel. Ser autônomo implica em ter a consciência de que a vontade é mediada e reconhecida em si e para si. É a busca que a consciência faz para o entendimento do mundo – e que se julga senhora deste – “... que é na verdade efetivo, mas só à medida que é o movimento do pôr-se a-si-mesmo, ou a mediação consigo mesmo do tomar-se-outro.” (HEGEL, 1974, p.30) A partir da igualdade que o verdadeiro se revela e o ser vê a si mesmo e vê o outro num projeto de sociedade.

Como estudantes de escola pública vêm ou se preparam para adentrar o mundo do trabalho, ou ainda já estão imersos, refletem sobre sua ação laboral? Como as forças capitalistas são reconfiguradas a cada época? Há diferenças entre trabalho e emprego? O estudante ao estar no mercado de trabalho vive ou apenas sobrevive? Há consciência de sub-existência? A cidadania é entendida em toda sua complexidade?

Este projeto visa um diálogo aberto com uma reflexão além do trabalho, ou seja, que o estudante se veja como parte integrante dessa engrenagem e ainda perceba que a emancipação - como projeto de humanidade - só é possível e viável com a emancipação coletiva, uma consciência coletiva de evolução. Apresenta-se uma nova questão: será possível conciliar a liberdade individual com emancipação coletiva, levando em consideração os anseios juvenis?

Pretende-se finalizar esse projeto com um movimento na comunidade escolar, algo único on-line onde, com o envolvimento dos estudantes do terceiro ano do ensino médio e de professores das Ciências Humanas e suas tecnologias e de Linguagens e suas tecnologias, será organizado o evento: *Diálogos Democráticos*, convidando professores, estudantes de outras séries (segundo ano ensino médio). Um momento onde o conhecimento estará para além da sala de aula, para além dos muros da escola.

2. Objetivo geral

Compreender como as relações sociais são influenciadas pelo trabalho e pelo processo capitalista de aquisição das mesmas. Bem como discutir que através do desejo de obter as mercadorias, o consumo, os estudantes são influenciados nesse processo que vai além de pensar o papel que o trabalho desempenha no cotidiano, para que estes possam estabelecer um diálogo entre trabalho e direitos sociais; bem como desenvolver reflexões acerca da cidadania relacionada com o trabalho; e finalizar com o projeto extracurricular e interdisciplinar: *Diálogos Democráticos*.

2.1. Objetivos específicos

Interpretar o conceito de cidadania, na relação estudante/mercado de trabalho e como esta se apresenta na contemporaneidade.

Analisar aspectos positivos e negativos do trabalho nas obras históricas e filosóficas abordadas no evento.

Organizar o evento “*Diálogos Democráticos*” com estudantes do terceiro ano do ensino médio, para toda a comunidade escolar.

Apresentar a comunidade escolar, a partir das redes sociais, a produção intelectual dos estudantes ao final do projeto.

3. Metodologia

O projeto inicia-se com a *sensibilização* pensada como a primeira etapa onde os professores provocam o interesse dos estudantes para o tema escolhido. Isso poderá ser feito a partir do uso de diversos materiais como textos que não foram originalmente elaborados como

filosóficos, tais como música ou poesia, tirinhas acerca do trabalho, é aqui que o professor aproveita para aproximar o universo do estudante às questões democráticas, em diferentes componentes curriculares.

Em seguida, os professores dedicam-se a ensinar os jovens a formularem questões que possam gerar a investigação. A esta etapa dá-se o nome de *problematização*. No projeto, serão questões norteadoras do pensar das ciências humanas e das linguagens, associado ao levantamento estatístico a partir da análise da realidade dos estudantes matriculados no primeiro ano do ensino médio do turno noturno e da expectativa de futuro dos estudantes que finalizam o ensino médio – que deverão responder a um questionário previamente elaborado e enviado aos mesmos.

A etapa de *investigação* é dedicada ao estudo de textos científicos escolhidos para a leitura, possibilitando o embasamento aos jovens para fazer a *conceituação*. Os professores instigarão os estudantes do terceiro ano do ensino médio – estendendo o convite para alunos do segundo ano do ensino médio - para a participação de um evento online em setembro (Semana da Pátria) denominado: *Diálogos Democráticos*, que contará com palestrantes professores da instituição e convidados de outros setores da sociedade, abrangendo temas como cidadania e trabalho.

Este projeto será finalizado com a *concretização*: a elaboração de memes, tirinhas, charges (como releituras das apresentadas na primeira etapa do projeto) com embasamento teórico alicerçado pelos professores envolvidos. Estes trabalhos comporão um painel online para publicação das redes sociais da instituição escolar.

4. Cronograma

Julho e Agosto – Inscrição dos estudantes no link do Google drive (a ser criado)

Setembro – Dias 08/09 e 10/09 realização das lives com acesso ao google meet dos estudantes e professores envolvidos.

- Dia 20/09 – Disponibilização das certificações aos participantes do evento.

Outubro – (primeira semana) Prazo final para entrega dos trabalhos online para publicação nas redes sociais.

- Publicação dos trabalhos realizados pelos estudantes dos terceiros anos do ensino médio (banner virtual)

5. Professores Envolvidos

Sandra Regiane Rodrigues Pereira – Professora de Filosofia

Tânia Francini Steile Melo – Professora de História

Me. Wagner Silvestre - Professor de Educação Física

Adriano Archila – Professor de Atividade Eletiva III

ANEXO C: MODELO DE TERMO DE AUTORIZAÇÃO DO USO DE IMAGENS

Mestrado Profissional em Filosofia

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

Chapadão do Sul, 20 de abril de 2021.

Eu, FERNANDA PROENÇA DE AZAMBUJA, de Registro Geral de Identidade número 930.845 SSP/MS, Promotora de Justiça, brasileira, residente à Rua Dezoito 450, na cidade de Chapadão do Sul, Mato Grosso do Sul, declaro para os devidos fins que **CEDO O DIREITO DE USO E DIVULGAÇÃO** da minha imagem e som, capturados via google meet, nos dias 08 de 10 de setembro de 2020, no evento Diálogos Democráticos, **bem como os materiais advindos deste evento**, para o Mestrado Profissional em Filosofia, na pessoa do(a) senhor(a) Sandra Regiane Rodrigues Pereira, portador do Registro Geral de Identidade número 6402767-0 SSP/PR, autorizando-os a divulgá-las amplamente em mídias digitais ou analógicas e em páginas de internet ou outros meios sem avisos prévios.

Abdicando de meus direitos e de meus descendentes, subscrevo o presente,

Assinatura

ANEXO D: ARTES PRODUZIDAS PARA DIVULGAÇÃO DO EVENTO EM 2020

📢 📢 📢 ATENÇÃO!! 📢 📢 📢

A ESCOLA ESTADUAL JORGE AMADO EM SETEMBRO APRESENTA:

📢 📢 📢 "DIÁLOGOS DEMOCRÁTICOS" 📢 📢 📢

O TÉRMINO DO ENSINO MÉDIO, COMO RITUAL DE PASSAGEM, NECESSITA SER PENSADO E REFLETIDO. AFINAL, FORAM TRÊS ANOS, OU MAIS, QUE ESTE JOVEM SE PREPARAVA PARA O MUNDO; MESMO ESTANDO INSERIDO NESTE MUNDO... É IMPOSSÍVEL DISSOCIAR O JOVEM DO CONTEXTO HISTÓRICO – SOCIAL AO QUAL PERTENCE, ASSIM É IMPRESCINDÍVEL A VALORIZAÇÃO DA SUBJETIVIDADE HUMANA QUE TENTA CONHECER SUA REALIDADE E O OUTRO, MAS TAMBÉM QUE FAZ PARTE DE UM SISTEMA QUE PREZA O CONSUMO E QUE CRIA NECESSIDADES PARA SEREM COMPRADAS, ABSORVIDAS POR ESTA GERAÇÃO DE CONSUMIDORES E TRABALHADORES. ESTE JOVEM QUE SONHA EM SER LIVRE – FINANCEIRO E EMOCIONAL - É O SUJEITO O QUAL É PENSADO ESTE PROJETO, UMA ANÁLISE ACERCA DA SAÍDA DO INDIVÍDUO DO ENSINO MÉDIO E SUA INSERÇÃO AO MERCADO DE TRABALHO.

TUDO ISSO SERÁ DISCUTIDO EM NOSSO "DIÁLOGO DEMOCRÁTICO", NÃO PERCAM!!

COM A PARTICIPAÇÃO DE VÁRIOS PROFESSORES E CONVIDADOS

👤 👤 👤 👤 👤 👤 👤 👤 👤 👤 👤 👤 👤 👤 👤

E. E. JORGE AMADO
APRESENTA EM SETEMBRO



**Diálogos
Democráticos**

DIAS 08/09 E 10/09
DAS 18:30-22:30 (HORÁRIO DE MS)

E.E. Jorge Amado



*DIALOGOS
DEMOCRÁTICOS*



Profª. Fabiana Souza



Profª. Sandra Regiane

E.E. Jorge Amado



*DIALOGOS
DEMOCRÁTICOS*



Profº Rogério Nascimento



Profº Otoniel Blanco



Profº Wagner Garcia

E.E. Jorge Amado



*DIALOGOS
DEMOCRÁTICOS*



Drª Fernanda Azambuja



Profª Tânia Francini

DIÁLOGOS DEMOCRÁTICOS

E
E
J
O
R
G
E
A
M
A
D
O



A
P
R
E
S
E
N
T
A

FERNANDA PROENÇA DE AZAMBUJA

PROMOTORA DE JUSTIÇA DO MPMS, TITULAR DA 2ª PROMOTORIA DE CHAPADÃO DO SUL, COM ATUAÇÃO CÍVEL E CRIMINAL E NAS ÁREAS ESPECIALIZADAS DE MEIO AMBIENTE E URBANISMO, INFÂNCIA E JUVENTUDE, IDOSO, PESSOA COM DEFICIÊNCIA, DIREITOS HUMANOS E CONSTITUCIONAIS DO CIDADÃO. GRADUADA EM DIREITO NA UFMS, ESPECIALISTA EM CIÊNCIAS CRIMINAIS PELA UNISUL, MESTRE/A EM PROCESSO PENAL E GARANTISMO PELA UNIVERSIDADE DE GIRONA/ESPANHA, ALUNA ESPECIAL DO MESTRADO EM DIREITOS HUMANOS DA UFMS

DIÁLOGOS DEMOCRÁTICOS

E
E
J
O
R
G
E
A
M
A
D
O



A
P
R
E
S
E
N
T
A

FABIANA LÚCIA DE SOUZA

Professora formada em História, FIC-FAVA/2005 e Pedagogia, UFMS/2010. Possui pós-graduação em ambas as áreas. Mestranda em Educação na UEMS (Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul) Paranaíba sob a pesquisa: Ações afirmativas na pós-graduação: a experiência nas universidades públicas de Mato Grosso do Sul. Área de concentração em Currículo, formação docente e diversidade. Orientadora: Profª Dra Maria José de Jesus Alves Cordeiro.

DIÁLOGOS DEMOCRÁTICOS

E
E
J
O
R
G
E
A
M
A
D
O



A
P
R
E
S
E
N
T
A

OTONIEL BLANCO

Formado em Filosofia pela Universidade Católica Dom Bosco (2005), professor da rede estadual na disciplina de Filosofia desde 2006, especialista em Mídias na Educação 2011/2012 e em Coordenação Pedagógica 2013/2014, Mestre em Filosofia pela UFMS 2017/19. Atua como coordenador pedagógico em Campo Grande/MS.

DIÁLOGOS DEMOCRÁTICOS

E
E
J
O
R
G
E
A
M
A
D
O



A
P
R
E
S
E
N
T
A

ROGÉRIO NASCIMENTO

Professor de História, graduado pela Universidade do Estado de Goiás UEG. Historiador com ênfase em conhecimentos didáticos, História Antiga do Brasil, Cultura Afro Brasileira e Epistemologia. Especialista em Filosofia pela UEG (Mini Curso de Filosofia Existencial). Teólogo formado pela CGTA. Palestrante da cultura religiosa. Atuou como membro ativo do Conselho Cultural e marco histórico das cidades (Nova Lima; Belo Horizonte, Raposos, Ouro Preto, Mariana, Tiradentes). Sua formação em História, Antropologia, Filosofia, Teologia e Publicação de dois livros.

DIÁLOGOS DEMOCRÁTICOS

E
E
J
O
R
G
E
A
M
A
D
O



A
P
R
E
S
E
N
T
A

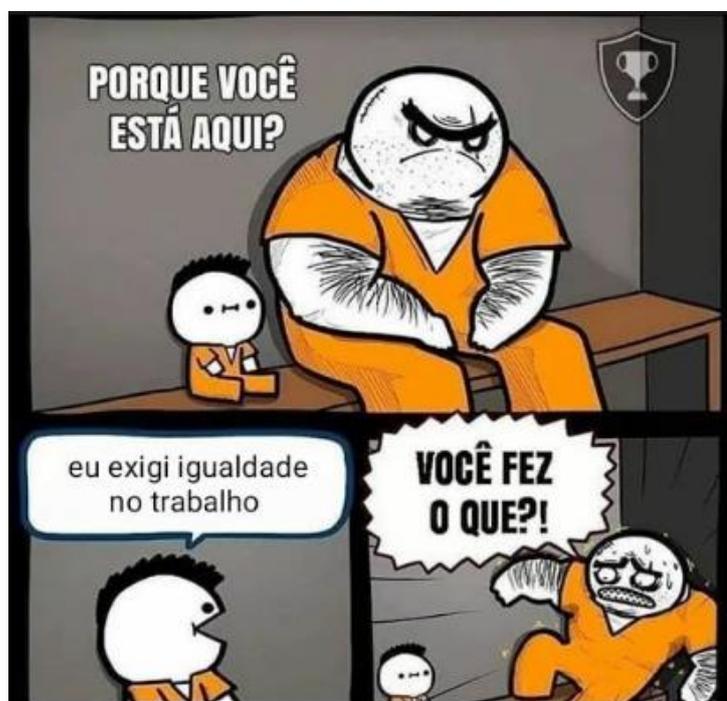
SANDRA REGIANE R. PEREIRA

Formada em Pedagogia pela FAFIJAN e em Filosofia pela UNIOESTE. Especialista em Psicopedagogia pela FAFIJAN e em Coordenação Pedagógica pela UFMS. Mestranda em Filosofia pela UFMS 2019/2021. Atua na rede estadual de ensino desde 2006, como professora do ensino fundamental I e do Ensino Médio, atuou como coordenadora pedagógica.

**DIÁLOGOS
DEMOCRÁTICOS****E
E
J
O
R
G
E
A
M
A
D
O****A
P
R
E
S
E
N
T
A****TÂNIA FRANCINI STEINLE MELO**

Professora de História, formada pela UFMS , Campus de Três Lagoas desde 1994. Especialista em Moderna Educação: metodologias, tendências e foco no aluno pela PUC-RS. Estudante de graduação em Economia pela Unopar e estudante do MBA em Administração, Finanças e Geração de Valor pela PUC-RS. Vice presidente da Fundação Ulysses Guimarães da filial de Mato Grosso do Sul , atuando como mediadora voluntária dos cursos da FUG voltados a área de políticas públicas , cidadania e gestão pública desde 2008.

ANEXO E: PRODUTOS PEDAGÓGICOS DOS ESTUDANTES APÓS O EVENTO EM 2020



Trabalho e cidadania

As mutações no mundo do trabalho geram insatisfação, crise, desconforto, desemprego e essa realidade precisa ser conhecida pela população que está atônita em busca de sua própria identidade, pois o trabalho é a principal via que transporta o indivíduo à condição de gente exercendo o direito à cidadania.

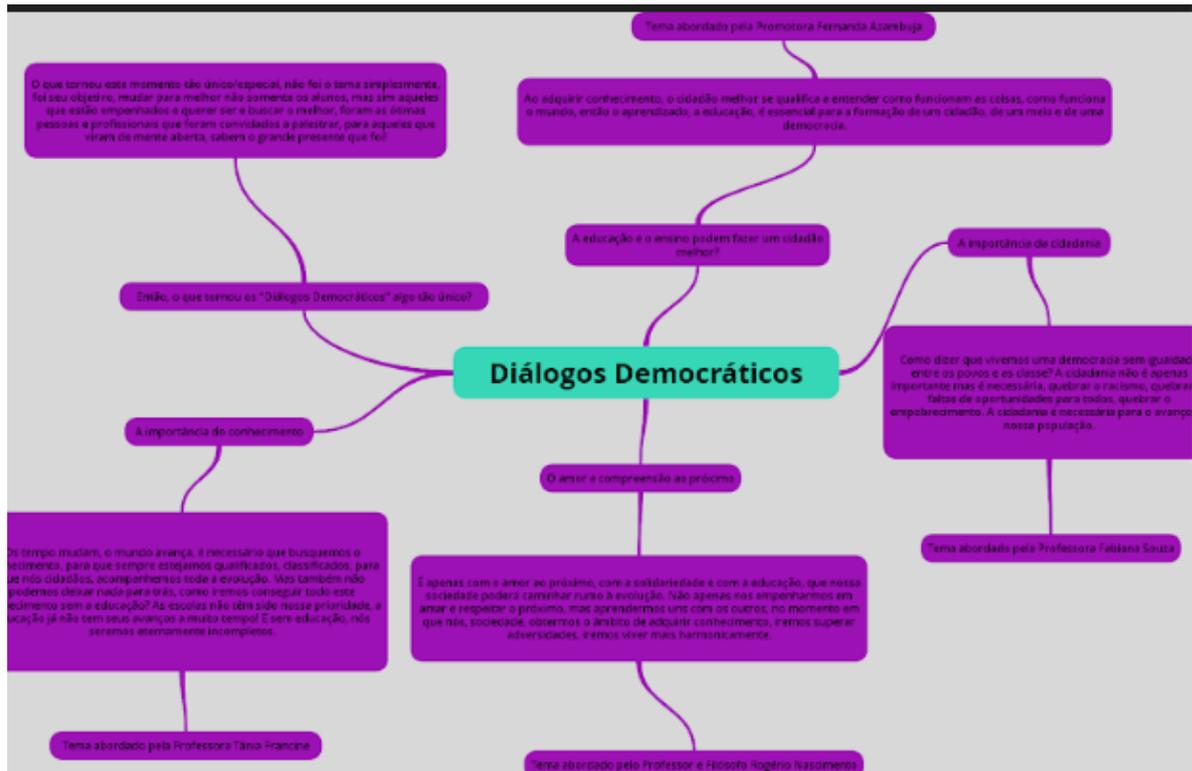


TRABALHO (HEGEL)

PARA HEGEL SOMENTE POR MEIO DE SEU TRABALHO QUE O HOMEM PODE REALIZAR PLENAMENTE SUAS HABILIDADES EM PRODUÇÕES MATERIAIS, OU SEJA, O TRABALHO É A ESSÊNCIA DO HOMEM.

- MOLA QUE IMPULSIONA O DESENVOLVIMENTO
- ATRAVÉS DO TRABALHO QUE FOI POSSÍVEL EXISTIR A RELAÇÃO SUJEITO-OBJETO
- O TRABALHO É O NÚCLEO QUE ATRAVÉS DELE É POSSÍVEL ENTENDER AS FORMAS COMPLICADAS DA ATIVIDADE CRIADORA DO SUJEITO HUMANO.
- SURGE À OPORTUNIDADE DO SER HUMANO ATUAR EM CONTRAPOSIÇÃO À NATUREZA. O HOMEM NÃO DEIXA DE SER UM ANIMAL, DE PERTENCER À NATUREZA; POREM JÁ NÃO PERTENCE INTEIRAMENTE A ELA. O TRABALHO PROPORCIONOU AO HOMEM CERTA AUTONOMIA DIANTE DA NATUREZA. O TRABALHO É A "CHAVE" PARA COMPREENDERMOS O QUE É SUPERACÃO DIALETICA.

DANIELY, 3ºB



Hegel: o trabalho leva a evolução humana

Pré-história

As pessoas caçavam e pescavam pensando no coletivo.

1ª revolução industrial

A vida se forma como as pessoas trabalhavam foi modificada.

A evolução...

Século XXI

ANEXO F: PROJETO ENVIADO AO CRE 10 E SED EM 2021
ESCOLA ESTADUAL JORGE AMADO
PROJETO EXTRACURRICULAR

O TRABALHO NA PERSPECTIVA FILOSÓFICA

Chapadão do Sul

2021

1. Introdução

O findar do ensino médio é um período de transição entre o estudo e adentrar ao mundo do trabalho. A escola é o espaço socialmente organizado onde é possível reunir diferentes sujeitos; assim, é de fundamental importância a valorização da subjetividade humana que tenta conhecer sua realidade e o outro. No entanto, esse mesmo espaço social se defronta com indivíduos *desejantes* de objetos e coisas para consumo, logo o mercado cria necessidades para serem absorvidas por esta geração de consumidores/trabalhadores.

Este jovem que sonha em ser livre – financeira e emocionalmente – é o sujeito o qual é pensado este projeto, uma análise filosófica da inserção ao mercado de trabalho no século XXI como exercício de alteridade e cidadania.

Sendo a pesquisa uma atividade humana social, traz uma certa “carga de valores, preferências, interesses e princípios que orientam o pesquisador” (LÜDKEE; ANDRÉ, 1986, p.3), onde, sua visão de mundo contribuirá para esmiuçar o fenômeno ali pesquisado. No projeto que aqui apresentamos: o trabalho e o mercado de trabalho.

Sabe-se das transformações que aconteceram e acontecem, num constante movimento, no âmbito do trabalho. Em uma breve trajetória – da revolução industrial à revolução tecnológica – em pouco mais de três séculos muito se progrediu. Que reflexões acerca do trabalho e do utilitarismo dado a este ou do *status* que se demonstra imponente, faz-se no contexto escolar? Como o jovem entende a cidadania? Por que o estudante ávido por sua independência, a busca no trabalho? Seria essa independência almejada apenas financeira? Por que na transição para o ensino superior a procura por cursos considerados “rentáveis” são maiores entre os jovens concluintes do Ensino Médio?

Se por um lado a busca por um emprego direciona, muitas vezes, ao trabalho técnico, por outro são poucos os jovens que concluem com êxito a educação básica. Estudos do Ministério da Educação (MEC, 2016) apontam para o índice de evasão e desistência maiores entre primeiro e segundo anos do ensino médio, e quase sempre, os estudantes abandonam a escola para poder trabalhar e auxiliar no sustento familiar.

Esses jovens sentem necessidade do estudo formal na maioria e retornam para a instituição escolar na educação de jovens e adultos (EJA); enfatizando a divisão social do trabalho e a dicotomia trabalho manual X trabalho intelectual. E neste “círculo vicioso” o próprio mercado é alimentado – e se alimenta – do impulso constante que a globalização

alavancada pelo capitalismo gera necessidades. E o estudante/trabalhador não enxerga claramente esta relação.

Nesse sentido é essencial o entendimento do que seja o mercado de trabalho e a divisão social do trabalho, a cidadania, o educar pela cidadania, educar para a autonomia. Pensar em autonomia é pensar na indissociabilidade desta com a liberdade do sujeito e isto está presente no modelo de modernidade, proposto por Hegel em sua obra *Fenomenologia do Espírito* (1807). Ser autônomo implica em ter a consciência de que a vontade é mediada e reconhecida em si e para si. É a busca que a consciência faz para o entendimento do mundo – e que se julga senhora deste – “... que é na verdade efetivo, mas só à medida que é o movimento do pôr-se a-si-mesmo, ou a mediação consigo mesmo do tomar-se-outro.” (HEGEL, Tradução de Paulo Meneses, 2002, § 17, p.34) A partir da igualdade que o verdadeiro se revela e o ser vê a si mesmo e vê o outro num projeto de sociedade.

Como estudantes de escola pública veem ou se preparam para o mundo do trabalho, ou ainda já inseridos como jovens aprendizes, refletem sobre sua ação laboral? Como as forças capitalistas são reconfiguradas a cada época? Há diferenças entre trabalho e emprego? Como a pandemia iniciada no final de 2019, têm reconfigurado o trabalho? A cidadania é entendida em sua complexidade ou apenas vista como “direito ao voto”?

Este projeto apresenta o trabalho como centro desta reflexão filosófica, ou seja, que o estudante se veja como parte integrante dessa engrenagem e ainda perceba que a emancipação – como projeto de humanidade – só é possível e viável com a emancipação coletiva, uma consciência coletiva de evolução. Assim, é imprescindível pensar as reconfigurações do trabalho, acontecem durante a pandemia no processo de constantes mudanças.

2. Objetivo geral

Compreender teoricamente o papel que o trabalho desempenha no cotidiano dos estudantes do ensino médio, para que estes possam estabelecer um diálogo entre trabalho, direitos sociais e alteridade; bem como desenvolver reflexões acerca da cidadania relacionada com o trabalho.

2.1. Objetivos específicos

Interpretar o conceito de cidadania, na relação estudante/mercado de trabalho e como esta se apresenta na contemporaneidade.

Analisar aspectos positivos e negativos do trabalho nas obras históricas e filosóficas abordadas no evento.

3. Cronograma

Dia 11 de maio – palestra direcionada aos estudantes dos terceiros anos do ensino médio através do recurso on-line – *Google Meet*.

5. Professores Envolvidos

Professores lotados na instituição que está organizando a palestra – Escola Estadual Jorge Amado – Chapadão do Sul/MS.

Fábia Montanaro – Professora de Filosofia

Rogério Nascimento – Professor de Filosofia

Sandra Regiane Rodrigues Pereira – Professora de Filosofia

OBS: a professora Sandra Regiane está envolvida com o projeto tendo em vista que faz parte do desenvolvimento do mestrado em Filosofia que a mesma está cursando.

5.1 Convidado

Profª. Ms. Fernanda Laís Carneiro – mestre em Filosofia (prof – filo) e professora da rede estadual do Mato Grosso do Sul, onde atua no município de Campo Grande.

6. Referências

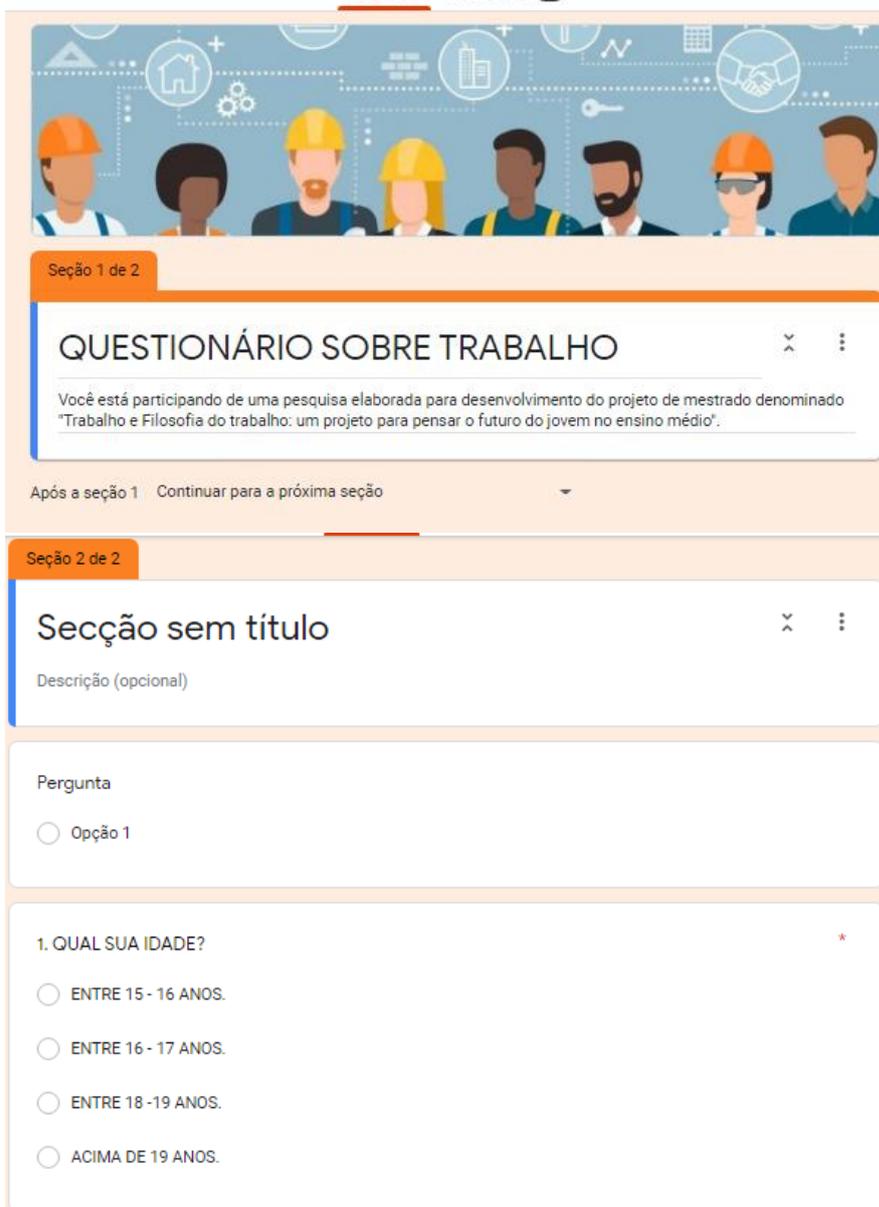
HEGEL, G.W.F. A Fenomenologia do Espírito. Ed. Abril. Col. Os Pensadores. Seleção, tradução e notas: Henrique Cláudio de Lima Vaz. SP, 1974.

LUDKE M., ANDRÉ, M. Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas. São Paulo, EPU, 1986.

MEC. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/212-educacao-superior-1690610854/40111-altos-indices-de-evasao-na-graduacao-revelam-fragilidade-do-ensino-medio-avalia-ministro>> Acesso em 10 abril de 2021.

SANTOS, J. H. Trabalho e riqueza na fenomenologia do espírito de Hegel. São Paulo: Loyola, 1993.

ANEXO G: QUESTIONÁRIO PARA COLETA DE DADOS



The image shows a digital survey interface. At the top, there is a header banner with icons representing various work-related concepts (home, gears, bar chart, handshake, key) and illustrations of diverse workers wearing hard hats. Below the banner, the interface is divided into two sections:

Seção 1 de 2

QUESTIONÁRIO SOBRE TRABALHO

Você está participando de uma pesquisa elaborada para desenvolvimento do projeto de mestrado denominado "Trabalho e Filosofia do trabalho: um projeto para pensar o futuro do jovem no ensino médio".

Após a seção 1 Continuar para a próxima seção

Seção 2 de 2

Secção sem título

Descrição (opcional)

Pergunta

Opção 1

1. QUAL SUA IDADE? *

- ENTRE 15 - 16 ANOS.
- ENTRE 16 - 17 ANOS.
- ENTRE 18 -19 ANOS.
- ACIMA DE 19 ANOS.

2. COM QUEM MORA ATUALMENTE? *

- MÃE.
- PAI.
- AVÓ/ AVÔ.
- CONHECIDOS/ AMIGOS.
- SOZINHO.
- COM OS PAIS.
- OUTRO.

3. QUANTAS PESSOAS MORAM NA SUA CASA? (contando com você) *

- 2 PESSOAS.
- 3 PESSOAS.
- 4 PESSOAS.
- 5 OU MAIS PESSOAS.

4. VOCÊ TRABALHA OU JÁ TRABALHOU? *

- SIM.
- NÃO.

5. SUA RENDA, ATUAL OU QUANDO TRABALHOU: *

- APROXIMADAMENTE 500 REAIS.
- ACIMA DE 500 REAIS.
- ACIMA DE 1000 REAIS.
- NUNCA TRABALHEI.

6. SUA RENDA AUXILIA, OU AUXILIAVA, SUA FAMÍLIA? *

- SIM.
- NÃO.
- UM POUCO.

7. VOCÊ CONSIDERA O ESTUDO IMPORTANTE PARA O TRABALHO? (ATUAL OU FUTURO) *

- SIM.
- NÃO.
- EM PARTES.

8. NUMA ESCALA DE 0 A 10, QUAL O NÍVEL DE IMPORTÂNCIA QUE VOCÊ ATRIBUI AO TRABALHO PARA REALIZAÇÃO PESSOAL? *

- 0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
-

9. O TRABALHO, NA SUA OPINIÃO, É SINÔNIMO DE... (você pode marcar mais de uma opção) *

- NECESSIDADE.
- LIBERDADE.
- AUTONOMIA.
- INCLUSÃO SOCIAL.
- SEGURANÇA.
- RECONHECIMENTO.
- OUTROS.

10. VOCÊ IDENTIFICA RELAÇÃO QUE EXISTE ENTRE O TRABALHADOR E O OBJETO TRABALHADO COM FACILIDADE. *

- SIM.
- NÃO.
- TALVEZ.

11. DE QUE FORMA VOCÊ VÊ O PRODUTO DO TRABALHO NO MUNDO? (você pode marcar mais * de uma opção)

- VEJO NA CULTURA (MATERIAL E IMATERIAL).
- VEJO NAS INTERAÇÕES ENTRE PATRÃO E EMPREGADO.
- VEJO NO AGIR DO SER HUMANO SOBRE A NATUREZA.
- VEJO NO AVANÇO DA TECNOLOGIA.
- OUTROS.

12. NA SUA OPINIÃO, O RESULTADO DO TRABALHO ESTÁ RELACIONADO? (você pode marcar * mais de uma opção)

- AO SALÁRIO.
- À SATISFAÇÃO DOS DESEJOS.
- AO CONSUMO.
- AO STATUS SOCIAL.
- AO DESTACAR-SE NAS REDES SOCIAIS.
- OUTRO.



QUESTIONÁRIO SOBRE TRABALHO

O formulário QUESTIONÁRIO SOBRE TRABALHO não aceita mais respostas.
Entre em contato com o proprietário do formulário se você achar que isso é um erro.

[Retomar a coleta de respostas \(somente os editores do formulário podem ver este link\).](#)

Este formulário foi criado em Secretaria Estadual de Educação do Mato Grosso do Sul. [Denunciar abuso](#)

Google Formulários

Fonte: o pesquisador.